

AMARU II



Anjee Cristina



ESTRELA AMIGA

ESTRELA AMIGA
AMARU II

Anjee Cristina

anjeecristina@gmail.com

Chapada dos Veadeiros

Verão de 2011

**Uma nativa do interior do Brasil sonha
com um grupo de refugiados do Oriente
que navega pelo mar Mediterrâneo,
seguindo a rota traçada no céu pela constelação das Pleiades.**

**Os refugiados se dirigem para as terras ocidentais
e suas memórias do passado da Terra,
bem como suas projeções de futuro,
despertam lembranças e reflexões na mulher nativa
e a levam a contar as suas histórias da Terra
para uma estrela pleiadiana.**

Identificação das imagens

Página	tema	autor
02	Aglomerado das Plêiades	telescópio Hubble
02	estrela Merope	telescópio Hubble
09	personificação das estrelas pleiadianas	desconhecido
10	aglomerado das Plêiades	telescópio Wise
15	por do sol no rio Guaíba	agência preview
18	cuesta paulista	turismo.ig.com.br
22	cuesta paulista	polocuesta.com.br
25	aglomerado das Plêiades	telescópio Hubble
31	imagem da Mesopotâmia	templodeapolo.net
36	imagem da Babilônia	templodeapolo.net
47	Via Láctea	satélite Iras

59	lua vista do espaço	estação espacial ISS
64	símbolo egípcio	Bing imagens
69	imagem do Nilo	Bing imagens
71	escultura egípcia	Bing imagens
80	nebulosa Helix ou Olho de Deus	
84	mapa antigo da América do Sul	James Churchward
92	imagem antiga do Delta do Jacuí	
94	rio Guaíba e Porto Alegre noturna	popa.com.br
96	por do sol no rio Guaíba	eujá fui.com.br
101	Arca de sementes Svalbard	Google imagens
123	estátua grega As Graças	templodeapolo.net
126	pintura representando Thot	Google imagens
127	hieróglifos	Google imagens
133	mapa da Suméria	Bing Imagens
152	nebulosa de Merope	telescópio
153	estrela Merope	telescópio
154	dança das irmãs pleiadianas	Elihu Vedder
155	irmãs pleiadianas no céu	Starry Tales
160	colina de Tara na Irlanda	William Henry website
161	colina de Tara na Irlanda	William Henry website
179	Três Pedras	Rinaldo Barbato

SUMÁRIO

- 1. Virando alienígena**
- 2. Exilados do Oriente**
- 3. Luz do nosso tempo**
- 4. Livro de Thot**
- 5. Irmandade corrompida**
- 6. Mudanças planetárias**
- 7. Há que navegar**
- 8. Acabando com a gente**
- 9. Linhagem do profeta**
- 10. Notícias do Guaíba**
- 11. Lei da espada**
- 12. Tecnomagia**
- 13. Poderes célticos**
- 14. Criadores de mitos**
- 15. Tal pai...tal filha**
- 16. Ikamiabas e Amazonas**
- 17. Nas terras de Amaru**
- 18. Tirando os véus**

1 VIRANDO ALIENÍGENA

Olá, Merope

Espero que você possa me sintonizar mesmo estando tão distante no céu. Moro na Terra. Não sei há quanto tempo estou aqui, e nem mesmo sei de onde vim.

Dizem que nós, os terrestres, estamos acordando de um longo sono. Tenho ouvido dizer que vocês aí nas Plêiades estão nos ajudando a recordar quem somos nós, porque dormimos tanto que não nos lembramos mais.

Vocês andam nos cutucando, porque de tanto dormir a gente acabou virando um monte de sonâmbulos a andar pela Terra de olhos fechados, tropeçando na escuridão e derrubando tudo à nossa frente.

Então temos recebido muitas mensagens de vocês aí do céu que nos dão alguns tapinhas carinhosos e outros nem tanto para acordar e prestar atenção no caminho e parar com a destruição deste planeta. Mas também estão chegando algumas mensagens querendo que a gente aqui na Terra nunca mais acorde para continuar o sonho de que

os nativos de outros planetas são deuses que mandam nas nossas vidas porque sabem o lugar das coisas e a gente não consegue ver onde é que as coisas ficam. Como você vê, Merope, existem duas faces numa mesma moeda. Os terrestres não conseguem enxergar direito porque alguns nativos de outros planetas mudaram as coisas de lugar sem nunca contar direito onde é que as coisas foram parar.

Dizem até que algumas mensagens estão chegando de extraterrestres arrependidos. Eles brincaram com as nossas cabeças e manipularam a nossa genética de tal maneira que criaram uma criatura que ninguém mais entende – uma mistura de nós e deles. Ou eu deveria dizer – vocês? Querida Merope, nós somos o outro vocês, assim como vocês são o outro nós. Tá na hora da gente se conhecer melhor, não é?

Vou contar como é que eu lhe escolhi para fazer este contato em primeira mão. Porque sendo uma deusa entre seis outras deusas irmãs, você resolveu se casar com um humano terrestre. E como castigo pela audácia, fizeram você brilhar menos do que as suas irmãs, quando todas vocês viraram estrelas e foram parar aí no céu.

Claro que esta é uma lenda aqui da Terra, porque essa é a visão dos terrestres. Nas lendas e visões de outros planetas, você pode brilhar até mesmo mais que as outras. Acontece que, assim como você bem deve saber, fomos ensinados pelos falsos deuses a não confiar naqueles que se misturam conosco. Mas quem se casou com um humano terrestre, sabe que nós também somos deuses tanto quanto alguns extraterrestres também são humanos. Na verdade, somos todos filhos das estrelas, só que moramos

em planetas diferentes. Isso nos faz diferentes, mas nem tanto. A mãe cósmica é sempre a mesma.

Por essas e outras, em lugar de me antenar para receber mensagens de alienígenas como virou moda aqui na Terra, resolvi me tornar alienígena e mandar mensagens aqui da Terra. Então segura aí a frequência, Merope, a partir de agora você é uma contatada de primeira mão.





Alô,

**viventes
das Plêiades,**

**tem alguém aí
na escuta?**

Bom, vou começar me apresentando.

Vivo num lugar chamado Brasil. É uma grande reserva da natureza e um produtivo laboratório de gente. Recebemos visitantes de todas as partes deste planeta. Nem todos sabemos o que viemos fazer aqui, mas muitos entre nós sentimos que viemos participar de um insólito experimento. Somos cobaias de uma nova cultura. Todas as misturas genéticas e as culturas criadas no mundo vieram dar aqui. Este lugar é uma grande arca de Noé.

Dizem por aí que algumas pessoas estão vindo pra cá querendo fugir do fim do mundo. Eu prefiro acreditar naqueles que chegam para construir um novo mundo. Se perguntarem para as pessoas que estão chegando o que elas vieram buscar, a maioria dirá que veio em busca da natureza ou de uma determinada energia ou de um certo tipo de povo e todos estarão falando a mesma coisa porque a natureza é energia e nós fazemos parte da natureza e somos feitos de energia.

Nosso grande problema aqui na Terra é que a gente se esqueceu de que tudo é a mesma coisa e tudo vem da mesma grande mãe. A gente vive procurando as coisas separadas e nunca fica feliz porque não consegue enxergar a completude da vida.

Olhando para a civilização dominante aqui na Terra, dá pra perceber claramente que demos uma bela pirada. Algumas mensagens dizem até que, em função da nossa loucura, fomos exilados da irmandade estelar e nos colocamos ou nos colocaram em

quarentena. Falam de uma certa barreira de frequência que nos impedia de receber os impulsos necessários para a nossa evolução. Essa frequência era controlada pela elite que governa o mundo e descende de um grupo de colonizadores extraterrestres.

Eu digo era porque, há poucos anos atrás, começou uma nova fase neste planeta e neste sistema solar, e passamos a receber radiações cósmicas tão potentes que foram abertas várias entradas na rede que nos separava de outros povos e de outros mundos. É o momento esperado em que as grades da matriz construída pelos colonizadores alienígenas para escravizar os terrestres estão sendo finalmente reveladas. A conversa está ficando um pouco pesada, Merope? Querida, não há como fugir. Chegou a hora de, como se costuma dizer aqui na Terra, discutir a nossa relação. Ou você vai dizer que não tem nada a ver com isso, e que isso tem a ver com visitantes de outro planeta, de outro sistema solar, de outras constelações ou galáxias?

Ultimamente estamos aprendendo em nosso processo do despertar planetário, que somos responsáveis por tudo o que acontece à nossa volta e portanto o que acontece no mundo que conhecemos é a nossa criação coletiva.

Foi preciso esperar até que se abrisse esta linha de espaço – tempo em que estamos vivendo agora para que as luzes do conhecimento interior se acendessem dentro de nós, abrindo nossos olhos para ver onde estão as coisas. Chegou a hora de sair do sonambulismo irresponsável e compreender como viemos parar aqui e para onde vamos agora.

Ao que parece, as Plêiades tem algo a ver com tudo isso. Dizem os estudiosos que os ciclos cósmicos da Terra estão relacionados com a posição das Plêiades no céu. Ao estabelecerem suas direções, alguns povos nativos fixavam os quatro pontos cardeais da Terra a partir de um quinto ponto central no céu – o aglomerado estelar das Plêiades. Os nossos antigos acreditavam que as Plêiades eram protetoras dos humanos e impediam os demônios do céu de descerem à Terra para oprimir as gentes.

Alguns chamam você e suas irmãs de aglomerado estelar, outros de constelação. Seja como for: aglomerando ou constelando, vocês são sempre lindas. Eu não sei como vocês aí no céu entendem o que é uma constelação ou um aglomerado estelar. Aqui na Terra dizem que são vórtices de energia sintonizados entre si. Esses vórtices energéticos constituem as essências cósmicas que sustentam os mundos. Uma antiga lenda conta que o dilúvio universal aconteceu quando os deuses tiraram uma estrela pleiadiana do céu e através do buraco negro assim formado jorraram águas que inundaram a Terra.

Atualmente, boa parte dos canais que divulgam mensagens extraterrestres diz estar em conexão com as Plêiades. Há quem diga que, num futuro próximo, as Plêiades se tornarão espelhos transmissores de energia para a Terra – ou será que já são?

Como você pode ver, as Plêiades fazem parte do passado, do presente e do futuro da nossa humanidade. Somos parentes, Merope. E temos muito que conversar.

Então, vou continuar me apresentando.

Passo boa parte do meu tempo contando histórias, não apenas para estrelas como você mas também para gente comum como eu, que gosta de passear e conhecer as belezas da nossa magnífica natureza. Eu me interesso particularmente em descobrir e compartilhar as delícias dos nossos mananciais de água.

Cresci na beira do Guaíba, um manso rio que margeia a região metropolitana de Porto Alegre, no sul do Brasil. O Guaíba é tão manso que recentemente deram pra chamar ele de lago, embora eu não concorde muito com isso. O fato é que ele nunca se transforma em cachoeiras ou corredeiras e por isso eu ficava muito impressionada com as histórias que Tainá, a minha mãe, contava sobre os rios da sua terra, que se agigantam em leitos acidentados criando formidáveis muralhas de água que despencam em cânions profundos. Eu nunca tinha visto uma coisa dessas mas Tainá nasceu no Brasil Central e se banhou em muitos daqueles saltos monumentais que os rios dão por lá. Gostava de contar sobre o grande rio da sua infância, que ela chamava de Wauê, hoje chamam de rio das Mortes e ainda é considerado um dos mais selvagens do Brasil.

Tainá costumava ser muito calada mas quando falava no Wauê, as comportas do seu coração se abriam e as águas da sua saudade transbordavam. Eu ficava fascinada pela correnteza das lembranças mas ao mesmo tempo percebia que ao navegar no Wauê minha mãe se transportava para um outro mundo distante do meu. Isso me dava ciúme

e medo. Tainá percebeu, porque um belo dia mudou o curso da história. Dela e da minha. Em vez de relembrar o rio das Mortes, passamos a navegar no rio da vida.



O rio da nossa vida em comum era o Guaíba. Esse era o meu mundo e Tainá começou a navegar comigo nesse rio presente. Descobrimos cantos e encantos do Guaíba. Visitamos cada uma de suas ilhas e traçamos roteiros para banho, mergulho e pesca. Quando tio Amadeus se foi e Tainá teve que se virar para nos sustentar, o barco e o rio se tornaram o nosso sustento.

Passear na beira do Guaíba durante o por do sol era o meu momento de maior magia. Participava de um ritual sagrado, compartilhado com outras pessoas que também gostavam de ir para a beira do rio naquela hora. Cada um tinha o seu jeito de celebrar. Uns tomavam chimarrão. Outros bebiam cerveja. Alguns fumavam. E tinha aqueles que não faziam nem uma coisa nem outra, como eu. Naqueles momentos encantados eu me perdia e me encontrava no céu. Ficava vendo as formas e as cores se transformarem no maior espetáculo da Terra.

Era o jeito do dia se despedir pra dormir e sonhar um novo dia. Que nunca seria igual, porque um por do sol nunca é o mesmo. Eu gostava de ter essa certeza que as formas e as cores nunca seriam as mesmas do dia que passou. Assim eu compreendi que a gente morre todos os dias e sonha a nossa vida que passou e a nossa vida nova que vai passar. O sono é uma grande transformação, assim como a morte. A gente não é a mesma pessoa no dia seguinte e o mundo também não é o mesmo no dia seguinte, por isso não adianta se agarrar no passado porque ele não existe mais. E o futuro

também não. Como é possível saber o que vai acontecer amanhã se a gente não dormiu e não sonhou o novo dia? Se a gente ainda nem nasceu de novo?

Ainda hoje gosto de acompanhar gente que ama os rios e seus mistérios, mas não navego mais no Guaíba, embora conte histórias sobre suas ilhas. Eu trouxe o Guaíba comigo quando deixei a praia da Alegria para conhecer outras beiras de rio pelo mundo afora. Às vezes vejo um filete de água transbordando da mochila e correndo pelo chão. Antes que a nostalgia inunde tudo em volta, abro a mochila e tiro dela o saco onde guardo folhetos, reportagens e fotografias. Tudo sobre o Guaíba.

Deixo a correnteza das lembranças rolar solta, sorrio e choro ao mesmo tempo e guardo o saco na mochila outra vez. É a minha maneira de dizer para o Guaíba que ele não está abandonado. Só saí de perto dele porque quando Tainá nos deixou, eu fiquei muito magoada e precisei me refrescar com novas águas.

Nos primeiros dias após a partida dela não quis saber de nada e apenas olhava para as estrelas. Tainá dizia que quando a gente morre, vai para as estrelas. É de lá que vieram nossos ancestrais primeiros, contava ela. É para lá que voltamos quando termina mais uma aventura nossa neste mundo terreno. Nas estrelas existem muitos mundos onde ficam nossas outras vidas. Depois da nossa morte na Terra olhamos para elas e escolhemos onde e como a nossa alma quer viver. Perguntei para Tainá o que ela

preferia, voltar para a Terra ou viver em outros mundos. Ela disse que não estava ao seu alcance responder. Porque a resposta à essa pergunta pertence ao Grande Mistério.

Um dia resolvi remexer nas coisas que Tainá deixou. Havia um presente para mim. Um envelope contendo uma foto antiga e uma carta amarelada. Era do meu pai. Ele recordava o pouco tempo em que ficaram juntos, quando ela estava grávida. Eu sempre sentira que havia muita dor envolvida com a época do meu nascimento, mas não sabia exatamente porque. Achava que meus pais haviam se desentendido quando nasci e de alguma forma me culpava por isso. Eu tentava agradar Tainá de várias maneiras, procurando recompensá-la pela perda de meu pai.

A carta revelou que não era bem assim. Lembrava o amor que os unira e que estaria vibrando para sempre através da filha que tiveram juntos. Falava das buscas que fizeram para encontrar vô Hermes e de como elas tinham resultado em nada. E de como ficaram tão preocupados com o desaparecimento dele, que nem aproveitaram as alegrias do meu nascimento. Entendi que a dor envolvendo



o meu nascimento não estava relacionada diretamente comigo, mas sim com o desaparecimento do meu avô, na mesma época em que eu nasci e na mesma cuesta paulista onde ele também nasceu.

Papai dizia na carta compreender que Tainá tivesse voltado para a chácara da família à beira do Guaíba, pois tanto a mulher do desaparecido, que ficara muito transtornada com os acontecimentos, quanto a criança recém-nascida, precisavam de segurança. Mamãe precisava cuidar delas e não podia mais seguir o rumo nômade da vida dele. Embora quisesse muito estar conosco, meu pai dizia que não saberia viver longe da sua gente e de um outro jeito de ser. Ele pedia a Tainá que ensinasse para mim as boas coisas que ela aprendeu na sua convivência com os Tupi-Guarani.

Embora de etnias diferentes, meus pais tinham em comum a formação indígena. Meu pai pertencia aos remanescentes de uma tribo Tupi-Guarani que vivia nas antigas matas de Ybytucatu, na cuesta do interior de São Paulo. Minha mãe nasceu e cresceu numa aldeia Xavante, no interior do Mato Grosso, mas ela não era Xavante, e sim descendente de europeus, filha de um paulista e uma sul-riograndense. Como é que Tainá nasceu numa aldeia indígena lá longe? Ela me contou que seus pais participaram da histórica marcha da Coluna Costa-Prestes, que uniu rebeldes de São Paulo e do Rio Grande do Sul em torno de um ideal. Eles marcharam e lutaram pelo Brasil afora durante dois anos. Quando os revoltosos passaram pelo estado de Mato Grosso a caminho do exílio na Bolívia, minha avó estava grávida e resolveu ficar numa aldeia Xavante próxima ao rio

das Mortes, aos pés da Serra do Roncador. Meu avô seguiu caminho e não mais se encontraram.

Tainá já era moça quando foi resgatada nessa aldeia anos depois pela Expedição Roncador-Xingu e levada para a chácara à beira do Guaíba onde seu pai foi morar. Branca e loira, educada entre indígenas de pele vermelha pela mãe de costumes europeus, Tainá se alegrou com a aventura de viver na sociedade dos brancos à qual seus pais pertenciam. Mas mesmo vivendo entre eles não conseguiu aceitar muito bem os costumes dos homens brancos, e quando conheceu meu pai, não teve dúvidas: largou o conforto da casa paterna para perambular com os índios meio nômades que andavam pelas fazendas formadas no que restou das matas de Ybytucatu.

Tainá dizia que era importante para mim ter conhecimento das minhas raízes ancestrais e quando passeávamos pelas ilhas do Guaíba, nos acostumamos a identificar restos dos grupos Tupi-Guarani que andaram por lá. Ela era perita em localizar sítios arqueológicos, antes mesmo que os pesquisadores acadêmicos fizessem as escavações rotineiras. Encontramos cacos de cerâmica, dentes, pontas de flecha, raspadores, alisadores e quebra-coquinhos.

Tainá chamava minha atenção para o fato de que a cultura indígena é muito cuidadosa com a natureza, quase não deixando pegadas de sua passagem pela Terra, enquanto a cultura dos brancos é terrivelmente predadora e deixa marcas profundas por

onde passa. Essas marcas profundas foram se tornando cada vez mais evidentes no espelho das águas do rio Guaíba.

Antes de ficar adulta eu não me interessava realmente em conhecer as histórias dos meus antepassados Tupi-Guarani, porque Tainá já era todo o programa de índio que eu podia agüentar. Durante a adolescência eu tinha vergonha e raiva de ter uma mãe tão selvagem, em comparação com as mães bem comportadas e urbanizadas de minhas amigas. Tudo o que eu não queria é que elas soubessem que meu pai era ainda mais índio do que Tainá.

Mas eu tive que concordar com Tainá que a sociedade dos brancos não respeita a terra onde vive. Isso eu vi acontecer diante dos meus olhos, com muita dor. Primeiro, trouxeram para perto de nós uma fábrica que lançava gases pestilentos no ar e restos poluentes na água. Houve muita luta dos moradores contra esse vizinho indesejável, mas os interesses econômicos venceram as necessidades naturais e a fábrica ficou lá mesmo, ainda que com algumas reformas para amenizar a situação. De qualquer forma, o mal estava instalado e os moradores ribeirinhos, por sua vez, deixaram de respeitar aquele imponente personagem da sua paisagem. O Guaíba se tornou aos poucos uma grande lata de lixo a céu aberto. Por tudo isso e algo mais, Tainá começou a sentir saudade dos Xavantes e seu rio das Mortes, que na verdade era bem vivo e onde os costumes eram bem outros. Na época, a idéia de viver como os índios e morar numa aldeia indígena era insuportável para mim. Hoje, eu não sei.



Seja como for, depois de ver a foto de meu pai e ler a sua carta, sonhei com a nossa terra natal na cuesta paulista. No sonho eu atravessava um rio com leito de pedras e fortes corredeiras, sentindo muito medo. Então apareceu um nativo – um moço moreno de sorriso branco e tanga azul turquesa, que segurou a minha mão e me ajudou a fazer a travessia. Como nessa época o Guaíba não era mais aquele, estimulada pelo sonho eu resolvi conhecer as corredeiras da cuesta paulista.

Conheci várias águas correntes e também vários conterrâneos de pele morena e rosto sorridente nessa cuesta. Embora alguns tenham me oferecido a mão para segurar, nenhum deles vestia tanga azul turquesa e a sensação nunca era a mesma do sonho.

Tudo bem. Com tanga ou sem tanga eu gosto da gente da cuesta e das histórias que se alternam como ondas no seu mar de morros: ora querem se adentrar na sombra da Mata Atlântica e morrer na praia, ora querem renascer savana e brilhar ao sol do Cerrado.

Como você pode perceber, Merope, eu gosto mesmo de contar histórias, sejam elas de onde forem e como forem. Espero que esteja gostando da sensação de ser canal de uma extra-pleiadiana. Não sei como vocês chamam alienígenas como eu aí nas Plêiades, pode me chamar de Terráquea se você quiser.

Eu disse que lhe escolhi como canal das minhas recordações da Terra porque sendo deusa, você se casou com um humano. Saiba que essa escolha não se inspirou simplesmente nas páginas de um livro sobre a mitologia dos antigos.

É bom que lhe diga que na terra dos Xavante onde minha mãe cresceu, os sonhos são o sal da vida. Tainá me ensinou que durante os sonhos entramos em contato com nossos guias invisíveis e assim como os sonhos nos servem de orientação para saber o que fazer, também devemos sonhar para manifestar o que desejamos que aconteça.

Por aí você pode compreender que assim como foi muito importante sonhar com um nativo de tanga azul antes de conhecer a terra onde eu nasci, também foi muito importante sonhar com você antes de fazer este contato intergaláctico.

No meu sonho com você havia um barco que transportava deuses e semideuses fugindo de um mundo antigo, civilizado por eles entre África e Ásia. O barco navegava pelo mar Mediterrâneo na direção do oceano Atlântico.

Os fugitivos conversavam sobre suas aventuras na Terra e olhavam para o céu estrelado recordando outros mundos e outras gentes. Entre tantos dizeres, também falavam de você e de suas irmãs e do parentesco que une pleiadianos e terrestres.

Foi assim que veio a vontade de conversar com você, Merope. Espero que a minha mensagem seja bem-vinda.

2

EXILADOS DO ORIENTE

O sonho começa na praia, com dois homens e duas mulheres entrando silenciosamente numa canoa. As sombras da noite e as capas e capuzes que usam para se proteger do frio escondem sua identidade.

Apenas uma silhueta se destaca visivelmente no horizonte, recortada entre as estrelas e iluminada pelo luar: a gigantesca serpente que repousa sobre as águas, além da arrebentação das ondas. Sua cabeça imponente se alteia acima da linha do horizonte e aponta para oeste, na direção do estreito onde o mar se encontra com o oceano. A cauda levantada num elegante S aponta para a direção contrária. O ventre bojudo se assenta sobre as águas e balança suavemente com o movimento da maré. Um dos homens que embarcam na canoa permanece de pé e olha para as estrelas, planejando mentalmente a carta astronómica da viagem que farão.



- As Plêiades nos saúdam, Ilu.An. Elas se levantam no céu, abrindo o mar aos navegantes. A posição das estrelas indica que teremos bom tempo. Veja como piscam para nós, parecendo brincar de esconde-esconde no céu. Onde está Merope? Ela vive se perdendo da nossa visão aqui na Terra e por isso uns dizem que as Plêiades são seis e outros contam que são sete. Na verdade poucos sabem que as Plêiades são incontáveis estrelas mas aqui da Terra só conseguimos apontar seis ou sete.

As passageiras encapuzadas se acomodam e Ilu.An afasta a canoa da praia com o remo. Ela começa a deslizar lentamente sobre as águas e antes de começar a remar, Ilu.An olha para o céu :

- Estive me perguntando outro dia sobre as estrelas das Plêiades que estão mais próximas de nós e que mais nos influenciam. Alcione ainda é um mistério para mim. Sei que ela emana muita energia para o nosso sistema solar e atua como um sol central por onde evoluem as outras estrelas.

- Existe um povo das Plêiades que terá um papel muito importante em nosso futuro próximo, Ilu.An. Essa gente viaja entre as linhas do tempo e se dispõe a fazer o bom combate contra as forças obscuras que desejam dominar a Terra. Os viajantes do tempo são filhos de Maya. É com eles que contamos agora. Maya é a nossa estrela guia.

Ilu.An começa a remar enquanto fala:

- Que ela nos proteja nesta viagem, mestre. Vamos precisar de muita sorte para chegar nas Ilhas Afortunadas. Muitos navegantes já se perderam na sua busca. Elas não se mostram a qualquer um. Quando os navios se aproximam, um nevoeiro misterioso os envolve, nublando a visão dos navegantes e fazendo as ilhas desaparecerem de sua rota.

- Infelizmente, o paraíso na Terra ainda não está ao alcance dos homens comuns. Mas nós conhecemos os segredos dos bem aventurados e para esses não existe nevoeiro. As Ilhas Afortunadas se mostram para aqueles que possuem o coração destemido. Elas estão na rota traçada pelos imortais e por isso são invisíveis aos olhos daqueles que temem a morte, daqueles que ignoram a verdade de que cada um de nós é quem traça a sua própria rota. Não se preocupe, Ilu.An. Os melhores marinheiros do Mediterrâneo nos esperam a bordo. Já fizeram várias viagens pelos mares e alguns já foram além das Ilhas Afortunadas, para as terras do Ocidente na outra margem do mar de Atl.An. É para lá que iremos depois.

- Dizem que essas terras longínquas são muito ricas em madeiras e minérios. Por isso os barcos vão tão longe. Voltam carregados de mercadoria.

- As gentes também vão gostar de ir para lá. Existe um barco inteiro de filhos de Kem e de Shumer se preparando para o exílio nas terras do Ocidente. Vamos esperá-los numa das Ilhas Afortunadas que usaremos como porto para reabastecimento, na entrada do oceano. De lá seguiremos juntos.

Os homens se calam. As duas mulheres estão sentadas atrás de Ilu.An. Uma delas, de farta cabeleira acobreada querendo saltar do capuz, começa a se lamentar baixinho ao ouvir falar nos exilados de Shumer.

- Ai, Shumer...nunca mais verei teus campos férteis e tua gente risonha... para sempre está perdido o entusiasmo ardente de tuas cidades... nas ruas antes cheias de vida se amontoaram cadáveres abandonados e insepultos. Também abandonados ficaram teus estábulos e redes e a tragédia não poupou nem os templos onde se entoavam cânticos aos divinos. Só se ouve agora o sopro do Vento Maligno, que expulsou de ti até mesmo os deuses. A calamidade não poupou nenhum ser vivente. Gloriosa e amada Shumer! De ti só restou minha pequena Babili, a mais jovem de tuas filhas...agora possuída pelo deus da Guerra.

Os olhos da mulher brilham no escuro e se arregalam para o vazio quando ela dá um grito:

-Marduk! Que maldita sina trouxeste para a nossa gente com tanto horror acontecido entre nós?

Apenas o silêncio da noite responde à pergunta. Nem mesmo as remadas de Ilu.An se fazem mais ouvir. A canoa se aproxima da gigantesca serpente mansamente e uma escada de corda é lançada do bojo do animal.

Um a um, os passageiros sobem para o convés do barco. O homem que estava de pé na canoa olhando para as Plêiades e foi chamado de mestre pelo remador, parece ser o líder do pequeno grupo. Ele se dirige diretamente para a proa, onde fica a cabeça da serpente esculpida na mais nobre madeira usada no Mediterrâneo, extraída dos bosques de cedro. Os outros viajantes preferem ir para a cauda da serpente, na popa do barco, como a se despedir das terras que estão deixando.

Lenta e silenciosamente, o barco desliza pela enseada e ganha o mar aberto. Os capotes e capuzes não são mais necessários e os passageiros se mostram à luz da lua. Formam um grupo heterogêneo e singular.

O líder do grupo deixa a proa e se aproxima da amurada próxima à cauda da serpente, onde estão os outros. Alto e forte, seus olhos são luminosos e a barba é prateada assim como os longos cabelos. Após olhar amorosamente para a faixa costeira que se distancia na linha do horizonte, ele abre os braços e lança um apelo ao vento:

- Povo da Terra! Acorda do teu sono de ignorância e medo! Levanta e cria a vida! Entregaste teu próprio poder aos criadores, esquecendo que tua essência é também criadora e vai além do ser criado. A divindade a quem buscas servir está em ti mesmo, pois o teu lar não está no mundo e sim no cosmos. Tens o poder de partilhar a imortalidade, mas te rendeste ao medo da morte. Acorda, povo da Terra, e abra os olhos para a tua própria luz. Quando reconheceres a tua própria grandeza e passares a viver em sintonia com o Todo, a Terra florescerá novamente em jardins do Paraíso.

Como se respondesse ao apelo, a lua surge plena detrás das nuvens e os viajantes olham para os milhares de pontinhos luminosos que ela cria no mar.

O homem que falava aproveita a luz que toma conta do convés e se debruça sobre os mapas náuticos que o capitão do barco lhe traz. Antes de se afastar com os cálculos e desenhos que lhe são entregues após examinados os mapas, o capitão pergunta:

- Mestre, ouvi falar sobre a desolação em Shumer, mas não entendi direito o que aconteceu.

O mestre leva a mão ao coração e abaixa a cabeça, como se tais acontecimentos lhe pesassem no peito e doessem.

- Mais uma vez, aqueles a quem os filhos da Terra chamam de deuses, traíram a sua confiança. Melhor do que eu, quem pode lhe contar sobre a desolação em Shumer é a princesa de Babili. Conta, Du.Ana. Desabafa a dor do teu coração.

O mestre se afasta e se debruça sobre a amurada do barco, enquanto a mulher levanta a cabeça, joga para trás a cabeleira que esconde o rosto tomado de angústia e lentamente entoa o seu lamento: *- Lágrimas, desespero e depressão tomaram conta de Shumer. Numa disputa de poder sobre o acesso aos territórios da Terra e sua ocupação, os filhos do Céu retiraram as armas proibidas do esconderijo onde permaneceram por milhares de anos. O resultado foi uma catástrofe jamais vista. O principal alvo do ataque*

era a península do Sinai, onde fica o monte supremo por onde os filhos do Céu embarcam e desembarcam em suas naves estelares. Mas a principal vítima, no final de tudo, foi o povo de Shumer e suas gloriosas cidades.



Du.Ana se cala. Seus olhos azuis se ausentam do ambiente e parecem fixar uma imagem distante. Os olhos de todos estão fixos nela – menos os do mestre, que também contemplam um horizonte longínquo. Ele ajuda a princesa a relembrar os antecedentes da tragédia:

- Nos últimos anos, os sacerdotes previam a desolação em Shumer. Mas mesmo os piores presságios não poderiam antever o que aconteceu. Marduk , o grande pivô da guerra, dizia que seu desejo era promover a paz e a prosperidade, expulsar o mal e o azar... trazer amor à humanidade. Porém, nada disso aconteceu.

A partir das recordações do mestre, a princesa de Babili retoma o relato da tragédia:

-“ Em seu exílio no país dos Hititas, durante 24 anos, Marduk se perguntava: até quando? Afinal, o oráculo lhe deu um parecer favorável e Marduk rumou para o sul, para a nossa amada Babili, disposto a conquistá-la e a fazer dela o centro do seu reinado. Estava acompanhado por muitos seguidores. Foi o bastante para que a ira despertasse em alguns parentes que não queriam a supremacia de Marduk e não lhe reconheciam o direito de dominar um território que não era seu por herança. Marduk havia conquistado a lealdade dos povos que viviam na planície ao longo da península do Sinai, e para esses povos foi dirigida a ira dos parentes rivais de Marduk. Com malícia e com ardilosas acusações, alguns dos mais jovens convenceram os mais velhos da necessidade de destruir a base de lançamento das naves estelares na península do Sinai, onde moravam os seguidores do parente que temiam e odiavam. Até o poderoso e sábio An se

enfureceu com a audácia de Marduk e acreditou que ele se apossaria da grande porta estelar por onde há milênios os viajantes espaciais entram e saem da Terra.

Os rivais mais exaltados desejaram fazer chover fogo e enxofre dos céus para varrer da face da Terra as cidades que chamaram de pecadoras. Dizia em sua grande ira um irmão de Marduk: "As terras destruirei, transformando-as num monte de pó; as cidades arrasarei, transformando-as em desolação; os mares agitarei, e a vida que há neles eu acabarei; as pessoas farei sumir, elas se transformarão em vapor e ninguém será poupado"...

Os mais velhos não queriam tanta destruição. Em seu Conselho de Guerra, eles estavam em contato com An à distância e de An veio a permissão para usar as armas proibidas somente contra alvos especificamente aprovados. Antes de elas serem usadas, os parentes de An que estavam nos lugares condenados precisavam ser avisados para saírem dali, assim como os funcionários que operavam a base. Também os moradores das cidades da planície deveriam ser poupados e as armas não poderiam atingi-los, pois An, o senhor dos deuses, teve piedade deles.

Finalmente, após muitos debates, as armas proibidas foram retiradas de seu esconderijo numa cavidade dentro da Terra e da Terra para o Céu elas arremeteram, vestidas de terror. Nada do que estava ao seu alcance foi poupado. As cidades da planície do Sinai, com pessoas, animais, vegetação, tudo foi destruído pelas armas proibidas. Durante séculos as águas das fontes estarão contaminadas pela

radioatividade e uma enorme cicatriz no solo marcará para as gerações vindouras o poder da fúria divina. Onde antes havia a brancura do calcário e o marrom avermelhado do arenito, agora existe a grande mancha negra das rochas calcinadas.

Da violenta explosão das armas nasceu uma enorme ventania. Esse vento maligno rodopiou pelo céu e caminhou para leste, na direção de Shumer, e os piores presságios se confirmaram para além do imaginário.”

Du.Ana estremece e se aconchega mais no vistoso xale que envolve seus ombros. As franjas do xale caem sobre a saia longa e rodada que termina em pontas, como pétalas de flores se abrindo para baixo. Após uma pausa, ela continua:

- "Nem mesmo os deuses conheciam o poder maldito da sua ira. Foram eles os primeiros a fugirem das cidades, abandonando sua gente ao Vento Maligno. Sobre Shumer baixou uma tragédia em forma de nuvem; uma calamidade desconhecida para a humanidade. A morte soltou-se pelas estradas e vagou pelas ruas, entrando pelas casas. Não havia defesa contra o mal que assolou as cidades como um fantasma... pelas muralhas mais altas e mais espessas a nuvem passou como se fosse uma inundação; nenhuma porta conseguia deixá-la de fora, nenhuma trava a impedia. A nuvem da morte baixou do céu como uma gigantesca onda afogando tudo. As pessoas, aterrorizadas, mal conseguiam respirar. Tosse e catarro enfraqueceram o peito... a boca ficou cheia de saliva, espuma e sangue... a cabeça foi tomada por dor, torpor e tontura. O Vento Maligno agarrou a todos. As gentes estavam confusas, só os deuses sabiam a

causa do Vento Maligno: uma explosão cruel desencadeada pelos poderosos descendentes no lugar que hoje é conhecido como Planície sem Piedade, e que antes era o local de onde os divinos ascendiam aos céus.

A furiosa tempestade que se formou queimava tudo à sua passagem e até a realeza foi tirada da terra arrasada. À medida que o Vento Maligno ia se espalhando os deuses iam fugindo dos templos e cidades. Eles se esconderam nas montanhas, fugiram para as planícies distantes.

A população, indefesa e sem liderança, ficou entregue ao caos. O pânico tomou conta de Shumer. Desesperado, o povo invadiu os santuários, quebrando tudo o que encontrava lá dentro, perguntando: "Por que os deuses nos abandonaram? Quem causou tanto sofrimento e lamentação"? Mas suas perguntas ficaram sem resposta e quando o Vento Maligno passou, os cadáveres estavam amontoados em pilhas... Amontoados como cacos de cerâmica, os moradores das cidades encheram as ruas onde antes costumavam passear.

*Os mortos não foram enterrados: os cadáveres, como gordura deixada ao sol, derreteram-se por si mesmos. O silêncio cobriu cidades e aldeias como se fosse uma capa. Ninguém mais caminha pelas ruas, ninguém mais procura as estradas."**

A princesa de Babili se cala. As lágrimas começam a correr livremente pelo seu rosto. A mulher alta e magra que permanecera silenciosa durante o percurso da canoa se

aproxima e lhe oferece o aconchego de seus braços morenos. Ela traz na cabeça a tiara esculpida com a serpente símbolo da realeza de Kem. Encostando o rosto de Du.Ana em seu peito, Ana.Is mistura os cachos acobreados dela com seus cabelos negros, longos e lisos.

Da amurada, o mestre conclui a lamentação de Shumer:

- As plantas agora já nascem doentes na beira dos rios. Os jardins perderam a beleza e a vitalidade abandonou os pomares. Não se ouve mais a sinfonia alegre dos animais, nem o brotar silencioso das sementes. Nas aldeias e cidades, o vento levou para longe a voz carinhosa de mães ninando crianças e o sussuro ardente dos amantes. Deixou em seu lugar um cemitério a céu aberto, cercado de desertos onde outrora existiram campos cultivados. Já não se pode mais beber da fonte da vida: os rios restaram envenenados pela radioatividade. A devastação de Shumer foi quase completa: só Babili, a cidade onde agora reina Marduk, ficou de pé, dando a ele a vitória.



Ana.Is acaricia os cabelos de Du.Ana e afasta algumas mechas rebeldes do rosto molhado pelas lágrimas. A túnica de linho branco que veste seu corpo moreno deixa à mostra uma porção dos seios perfeitos. Acima deles brilha uma gargantilha de prata com incrustações de turquesa. A voz de contralto educada nos templos de Saqqara se faz ouvir:

- Ao mesmo tempo em que declaram amor pela Terra criando uma descendência terrestre, os filhos do Céu usam as armas proibidas contra si e contra os seus, provocando uma enorme catástrofe. É um mau presságio para a civilização que estão entregando para a humanidade. Esse crime será cobrado um dia.

O capitão pergunta:

- Mestre dos mestres, tu que conheces a ciência dos astros e a sabedoria dos deuses, qual é a razão de tamanho desconcerto?

- A ambição pelo poder. A paixão pela Terra, a cobiça por suas riquezas e o desejo de possuir e dominar os terrestres enlouqueceram os filhos do Céu e os fizeram perder o controle de seu próprio destino. Enredamos o nosso futuro na teia que tecemos ao redor da Terra. Nós seduzimos os terrestres e fizemos com que nos adorassem e nos servissem. Acabamos nos apaixonando e nos misturando com eles. Criamos uma descendência na Terra e agora estamos destinando a ela nosso conhecimento e nossa civilização.

- *Será isso bom ou mau?* questiona o jovem que remava.

O mestre medita sobre a pergunta.

- *Sem dúvida seremos julgados quando o tempo final das revelações se manifestar. A civilização que demos de presente aos filhos da Terra sem que nos pedissem e que na verdade lhes impusemos, será louvada como uma admirável obra conjunta realizada pelos terrestres e seus instrutores divinos, enquanto for uma civilização ascendente. Porém, quando estiver em declínio e atrapalhar a evolução da humanidade e a sua própria sobrevivência, a civilização que deixamos de herança será julgada e condenada. Porque desde o seu início ela estava condenada. Foi baseada na manipulação de um povo pelo outro e na exploração dos recursos de um planeta por outro planeta.*

Antes mesmo de se implantar na Terra, este modelo de civilização estava condenado. Nossos antepassados destruíram as melhores condições de vida em outros planetas com guerras intermináveis e cobiça insaciável. Por isso precisamos rasgar o corpo da Terra para roubar seus minérios e compensar a escassez criada em mundos distantes daqui. Esse padrão de conquista e dominação será repetido em grande escala daqui para a frente – porque os descendentes dos filhos do Céu aqui na Terra assim estão sendo educados e assim estão alicerçando o seu poder. As guerras vão continuar.

O jovem continua a perguntar:

- Dizes que a humanidade tem um poder que desconhece. Como fazer para compreender o nosso poder?

- Aprendendo a praticar os sete Princípios da Verdade. Aquele que os conhece possui a chave mágica que abre as portas ao verdadeiro poder que vem da sabedoria. Aquele que os pratica pode aspirar a rosa de Ísis e ver a luz de Osíris.

A voz calma e suave de Ana.Is se faz ouvir:

- Refresca a nossa memória amortecida pelo choque dos acontecimentos, mestre. Fala-nos um pouco sobre os princípios da verdade, para que possamos nos recolher ao merecido repouso com a consciência desperta.

O mestre fecha os olhos e aspira a brisa fresca do mar. Após respirar profundamente, ele abre os olhos e começa a ensinar.

- O primeiro Princípio da Verdade afirma que o Todo é Consciência. O universo é uma criação mental do Todo e obedece às leis das coisas criadas. O universo como um todo e também nas suas infinitas partes, existe na consciência do Todo e somos todos parte dessa consciência. Essa é a chave mestra que abre as portas do conhecimento e revela a verdadeira natureza da força, da energia e da matéria. Todas elas estão subordinadas ao domínio da Consciência.

- Mestre, se o universo é mental, ele pode ser recriado pelo pensamento?

- O grande mistério do universo é a alquimia, Ilu.An. E como alquimia eu quero significar a transmutação mental. Essa é a arte de mudar as condições do universo em sua manifestação como matéria e mente. Aqueles que se aprofundam na arte da alquimia são capazes de manejar as condições físicas e os elementos da natureza. O alquimista pode chamar a chuva e acalmar a tempestade. Pode fazer o vento voar e a terra tremer. São bem poucos aqueles que realmente conseguem compreender e interagir com as forças da natureza. Mas chegará um dia em que essa magia estará revelada e os terrestres se tornarão seus próprios deuses criadores.

Ele se levanta e caminha lentamente em direção à princesa de Babilí. Ela se encostou na amurada do navio e mantém os olhos perdidos no horizonte. O mestre continua falando enquanto caminha:

- Agora estamos aqui entre o céu e o mar, navegando para os confins do mundo em busca de novas terras. Uma grande aventura nos espera nas Ilhas Afortunadas e mais além no Ocidente. Vamos nos esquecer das guerras do Oriente. Vamos nos esquecer das brigas entre Enki e Enlil, Osíris e Seth, Thot e Rá. Estamos navegando para Oeste, seguindo a rota das Plêiades. A poesia da natureza sente-se mais à vontade conversando com as estrelas.

Ele segura a cabeça de Du.Ana e suavemente a levanta na direção das Plêiades. Os olhos molhados de lágrimas brilham ao luar e se arregalam, como se quisessem absorver o reflexo da luz:

- *Irmão, o que fazer quando a mente se encontra na escuridão?*

- *A mente pode ser transmutada de um estado para outro, Du.Ana. E a melhor maneira de mudar um estado mental é sintonizar uma outra vibração. Para superar uma vibração mental negativa é importante colocar em prática o Princípio da Polaridade. Concentrar energia no pólo oposto daquele que se deseja transcender. Inverter a polaridade. Um estado mental e o seu oposto são os dois pólos de uma só coisa e a polaridade pode ser invertida pela transmutação mental. Como tirar a escuridão de um lugar? Não há como tirá-la: apenas deixando entrar a luz, a escuridão desaparecerá.*

- *O contrário também é verdadeiro, diz Ana.Is. Se vibrarmos para que o escuro permaneça, a luz não conseguirá entrar.*

- *Assim é o Princípio da Polaridade, flor do Nilo. Tudo é duplo. Tudo tem pólos, tudo tem o seu oposto. O igual e o desigual são a mesma coisa porque os opostos são idênticos em sua natureza, mas diferentes em grau. Os extremos se tocam. Todas as verdades são meias-verdades e todos os paradoxos podem ser reconciliados.*

- *Pode-se então dizer que o meio é o caminho para transcender a dualidade?*

- *Assim é se lhe parece, minha bela amiga em Ísis. Onde cessa a escuridão e onde começa a luz? Se são ambas pólos de uma mesma coisa, a diferença está nas variações de grau entre um pólo e outro. E a única coisa que não tem pólo é o amor. O amor está*

acima deste universo polarizado e é neutro porque contém todos os pólos como o Todo a que chamamos Deus.

- Mestre, porque encarnamos neste universo polarizado e dual?

- Porque nos separamos do Todo, Ilu.An. Quem sabe quisemos contribuir para que o Todo do qual somos parte possa vivenciar suas infinitas faces. Tal é o jogo da vida como o criamos neste mundo de aparências. A regra básica do jogo é buscar o nosso aperfeiçoamento através da polarização. Experimentando o sofrimento, compreendemos melhor a felicidade. Mergulhando na angústia, emergimos mais conscientes para a paz. Mesmo as situações e as pessoas mais difíceis que se nos apresentam constituem para nós lições de vida. Onde cessa o afeto e começa o ódio? E como fazer para transformar o ódio em afeto? Através do uso da vontade isso é possível. Utilizando o Princípio da Polaridade e a ferramenta da transmutação mental somos capazes de transformar demônios em anjos e vive e versa – porque ambos são pólos da mesma energia. Mas a verdade, como bem observou Ana.Is, está no centro. Na neutralidade do amor. É nesse ponto médio que ambos os pólos se integram ou se confundem, e se encobrem mutuamente, nos levando a desconhecer o que é um e o que é outro. A busca desse ponto é a nossa divina brincadeira.

Du.Ana pergunta:

- Então é possível operar a transmutação mental e mudar a polaridade da vibração de outra pessoa?

O mestre aponta para a lua, que parece correr atrás das nuvens.

- No universo nada está parado. Tudo se move e tudo vibra. Esse é o Princípio da Vibração e sua aplicação nos permite mudar a nossa vibração e a vibração de outras pessoas. Desde o puro espírito do Todo à mais grosseira manifestação da matéria, tudo está em vibração. Existem variações de grau e de posição na escala: é isso que faz a diferença entre as diversas manifestações da matéria, da energia, da mente e do espírito. Uma vibração no mais alto da escala pode possuir tanta intensidade e rapidez que parece estar parada. E também as mais grosseiras manifestações, na extremidade inferior da escala, podem ser tão vagarosas que parecem estar paradas. Entre uma e outra existem diferentes graus, mas a vibração superior é sempre mais poderosa. Se mantivermos a nossa vibração no mais alto grau, podemos influenciar o ambiente ao nosso redor e mudar a vibração de outras pessoas.

A raiva faz brilhar os olhos azuis de Du.Ana quando ela pergunta:

- Por que então tu não mudaste a vibração do Conselho de Guerra impedindo os acontecimentos que terminaram em tragédia?

- Du.Ana, não deixe que a dor e a revolta ofusquem a tua inteligência. Não sabes que existe um limite para o grau de interferência que podemos exercer sobre a vibração

dos outros? O conselho tomou uma decisão soberana em sua maioria e não havia nada mais a fazer. Até An foi consultado e deu seu consentimento para a guerra.

Dedicaste tua vida em Babili ao Templo de In.Ana, que dizem ser a neta mais amada de An. Mas foste traída por essa falsa deusa do amor. In.Ana não faz amor, ela faz a guerra. Aprendeu a jogar com o poder e se diverte com isso. In.Ana não faz amor, ela faz sexo e usa o sexo como arma de guerra e de morte. Descobriste que te consagraste a uma deusa da morte e não da vida. Eu compreendo a tua dor e a tua revolta. E por isso te convido a jogar fora a tua mágoa e elevar a tua vibração. Só assim poderemos conviver e conversar em boa sintonia. Mulher de Babili, ponha para fora o teu lamento!

Du.Ana não cai em prantos com o convite e também não se perde na dor. Apodera-se da dor como a sua mestra e faz dela o seu momento de poesia. Lentamente, começa a entoar um poema:

“Como dragão, encheste a terra com veneno,
Como trovão, quando bradas sobre a terra,
árvores e plantas caem diante de ti.
És o dilúvio descendo da montanha.

Ó deusa primeira, Inanna, deusa da lua,
que reina sobre o céu e a terra!
Teu fogo espalha-se e cai sobre a nossa nação.

Senhora montada numa fera,
An te dá qualidades, poderes sagrados, e tu decides.
Estás em todos os nossos grandes ritos.
Quem pode compreender-te?
Tu pediste-me para entrar no claustro santo, o girapu,
e entrei nele, eu, a alta sacerdotisa Enheduana!
Eu carreguei a cesta do ritual e cantei em teu louvor.

Agora encontro-me banida, em meio aos refugiados.
Nem mesmo eu consegui viver contigo.
Sombras penetram a luz do dia,
a luz escurece à minha volta,
sombras penetram a luz do dia,
cobrindo o dia com tempestades de areia.

Minha suave boca de mel torna-se repentinamente confusa.
Minha linda face agora é pó." **

*Relato baseado no texto *Lamentações da Suméria e de Ur*, traduzido de antigas tábuas cuneiformes encontradas em escavações arqueológicas no Oriente Médio.

**Poema escrito há quatro mil anos pela sacerdotisa Enheduana na antiga Suméria (atual Iraque).

3

LUZ DO NOSSO TEMPO

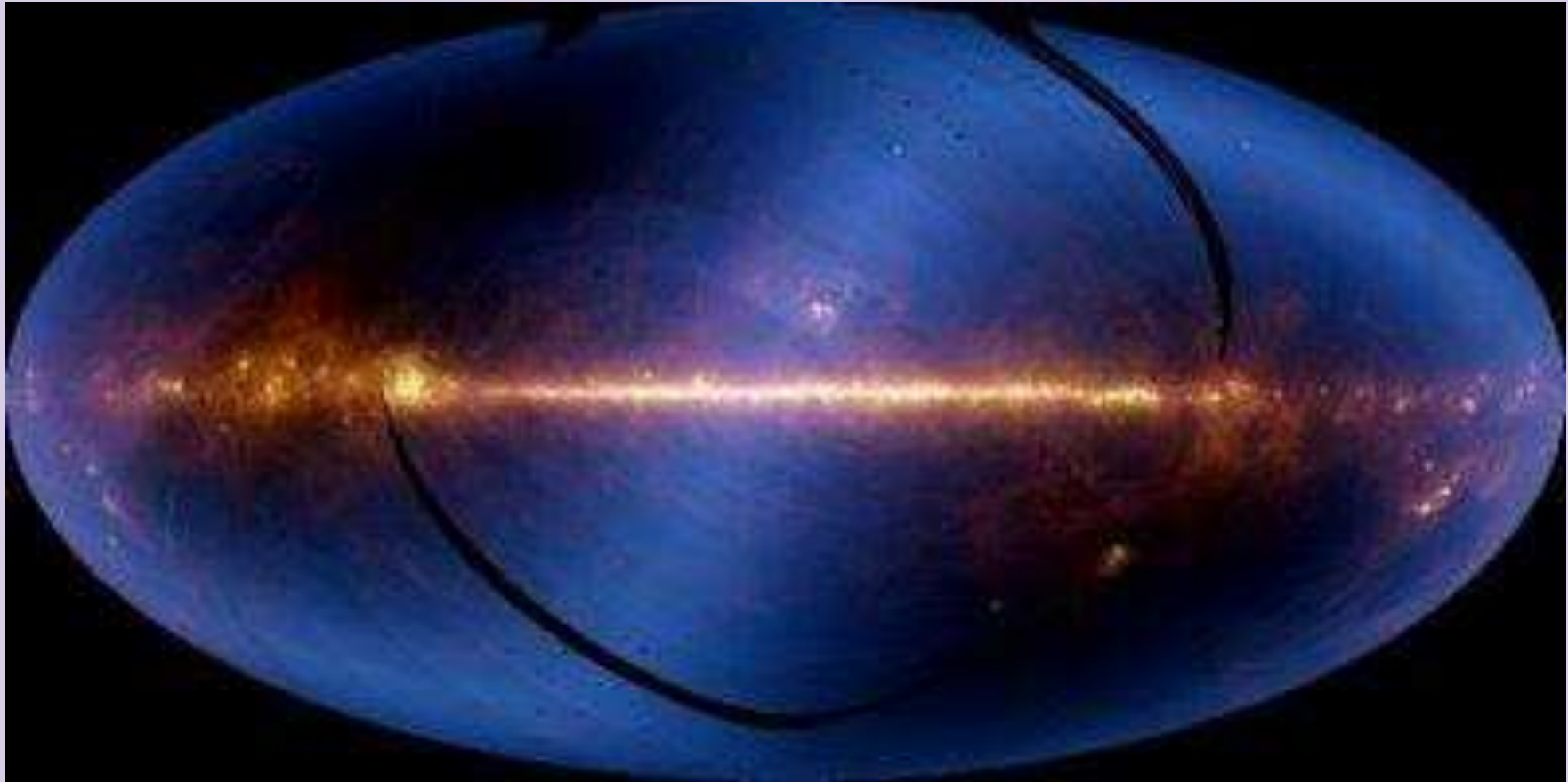
Cara Merope,

Através de um sonho, eu lhe mostrei algumas visões do nosso mundo da maneira como era visto pelos antigos. Eu não sou nem mestra e nem sacerdotisa como os personagens do meu sonho, mas também tenho cá as minhas modestas visões. Quero lhe contar agora algumas coisas do nosso mundo da maneira como eu as vejo.

Escolhi mandar notícias da coisa mais importante que está acontecendo na Terra nesta época. Naturalmente você já deve ter ouvido falar da nossa transição planetária. Vivemos na mesma galáxia e desconfio que vocês aí nas Plêiades também estão passando por algum tipo de transição – senão similar, pelo menos em algo parecida com a nossa.

Existem muitos extra-terrestres participando deste grande momento da Terra, a verdade é que tudo está conectado, e se a gente não der o salto necessário para a nossa

humanidade evoluir junto com a evolução do planeta, estaremos prejudicando o sistema solar e por consequência atrasando os planos da galáxia. Espero sinceramente que os terráqueos não paguem esse mico de se atrasar e por isso tenho ficado muito atenta para todo esse processo do despertar e da expansão da consciência.



Estamos no começo do terceiro milênio da civilização cristã ocidental e dá pra perceber que a humanidade se dividiu em dois times. Um time torce pela evolução e arregança as mangas para criar uma nova cultura e construir um novo mundo. Outro time torce para as coisas ficarem mais ou menos do jeito que estão e se esforça para recauchutar o velho mundo da atual civilização. Existem também aqueles que ficam em cima do muro e jogam nas duas divisões. E ainda os que jogam a toalha no chão e desistem de escolher, acreditando que “the game is over”.

Muitos especulam para saber qual time está ganhando, pois desse resultado supostamente depende o futuro da humanidade. O que eu acho mesmo, é que todos podemos ganhar e todos podemos perder, depende do mundo no qual a gente se situa, porque a realidade se tornou multidimensional. Estamos numa encruzilhada formidável. Existem vários futuros prováveis para a Terra e sua humanidade, a gente precisa escolher agora, a todo momento, o futuro que a gente deseja viver.

Claro que é uma co-criação e por isso importa muito a gente estar vivendo com os nossos afins, para co-criar o mundo que desejamos juntos. Essa é uma das maravilhas deste tempo, a brecha dimensional que se abriu para que a humanidade possa se recriar e criar um novo mundo.

Quando a gente se entrega à força e à beleza dos elementos da natureza e interage com eles, reaprendendo a ser também natureza, dá pra perceber que o fim do mundo é mais uma ilusão criada pela mente humana. Mas quando a gente olha o mundo

virtualmente através da televisão, o fim do mundo está acontecendo a todo momento. As cavaleiras do apocalipse que vem sendo anunciado há milênios estão a pleno galope em nossos meios de comunicação de massas.

A Guerra, montada em seu cavalo vermelho, se tornou uma boa fonte de lucro para o sistema e vem sendo travada não apenas entre as nações mas também entre as empresas e as pessoas. Nesta civilização altamente individualista e separatista, a desconfiança e a rivalidade se tornaram parte da própria maneira de pensar das pessoas. E as pessoas que não pensam da maneira como o sistema deseja, essas são perseguidas e combatidas como inimigas.

A Fome, galopando em seu cavalo amarelo, está sendo levada para todo o planeta pelas corporações que dominam os negócios do mundo. A fim de satisfazer suas estratégias de guerra econômica, as corporações desequilibram completamente o abastecimento e a segurança alimentar dos povos. E assim como a Guerra se instalou nos pensamentos, a Fome se alojou nas emoções das pessoas. Nunca se viu neste planeta tamanha fome de amor e de união. O sentido da comunidade humanitária se perdeu e as pessoas vivem separadas umas das outras, padecendo de solidão e de uma epidemia chamada depressão.

Sorrindo sinistramente em seu cavalo negro, a Morte vem ceifando as vidas com auxílio da Guerra, da Fome e da sua mascote, a Peste. Conhecida pelos horrores que provocou na Idade Média, a Peste se tornou aliada do sistema, e a medicina que deveria

preservar a saúde está cultivando a doença. Os remédios que deveriam curar, estão fazendo adoecer. As internações hospitalares e as intervenções cirúrgicas que prometem prolongar vidas, estão encurtando-as. E assim como as outras cavaleiras, a Morte não ataca apenas o corpo físico das pessoas: seu maior cemitério vem se formando com o corpo espiritual das pessoas, pois o sistema que nos domina impõe o culto à Matéria e desacredita o culto ao Espírito.

O fato é que a Guerra, a Fome e a Morte, com sua mascote a Peste, se tornaram as celebridades da hora. Os meios de comunicação de massas só falam nelas. A criação diária desse apocalipse tenebroso é a principal notícia, mas atrás dela se oculta a notícia que verdadeiramente importa. O que os meios de comunicação de massas não contam é que existe uma outra cavaleira do apocalipse: a Paz, garbosamente montada em seu cavalo branco.

O galope do cavalo branco da Paz nos traz as grandes transformações necessárias à evolução da humanidade. Atualmente, uma nova Cultura de Paz está emergindo em todo o planeta, mas isso a grande mídia não mostra, como também não conta o que significa essa palavra apocalipse, o que realmente significa esse nosso tempo apocalíptico.

A palavra apocalipse significa revelação e o tempo é chegado para que todo o oculto, tudo o que foi deixado nas sombras durante milhares de anos, venha à luz. Então pode-se dizer que o apocalipse é o tempo da luz, é o tempo de acordar e recordar. Essa é a

verdadeira notícia: a luz do nosso tempo, o despertar da consciência planetária, a religação da humanidade com a consciência maior que rege o universo e para a qual não existem a Guerra, a Fome, a Peste e a Morte.

Os povos antigos sabiam disso e nos deixaram muitos lembretes espalhados por aí em todo o planeta. Como você vê, Merope, estamos sendo despertados de todas as maneiras e só não acorda quem é mesmo preguiçoso.

A grande questão e o grande desafio deste momento espetacular da nossa humanidade é que nós estamos moldando o nosso futuro. Alguns cientistas dizem que não dá para fazer previsões certas sobre o que vai acontecer porque a Terra é um corpo vivo e pulsa conosco e com nossos pensamentos, e aquilo que a gente pensa, assim será.

Infelizmente, muitos de nós se apegaram ao lado sombrio das profecias feitas em muitas épocas, porque é sempre o lado sombrio que a mídia divulga, ela proclama o fim e nunca fala do grande início que está contido nas profecias. O lado mais interessante das profecias e que também nunca se comenta, é que elas só acontecem se a gente quiser. Estamos reaprendendo a criar nossas realidades e o mundo será o que a gente sonhar e fizer para ele. Como todas as possibilidades estão em aberto agora, é muito importante largar o medo e viver e ser o que a gente acredita realmente que seja melhor para a Terra e todos os seus filhos.

Não dá mais para esperar, Merope. Não dá mais pra deixar alguma coisa para o futuro porque o futuro é aqui e agora como nunca foi antes. Por isso é preciso ousar mais que nunca, é preciso sonhar o mundo que desejamos e trazer esse mundo para a prática do nosso dia a dia. Quando a gente ousa realmente com a força dos nossos corações, os milagres acontecem.

Eu gostaria de falar com você sobre os milagres que estão acontecendo na Terra.

Eles sempre aconteceram como nos mostram as tradições dos povos, mas ultimamente andavam meio desaparecidos do cotidiano das notícias. A grande rede manipuladora que pegou a todos de jeito deixou o sagrado de fora e transformou o profano em culto. Como você deve saber, aqueles que se envolvem muito com os sentidos físicos debocham do sagrado e não acreditam em milagres. E se você não acredita em milagres, eles não acontecem.

Pois uma das maravilhas do nosso tempo é que de repente uma porção de pessoas começou a crer novamente em milagres e naturalmente eles voltaram a acontecer. Aqueles personagens míticos das escrituras sagradas começaram a sair das páginas da história oculta da Terra e andam circulando por aí. Os grandes mestres ascensos e anjos e arcanjos assim como os instrutores de outros planetas resolveram arregaçar as mangas e trabalhar pra valer. O que eles andam pregando por aí em todos os quadrantes da Terra é que o milagre está em nós – e também podemos ser anjos e mestres.

Claro que não é assim da noite pro dia, existem algumas etapas de iniciação que precisam ser cumpridas, mas o que antes demorava muitas vidas, agora está sendo possível acontecer em poucos anos. Porque este é um final de ciclo ou são os tempos finais, o movimento anda acelerado neste olho do furacão em que estamos vivendo e a gente vai acordar na marra, não dá pra deixar para outra vida.

O tempo está acelerando e vivemos várias vidas numa só, porque todas as nossas vidas passadas ou paralelas estão se encontrando para se integrar e completar o processo do despertar – quando compreenderemos que somos todos parte do Todo. Isso a gente sabe intelectualmente, o desafio está em experimentar e viver essa verdade na prática – depois de milhares de anos no condicionamento da ilusão separatista.

Existem muitas experiências de conexão com o Todo acontecendo em toda a Terra. Eu poderia pegar o exemplo de um dos muitos milagres que estão acontecendo no meu país, mas pra você não me chamar de bairrista ou nacionalista ou qualquer coisa assim, vou trazer um exemplo de longe para mostrar.

Trago então uma história que está acontecendo na Índia, um país que tem sido pródigo em milagres e belas histórias. Tanto assim que a Índia é um dos lugares que mais produz filmes no mundo, e o milagre que eu vou contar está documentado em vídeos e também no depoimento de alguns amigos que andaram por lá e vêm acompanhando o desabrochar dessa bela flor no jardim dos milagres da Terra.

Alguns anos atrás, um grupo de professores indianos resolveu criar uma escola diferente para as crianças. Eles entenderam que as escolas atuais limitam e condicionam o desabrochar da consciência, então resolveram criar uma escola que ensinasse a iluminação. Pode parecer pretensioso à primeira vista, mas o milagre aconteceu e as crianças começaram a despertar. Elas passaram a receber mensagens em sonhos, a conversar com grandes mestres desencarnados e a sentir a presença dos deuses da natureza. Esse despertar coletivo foi impulsionado pela descoberta de uma das crianças. Ela sonhou com um antigo mestre lhe dizendo que poderia transmitir energia luminosa para outras pessoas, e começou a colocar as mãos na cabeça de amigos e parentes em determinados pontos que ativam as glândulas pituitária e pineal.

Antigas tradições espirituais ensinam que a ativação de determinadas áreas do cérebro, acompanhada pela prática da meditação e da oração, é capaz de provocar nas pessoas diferentes processos de transformação que levam a uma compreensão maior de si mesmas e da vida. O estado de iluminação estaria associado então a uma transformação das atividades cerebrais, quando os lobos parietais do cérebro são desligados do seu estado normal de hiperatividade ao mesmo tempo em que o lobo frontal acelera suas funções. Atualmente, a esmagadora maioria da humanidade vive a situação inversa: os lobos parietais estão em hiperatividade numa situação de estresse contínuo, e o lobo frontal está hipoativo, em estado de entorpecimento. Essa descompensação provoca em todos nós a sensação de separatividade, de falta de conexão com o Todo e portanto de carência crônica.

Pesquisas da neurociência revelam que o cérebro contemporâneo de um terrestre “normal” funciona em estado crônico de estresse pela sobrevivência, numa intensidade tal que só se justificaria numa situação de extremo perigo. Ao que parece, os terrestres se habituaram de tal forma a vivenciar uma situação de extrema carência e ameaça, simulada pelo sistema civilizatório vigente, que isso já se tornou parte do inconsciente coletivo da humanidade. Quando entramos em estado de meditação ou de oração, conseguimos bloquear temporariamente a hiperatividade dos lobos parietais, podendo experimentar momentos de consciência expandida, já que os limites habituais provocados pelo senso do si mesmo e a sensação de separatividade se tornam mais difusos e menos presentes.

Se fosse só isso... bastava orar e meditar pra valer e todo mundo ficava feliz. Mas existe ainda uma outra situação desfavorável para resolver. A situação do lobo frontal no terrestre contemporâneo é de hipoatividade, o que leva ao enfraquecimento da vontade própria e ao distanciamento da fusão com o Todo. Na linguagem dos cientistas, isso significa que os neurotransmissores do lobo frontal não possuem energia elétrica suficiente para desenvolver o seu potencial pleno, e a consequência disso é que os humanos terrestres utilizam apenas uma parte da sua capacidade cerebral. O que não se sabe e nem se imagina é o que seríamos capazes de fazer ou viver, se nossos cérebros funcionassem adequadamente. Quando se associa o pleno desenvolvimento da vontade individual ativada no lobo frontal do cérebro, com a consciência expandida pela desativação do estresse dos lobos parietais, conseguimos nos fundir com uma realidade

maior que alguns chamam de deus, outros de consciência cósmica. Nesse estado podemos experimentar sentimentos de abundância, de êxtase, encantamento com a vida e compreensão dos mistérios do Universo.

Como você vê, já está tudo pronto dentro da gente – basta um toque nos lugares apropriados e a nossa memória do ser divino começa a despertar. Claro que não acontece da noite para o dia como eu já disse, e nem acontece com todas as pessoas, depende muito de quem dá os toques, de quem os recebe e da energia presente no momento.

O que as crianças e jovens da Índia estão dizendo é que podemos elevar a nossa vibração e abrir uma nova dimensão de realidade onde o Amor é rei e a Paz é rainha. Nessa dimensão de realidade, podemos conversar com os devas da natureza e com nossos deuses criadores. Eles voltaram, como prometeram. Estão por aí. Na verdade, nunca se foram. Assim como os devas da natureza sempre estiveram por aí. Nós é que deixamos de vê-los. E passamos a tratar só da Matéria, como se não existisse o Espírito.

Então, como você vê, Merope, nós não estamos vivendo na Verdade, apenas na meia verdade. Ou na meia mentira, se você preferir. Há quem diga que os meios se tornaram a mentira. Porque os nossos meios de comunicação de massas fragmentam a verdade em versões e visões como num grande jogo de quebra-cabeças, mas acabam escondendo sempre as peças fundamentais e ninguém mais entende que mundo é esse.

Muitos de nós já deixamos de ler os grandes jornais diários, as revistas semanais de generalidades e já não assistimos mais à televisão. Esses são os meios de comunicação controlados pelas corporações psicopatas. Como eu estava lhe contando, as corporações transnacionais assumiram o poder aqui na Terra e os donos do mundo que as dirigem não se responsabilizam mais pelo que fazem. Como as corporações transnacionais compraram as redes de comunicação nacionais, estas se tornaram porta-vozes dos donos do mundo e só transmitem o que eles querem. Também não se responsabilizam mais pelas informações que transmitem. Uma das características mais marcantes dos psicopatas é a incapacidade de distinguir entre a realidade e a fantasia, o bem e o mal, a verdade e a mentira.

Por tudo isso muitas pessoas estão escolhendo atualmente a rede virtual que chamam de internet, como a grande praça de encontro para compartilhar as novidades sem a censura e a manipulação da mídia corporativa. Nessa praça e suas esquinas se encontram conspiradores de vários povos em todo o planeta que desejam desmascarar os donos do velho mundo e criar um novo mundo onde o bem e a verdade sejam reconhecidos e respeitados.

É claro que os donos do velho mundo não ficam quietinhos vendo tudo isso acontecer, porque pode ser que dê certo e a gente consiga mesmo criar uma nova cultura de paz. Para evitar isso já estão sendo desencadeadas várias estratégias para confundir as informações na net, através de múltiplas vias de desinformação e

sofisticadas técnicas de controle mental. Enquanto isso, a gente vai se informando, interagindo e ganhando tempo para saltar fora do sistema opressor.

Cada um que desperta procura dar o melhor de si nessa história e ver primeiro o que é melhor para todos os outros antes de agir. Então, bota jogo de cintura nisso, porque a dança anda animada. Como tudo está desmoronando e tudo precisa ser recriado, as tarefas coletivas são muitas. A gente fica correndo daqui pra lá e de lá pra cá querendo colocar energia nos elos ainda frágeis da rede solidária, ao mesmo tempo em que corre pra dentro de si tentando se colocar numa boa posição para participar deste espetacular parto de uma nova consciência.

A superfície da Terra nunca foi um lugar tão interessante pra se viver como agora. São os famosos tempos finais profetizados em todas as culturas e aguardados pelos povos daqui e do além. É claro que eu quero estar presente e acompanhar todo o processo, mesmo sabendo que a terra está tremendo e ameaça se abrir debaixo dos nossos pés ou fazer o teto desabar sobre as nossas cabeças.

Quando a gente aprende que a morte não existe e começa a transcender o temor do corpo físico, uma outra dimensão se abre para nós. Então sabemos que, seja qual for o lugar, o momento é agora e merece ser vivido em toda a sua plenitude. Na verdade, as situações extremas nos oferecem vivências transformadoras e saltos de consciência. Não são raras as pessoas que estão agradecendo as experiências de iniciação e conscientização vividas em meio a tragédias.

Cada um de nós está escolhendo os seus desafios e naturalmente eu não desmereço aqueles que estão buscando esses desafios longe da confusão dos terráqueos, preferindo se refugiar em bases inter ou intraplanetárias, e nem digo que algum dia eu não vou cair fora também. Tudo tem o seu tempo e o seu sentido para acontecer. No momento eu estou ficando é por aqui mesmo.

Já é tarde, Merope. Passa da meia-noite e chove lá fora. Amanhã eu conto quais são os meus planos para acompanhar a Terra nesta travessia para um novo tempo.



4

LIVRO DE THOT

Irmãzinha galáctica,

Eu prometi contar pra você como estou me preparando para fazer a travessia para o novo tempo, mas esta noite recebi uma visita muito importante, então eu deixo a minha modesta pessoa para outro momento e trago pra lhe apresentar nada mais nada menos que um dos maiores instrutores da humanidade.

Na verdade, já lhe apresentei ele de certa forma, através do homem do barco dos meus sonhos, o mestre que falava sobre as Plêiades e que me trouxe a vontade de abrir este canal de comunicação com você e suas irmãs.

Pois ele apareceu de novo nesta madrugada.

Já contei que a vontade de entrar em contato com você veio a partir de um sonho. Agora eu quero contar como é que esse sonho veio parar na minha vida.

Nada é por acaso, Merope. Tudo começou quando eu recebi um email de Guaíba, a cidade onde morei com a minha mãe, às margens do rio que tem esse mesmo nome. A gente morava numa chácara na praia da Alegria, bem em frente à cidade de Porto Alegre. Quando resolvi sair de lá depois que Tainá me abandonou, eu entreguei as chaves da casa para uma imobiliária alugar a chácara. Outro dia recebi uma mensagem dessa imobiliária a respeito de dois jovens que apareceram por lá à procura de Tainá. Os dois jovens disseram ser parentes dela, estavam à procura de uma relíquia de família, um livro que o avô deles escreveu tempos atrás e deixou sob a guarda de Tainá. Eles querem uma cópia desse livro.

A mensagem mexeu comigo e trouxe recordações da infância. Acho que esses jovens são meus primos e o livro que procuram se chama *Cartas para Estrela da Manhã*. Na língua Xavante, Tainá significa Estrela da Manhã. Quando ela ainda morava na aldeia indígena e vô Hermes nem mesmo a conhecia, mas sabia de sua existência, ele escreveu para minha mãe um verdadeiro testamento espiritual, uma grande herança em palavras.

Como você vê, essa mania de falar com as estrelas já é um hábito de família, e vem de longe. Meu avô Hermes, que eu não tive o prazer de conhecer, já era um cara bem diferente pelos relatos que ouvi de mamãe e de tio Amadeus, mas a doidice vem de longe: meu bisavô Tônico era o mais maluco de todos nós. Na cuesta paulista onde ele nasceu, viveu e morreu, ficou conhecido como Profeta. Costumava passar dias refugiado

nas cavernas de um conjunto de morrotes chamado Três Pedras, nas proximidades de sua fazenda. Ele dizia se comunicar com as estrelas e delas recebia mensagens que passava aos conterrâneos.

Embora tenha conquistado muitos ouvintes e seguidores, as mensagens que passava eram avançadas demais para a época e meu bisavô acabou sendo preso e assassinado por subversão, como aconteceu com tantos outros visionários e profetas antes e depois dele.

Antes de endoidecer, meu bisavô era um burguesão bem sucedido e fazia parte da maçonaria. Sendo um adepto da filosofia hermética, ele admirava sobretudo a figura de Hermes Trismegisto, e deu o nome desse profeta das antigas ao meu avô; que por sua vez, ficou conhecido no lugar onde nasceu e desapareceu, como Herdeiro do Profeta.

Uma boa parte do livro de vô Hermes é dedicada aos ensinamentos de seu xará, o profeta Hermes da antiguidade que vovô preferia chamar de Thot – como era conhecido antes no Egito. Pois é esse mesmo que andou aparecendo nos meus sonhos falando de você e suas irmãs, Merope.

É bom que lhe diga existir muita controvérsia a respeito desse personagem. Em primeiro lugar, dizem que ele não foi um único homem, mas muitos. Se é que ele alguma vez foi um homem. Para os povos antigos, era um deus – ou um extraterrestre.

Para os adeptos das sociedades secretas, Thot era uma escola iniciática do Egito, e o mesmo ensinamento se personalizou com o nome de Hermes na Grécia. Thot-Hermes seria então um nome genérico para os mestres que transmitem a Sabedoria Universal, também conhecida como Hermetismo no ocidente.

Seja o que for ou como for, os ensinamentos deixados por Thot/Hermes se tornaram uma das maiores lendas da literatura mundial. O Livro de Thot, que dizem reunir muitos volumes, foi um dos mais proibidos da história – sendo, naturalmente, um dos mais procurados também. Diziam até que quem lesse o Livro sem o consentimento do Thot, poderia morrer ou sofrer grave acidente.

O próprio Livro de Thot sofreu grave acidente quando muitos de seus volumes foram queimados na biblioteca de Alexandria, mas felizmente havia cópias escondidas em lugares secretos, além de trechos escritos nas pedras das pirâmides do Egito.

Na verdade, a sabedoria universal não cabe em todos os livros do mundo. Ela transcende o conhecimento tradicional e representa o saber natural que não está escrito em livro nenhum, é apenas acessível aqueles que o praticam em seu dia a dia. Pois a sabedoria da vida está na própria vida, está no ar e nos pássaros, nas águas e nos peixes, está nas plantas e nos animais, está dentro de cada um de nós. As escrituras sagradas são apenas um vislumbre da sabedoria universal. E mesmo as escrituras não contêm todo o vislumbre porque foram veladas com códigos, e só os que possuem as chaves podem entender os ensinamentos que se tornaram os mistérios de muitas

organizações secretas formadas ao longo dos últimos milênios para preservar entre os iniciados o conhecimento dos antigos. Nos tempos mais obscuros da humanidade, os teólogos da igreja católica combatiam essa doutrina secreta a ferro e fogo, força e cruz. Os iniciados nos estudos ocultos eram obrigados a fazer juramentos de silêncio sobre a sabedoria que era negada à humanidade, permanecendo uma jóia rara em poder de poucos. Esse secretismo todo acabou desvirtuando os ensinamentos e as organizações formadas para estudá-los se tornaram instrumento de muita manipulação. Enquanto se negava e se reprimia publicamente os poderes transcendentais da humanidade, os donos do mundo, acobertados em sociedades secretas, executavam rituais mágicos para alicerçar e ampliar o seu poder.



Em *Cartas para Estrela da Manhã*, meu avô reuniu arcanos e arquétipos que representam as leis universais da humanidade – como foram expressas por Thot. Vô Hermes desenhou 22 cartas que contém figuras e símbolos da doutrina secreta. Essas 22 cartas foram decodificadas por ele com longas dissertações sobre os postulados do hermetismo – a filosofia legada por Thot/Hermes – e sua significação no mundo contemporâneo.

Na abertura do livro, vovô transcreveu um fragmento dos escritos de Thot que eu gostava de ler quando era criança porque dava asas à minha imaginação e me fazia viajar entre mundos fantásticos:

“Escutem em vocês mesmos
e olhem no infinito do Espaço e do Tempo.
Lá retumbam o canto dos astros
a voz dos números, a harmonia das esferas.
Cada sol é um pensamento de Deus
e cada planeta um modo desse pensamento.

Almas!
É para conhecerem o pensamento divino
que descem e sobem penosamente
a estrada dos sete planetas e seus sete céus.

Que fazem os astros?
Que dizem os números?
Que rolam as esferas?
Almas perdidas ou salvas!
Eles cantam, eles dizem, eles rolam os destinos seus!”

Talvez você possa compreender porque estou tão emocionada por receber a visita de Thot em pessoa nos meus sonhos, Merope. Mesmo que ele não seja uma pessoa.

5

IRMANDADE CORROMPIDA

***O barco serpente navega em mar aberto
e já não se vê mais o contorno da costa.***

Uma tenda branca se ergue no convés e o pequeno grupo de nobres refugiados se protege do sol embaixo dela, sentando-se em almofadas colocadas sobre esteiras. Em meio ao grupo está posta uma mesa baixa que tem como pés pequenas estatuetas de touro esculpidas na madeira. Sobre ela, uma baixela de prata oferece o desjejum. Os viajantes repartem o pão disposto em bandejas e vertem cerveja fresca de uma ânfora em taças. Nos pratos de cerâmica pintada em azul e verde repousam figos, uvas e tâmaras.

O som do alaúde lembra o murmúrio das palmeiras que ondulam ao vento às margens do grande rio. Ana.Is toca e canta. A canção relembra o mito da criação do povo de Kem.

O mundo começou lá onde o Nilo principia a descer das montanhas. No princípio não havia nada – apenas ele, o mar do rio que estourava suas ondas na escuridão de tudo. Pouco a pouco, do fundo das suas águas foi emergindo Namu, a mãe primordial. Aquela que pode ser modelada de infindáveis formas, sem jamais perder a sua essência. Como a vida mesma, em sua eterna modelagem, sempre se criando, evoluindo e transformando em incontáveis possibilidades. Das águas primordiais de Namu nasceram An e Ki – O Céu e a Terra. Com seu imenso corpo estrelado, o Céu se curvou sobre a Terra. Namu ficou enciumada e criou o Ar para que ele sustentasse o grande corpo do Céu, impedindo que ele fizesse amor com a Terra. Inconformado, o Céu procurou o Senhor do Tempo e o desafiou para um jogo de dados. O Céu ganhou, e como recompensa, pediu ao Senhor do Tempo que acrescentasse alguns dias a mais na contagem dos anos, porém sem incluí-los no calendário, para que Namu não se apercebesse deles. É nesses momentos clandestinos, escondidos da grande mãe, que o Céu faz amor com a Terra e gera filhos.

Ana.Is veste-se novamente de branco, acolhendo o sol no corpo moreno através de um vestido sem mangas, plissado em linho fino e transparente. Quando ela termina de cantar a sua epopéia da criação e descansa o alaúde no colo, o mestre recorda:

- Olhando para ti, flor do Nilo, vejo o templo branco da sabedoria que construímos nas terras escuras de Kem. Vejo a pirâmide de Saqqara brilhando no deserto e recordo as inscrições plenas de significados que deixamos gravadas nas paredes de pedras.

O mestre se levanta e abre os braços para o Leste, na direção das terras que haviam deixado.

-Kem! Amado reino das terras escuras e palmeiras verdejantes! Fizemos de tua geografia um espelho da vida aberta ao cosmos. Tu te tornaste o grande templo do mundo, amada Kem, mas aproxima-se o tempo em que as preces de tua gente não mais serão ouvidas. Os lugares onde desvendamos os segredos do universo e cultivamos a divina graça de viver se transformarão em túmulos. Os deuses estão te abandonando, e teus cultos sagrados não serão mais do que mitos longínquos para os estrangeiros que virão te habitar. Não se conservarão de ti senão fábulas



incríveis para as gerações futuras. E de ti unicamente perdurarão as palavras talhadas em pedra.

O mestre se volta para os discípulos.

-E assim caminha a humanidade, para o completo esquecimento de si mesma. O véu piedoso de Ísis cobrirá para as gerações vindouras os tesouros do conhecimento que compartilhamos às margens do Nilo. As vozes da sabedoria só se farão ouvir para os poucos que estarão despertos. Pois a grande maioria adormecerá o conhecimento de si, da natureza e dos mundos.

- Mestre, porque dizes que o conhecimento está se fechando para a maioria das gentes da Terra?

-Porque assim querem os deuses e seus descendentes na Terra, Ilu.An. Quando nos assentamos nas terras ao longo do Nilo estabelecemos os fundamentos da Irmandade que transmite os conhecimentos sobre o funcionamento do universo e os processos que regem a vida. Como tu sabes, os templos que construímos em Kem eram escolas de mistérios programadas para instruir o povo, passo a passo, de forma a que os mais diversos discípulos pudessem acompanhar e absorver os ensinamentos. Mas a Irmandade que formamos para libertar a Humanidade através do conhecimento foi corrompida. Os cuidados que tivemos inicialmente para que as pessoas não utilizassem de maneira equivocada os ensinamentos, e não empreendessem determinadas façanhas

para as quais não estavam preparadas, se tornaram um instrumento de poder. Os descendentes dos filhos do Céu na Terra, os governantes e sacerdotes que ministram os ensinamentos, estão retendo para si e para sua linhagem os conhecimentos que levam à saúde corporal, ao domínio da mente e à libertação espiritual. O acesso à sabedoria universal está sendo cada vez mais dificultado para a grande maioria do povo. É mais fácil subjugar e controlar um povo que ignora o seu próprio poder e desconhece os mistérios do universo. A Irmandade e as escolas de mistério que foram criadas para elevar e libertar a humanidade, estão se tornando, nas mãos de poucos, um instrumento para dominar e escravizar.

Mas a chama da compreensão jamais se apagará totalmente e brilhará aqui e lá, em um e outro humano que despertar na escuridão da noite que cobrirá a Terra. E assim, em qualquer lugar onde brilhar a chama da compreensão, as vozes da sabedoria se farão ouvir, ainda que veladamente, em murmúrios. Quando o discípulo estiver preparado, a palavra do sublime saber tocará seu coração. E assim é a Lei. Existem vários planos de



Causa e Efeito, mas os planos superiores dominam os planos inferiores.

- O que queres dizer, mestre, quando falas dos muitos planos de Causa e Efeito?

- A massa da humanidade costuma ficar no plano comum, deixando-se levar pelos desejos e pela vontade de seus líderes. As causas exteriores dominam o plano comum. Assim, o carma coletivo da humanidade é criado e recriado, inconsciente do véu da ilusão que lhe embaça a visão do próprio darma, da sua realização maior nos planos do espírito. Mas o discípulo persistente conhecerá a arte de elevar-se do plano comum de Causa e Efeito para um plano superior onde será causador em vez de simplesmente receber os efeitos. Aqueles que souberem dominar os sentidos físicos e as causas exteriores, olhando para além do véu, esses serão os causadores dos efeitos, criadores da sua própria realidade, pois utilizarão o princípio da Lei, em lugar de serem simples instrumentos dela.

A princesa de Babilí já não chora. Mas seu olhar faísca como faca quando se dirige ao mestre:

- Vejo sabedoria em tuas palavras, irmão, mas não vejo a justiça que existe nelas aplicada à realidade que estamos vivendo e à catástrofe que mudou o destino de todos nós. Vi Shumer e sua gente abandonada à própria sorte pelos deuses nos quais confiávamos. Que lei é essa – se os efeitos são mais sentidos por uns do que por outros?

- Não te atendas ao momento da tua dor, mulher de Babili. Ele é imenso para ti, mas é nada para o tempo cósmico. E o efeito vai voltar, como um bumerangue. Toda causa tem o seu efeito e todo efeito tem a sua causa. O acaso é uma ilusão não reconhecida pelo universo. Existem muitos planos de causalidade, porém nada escapa à Lei.

Não penses que escaparemos à responsabilidade de educar a humanidade que co-criamos. Pois se a humanidade não se libertar deste plano onde a deixamos, nós não poderemos evoluir para planos superiores. Portanto, minha amada irmã, não te preocupes com a injustiça do momento, pois no tempo cósmico voltaremos todos para prestar contas de nossos atos e para ajudar os humanos terrestres a se libertarem de nós – para que possamos nos liberar deles.

- Mestre, foi para essa humanidade vindoura que gravaste as palavras da sabedoria entre os labirintos e subterrâneos das pirâmides?

- Amém, filha de Kem. Tu sabes. Vamos recordar. Ouça a voz do mestre. A voz é para o ouvido assim como o Todo é consciência e o Todo está em ti.

- O Todo é dual, ele tem dois pólos opostos e iguais, o Todo é consciência e cria o universo, o universo está no Todo e o Todo está em todas as coisas, proclama Ana.Is.

Quando ela se cala, Du.Ana prossegue na recordação dos ensinamentos:

- Toda palavra é mantra e todo pensamento é vibração. Transmute! De grau a grau, de pólo a pólo, de vibração em vibração.

- Isso, Du.Ana! Transmute! Encontre a vibração do amor!

Pela primeira vez desde que deixaram a costa, Du.Ana sorri. E olha para o mestre com um jeito de indagação, como se pedisse ajuda. Ele responde ao seu olhar com palavras firmes e pausadas.

- Centre os pólos cerebrais. O esquerdo em sintonia com o direito. Busque o bioritmo polar. Domine as imagens mentais. Use força superior e vibre leve. Ligue o superior e ordene o inferior. Use o conhecimento. Pratique. Participe sem se opor. Retorne ao um.

Ele espera que Du.Ana assimile suas palavras em estado meditativo. Ela olha fixamente para a paisagem à sua frente e pouco a pouco o seu semblante começa a refletir a serenidade das gaivotas planando sobre as ondas. Só então o mestre continua a ensinar.

- Alquimia é purificação e transmutação da energia. O sólido em líquido, o líquido em ar, o ar em fogo. Ao atingir o fogo, tu serás tu. O fogo é o espírito. Respire o ar e transmute em chama prânica. O fogo é o amor. O amor é o ouro. Ilumina! Eis o cálculo filosfal.

Du.Ana deixa escorrer dos ombros o longo e pesado xale que a cobria. Parece não sentir mais frio, ou prefere abrir os braços para se aquecer ao sol. As cores vibrantes dos tecidos criados em Shumer se revelam afinal. Um colar de várias voltas enfeita o colo descoberto pelo decote redondo da blusa drapeada. Ao ver Du.Ana finalmente sorrir e abrir os braços para receber o sol, o mestre diz como é fundamental cada um amar a si mesmo e amar o que acontece em volta de si para vibrar com a frequência da aceitação e da amorosidade, porque só assim é possível criar um ambiente de aconchego e bem estar capaz de enfrentar as tormentas que nos abalam.

- Deixe o calor e a luz penetrarem em ti, Du.Ana. Goze com o universo e lembre que a força maior do amor está sempre presente nele e portanto está também presente em cada um de nós. Assim é acima como é abaixo, o exterior como o interior, o macro como o micro. O Todo é o sustentáculo dos seres. Une-te a ele. O Todo é pleno. Abra teus braços e levite, sentindo como o Todo é e não é ao mesmo tempo. Compreendendo que a Terra é um reflexo do Cosmos, podemos entender muitos paradoxos do universo e segredos da natureza. Existem planos fora dos nossos conhecimentos, mas quando lhes aplicamos esse Princípio da Correspondência, podemos enxergar além do desconhecido.

Conhece a ti mesma e tu conhecerás o universo.

6

MUDANÇAS PLANETÁRIAS

Aho, Merope

Essa história dos refugiados do Oriente que navegam pelo Mar Mediterrâneo rumo às Ilhas Afortunadas me faz lembrar algumas mensagens que estou recebendo pela net. Elas contam que o eletromagnetismo da Terra está mudando e como isso afeta a nossa vibração. Cientistas dizem que se não cuidarmos da nossa energia, poderemos ter problemas. Um sintoma básico seria a irritabilidade, parece que muita gente está à beira de um ataque de nervos.

A recomendação dos estudiosos é para as pessoas criarem o seu próprio campo eletromagnético e manter alta a vibração para compensar a instabilidade da magnetosfera, a capa de proteção magnética da Terra que não é mais aquela. Para

segurar essas mudanças e ancorá-las em nós precisamos vibrar nos tons mais elevados da alegria e da amorosidade.

Quer dizer, a melhor maneira de não sofrer um ataque de nervos nestes tempos loucos é descontrair e dar risada. Precisamos nos converter em budas da alegria para celebrar a nossa ascensão planetária. Porque pelo jeito, Merope, a Terra chega lá de qualquer jeito. Com a gente ou sem a gente.

Esse recado nos vem sendo passado de diferentes maneiras. Um número crescente de cientistas anda pesquisando a heliosfera – o espaço do nosso sistema solar. Não apenas a Terra e sua humanidade passam por transformações profundas, mas todo o nosso sistema solar - com sua estrela maior, planetas, luas, asteróides e cometas – está passando por monumentais transformações que alteram a geologia, a geofísica e o clima. Essas transformações acontecem porque o nosso sistema solar entrou num espaço interestelar com atividade eletromagnética intensa e crescente. Nesse espaço que alguns cientistas chamam de etérico, navegam formações de plasma luminoso carregadas de íons que estão transferindo enormes quantidades de energia e matéria para toda a heliosfera. Essa doação super-extra de energia altera a composição dos planetas e de toda a vida que existe neles.

É claro que a grande mídia orquestrada pelos donos do mundo não divulga essas informações. Elas circulam apenas na rede virtual. As corporações que mandam no mundo e sua mídia preferem atribuir as mudanças climáticas a um fabricado conceito de

aquecimento global que seria causado principalmente pelo efeito estufa provocado pela emissão de gases poluentes na atmosfera. As vozes discordantes dessa simplificada teoria estão sendo abafadas com ataques difamatórios e punições concretas, mas é cada vez mais forte o coro dos cientistas que desmentem essa visão simplória das transformações planetárias. Assim como a medicina oficial cultiva a doença em vez de cuidar da saúde, aliviando sintomas em lugar de buscar as causas dos desequilíbrios, também a ciência oficial manipula os sintomas dos desequilíbrios climáticos sem revelar o cenário maior onde eles atuam. Existem interesses vários envolvidos nessa trama, mas isso não importa agora.

Importa saber que as mudanças climáticas e as transformações planetárias não são propriedade nossa. Elas são uma propriedade das estrelas. Nosso sol está sendo super excitado com as extraordinárias ocorrências do espaço sideral e responde por sua vez com formidáveis explosões jamais observadas, entremeadas de tormentas magnéticas que mexem com todo o corpo da Terra e dos planetas vizinhos.

É isso que os antigos astrônomos viam no céu. Quando os tempos fossem chegados, nosso sistema solar passaria a navegar num oceano de plasma luminoso, aportando no cruzamento entre duas galáxias para se alinhar com o centro da Via Láctea e receber o fluxo máximo de energia das fontes de plasma luminoso.

É isso que os astrônomos contemporâneos estão vendo no céu – atônitos e assustados, porque perdeu-se a antiga tradição dos povos que sabiam ler o caminho das estrelas para orientar seus passos na Terra.

Assim é acima como é abaixo, já dizia o Thot há muito tempo. Somos um fractal, uma partícula do Todo, e as mudanças interplanetárias nos influenciam no mais íntimo das nossas células. Para acompanhar a Terra em sua evolução, também precisamos evoluir como espécie.

Então, Merope, você já viu que não tem jeito: ou a gente eleva as nossas vibrações para segurar o brilho que vem de fora, ou seremos eletrocutados. E ser eletrocutado, neste caso, pode não significar a morte física, mas equivale a uma queima de neurônios ou a um processo de enlouquecimento.

O avanço das mudanças planetárias e os processos humanos de transformação ativam o nosso campo magnético, que se conecta com outros campos. Quando nos agarramos a sentimentos negativos, criamos uma tormenta invisível em nosso campo magnético, afetando o campo das pessoas que estão conosco. As emoções negativas atuam como vulcões, tempestades e terremotos que abalam energeticamente todo o ambiente em volta.

Os místicos estão explicando essa mesma coisa de uma outra forma. O campo eletromagnético em torno de cada um de nós do qual falam os cientistas que é preciso

ativar e sustentar – nada mais é do que o campo formado pela irradiação do nosso Eu Superior. Esse campo é ativado quando estamos em estado de atenção positiva, vibrando mentalmente em sintonia com o Todo: assim, a nossa própria vibração nos protege, influencia o nosso entorno e se irradia para o cosmos em forma de oração.



Por isso os guias espirituais em todo o planeta estão insistindo que mais do que nunca é preciso meditar e orar. Não se trata de rezar de forma crédula para qualquer deus ou santo pré-fabricado. Trata-se de usar o estado de meditação para entrar em contato com o nosso ser divino e através dele fazermos a conexão com o Todo, tão necessária neste momento. É a partir desse estado de atenção e presença consciente que poderemos criar um campo vibratório capaz de acompanhar a transição planetária. Ele deve ser constante e fazer parte das nossas práticas diárias. Parece ser um desafio – e não deixa de ser quando o sistema nos inunda de estímulos que desviam a nossa atenção de nós mesmos e sabotam a nossa interiorização e a conexão com o eu superior.

Então não se trata simplesmente de salvar o planeta de um mero aquecimento global ou de apenas salvar a si mesmo de catástrofes anunciadas e já em curso, mas de compreender e acompanhar o momento planetário, indo além do medo para surfar com o tsunami evolutivo. Apesar dos maus tratos que recebeu de seus habitantes, a Terra avança de maneira inabalável rumo a um novo status planetário e se abre para uma nova dimensão. Nada mais será como antes. Contemplando o vasto céu acima de nós, alguns cientistas sonham em fazer um mapa aqui abaixo das regiões favoráveis à sobrevivência humana na Terra, tendo em vista as transformações planetárias. Além de considerações geológicas, geofísicas e climáticas, eles avaliam também a intensidade das influências cósmicas e o desenvolvimento ético-espiritual das pessoas que ocupam as possíveis ilhas de salvação da Terra. A criação dos processos apropriados para evoluir

com a transformação do sistema solar será liderada pelas pessoas e grupos mais abertos à experiência interior profunda, capazes de compreender a relação entre o indivíduo, o ambiente que o rodeia e o cosmos. Mais do que nunca é necessário sintonizar o cosmos e manter uma vibração elevada no ambiente em que vivemos.

A ciência parece nos dizer que o melhor veículo para fazer a travessia entre mundos está dentro de nós. É como já dizia o Thot há milênios, no barco dos meus sonhos: conhece a ti mesma e tu conhecerás o universo.

Esse é o princípio do holograma. A parte reconhece o todo. O universo é uma espécie de holograma criado pelo poder da consciência.

A civilização que nos foi imposta é piramidal e não reconhece o holograma. Por isso, o conhecimento de si foi extirpado dela. Imagina você, querida Merope, que neste país chamado Brasil, neste continente americano onde os primeiros humanos habitaram há muitos milhares de anos, a história se conta a partir de apenas meio milhar de anos, com a chegada dos colonizadores que vieram da Europa. Conhecemos menos de trinta gerações do nosso povo, as milhares de gerações que existiram antes foram menosprezadas pela história e só recentemente, na segunda metade do século passado, é que algumas vertentes acadêmicas se interessaram em estudá-las mais profundamente.

Muitos povos foram dizimados sem que se fizesse o registro do seu conhecimento e muitas etnias desapareceram sem deixar vestígios do seu modo de existir. Até há pouco tempo atrás, se acreditava que a civilização começou há seis mil anos na Suméria, e antes disso só existiam selvagens da chamada pré-história. Atualmente já se compreende que a Suméria foi apenas o início de um novo ciclo civilizatório, entre os muitos ciclos civilizatórios que a nossa humanidade já conheceu, mas que foram ocultados de nós.

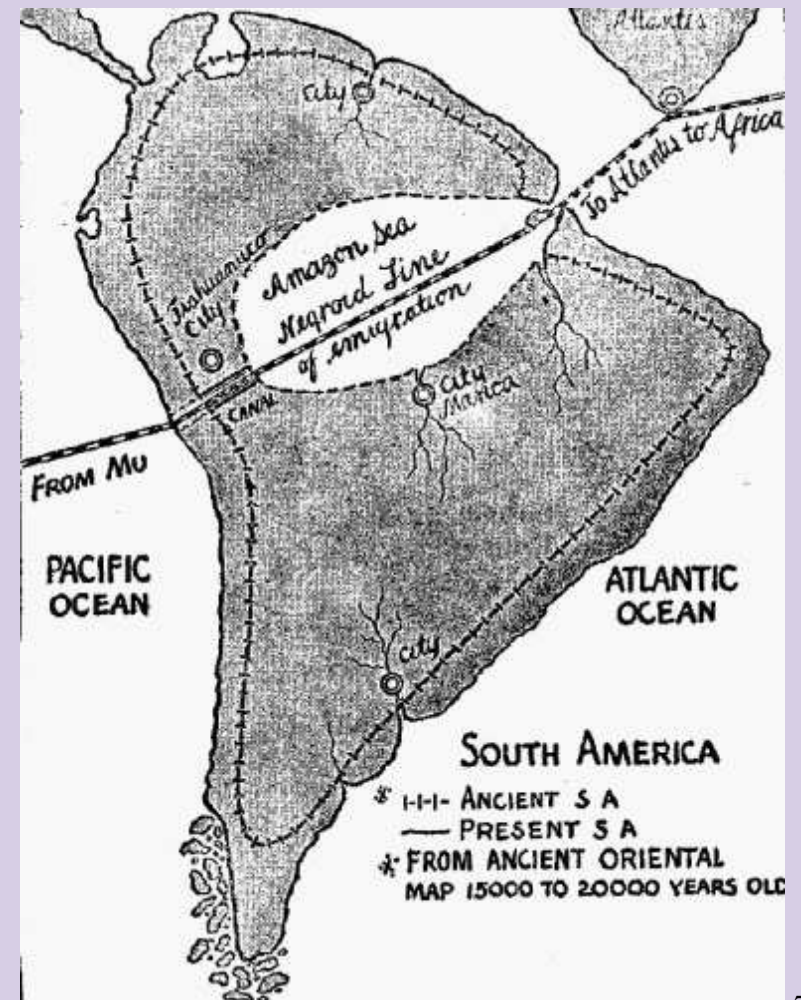
Tainá contava que já existiu uma grande civilização global e as terras do Mato Grosso onde ela viveu faziam parte dessa civilização. As gentes estavam conectadas entre si e viajavam entre lugares remotos como Kem, na África, Tewanetepe, na América Central e Tiwanaku, na costa oeste da América do Sul. Quando ouvi Tainá dizer que Tiwanaku ficava na costa, eu a corriji. Todo mundo sabe que fica no lago Titicaca, a três mil metros acima do mar. Tainá simplesmente me olhou absorta e disse que isso é agora, nos tempos presentes, porque nos tempos áureos do grande império, antes da grande inundação, Tiwanaku era um porto e ficava no mar. E o rio Amazonas nem era um rio nessa época, era um grande mar interior que fazia a ligação entre dois oceanos e várias regiões do mundo.

Eu achei que francamente, Tainá estava indo longe demais com a imaginação. Porém, eu tive que considerar o que ela falava e dar mais atenção às suas palavras,

depois de ter visto antigos mapas sobre o chamado mar amazônico e as cidades que o rodeavam.

O primeiro mapa desse tipo que eu vi estava legendado em inglês e foi desenhado em 1924 pelo pesquisador e escritor James Churchward, a partir do original que ele encontrou num mosteiro do Tibete. De acordo com esse mapa, nossos antepassados remotos vieram do Pacífico, de um lugar chamado Mu.

O mapa do mosteiro tibetano mostrava a configuração do continente sul-americano há 15 ou 20 mil anos, e nele Tiwanaku ficava realmente perto do mar interior e do canal que fazia a ligação com o oceano Pacífico. Naquela época, segundo Churchward e outros pesquisadores, os Andes ainda não tinham uma configuração tão imponente como agora, e após as grandes mudanças provocadas pelas convulsões geológicas de 12 a 13 mil anos atrás que transformaram as massas continentais e colocaram tudo de pernas para o ar, Tiwanaku foi parar lá em cima, em ruínas. Eu não peço que você acredite nisso, Merope, porque eu mesma acho essa



história uma loucura, apenas relato o que ouvi minha mãe contar e li nos livros.

No planalto central onde Tainá nasceu havia, naqueles tempos longínquos antes das mudanças profundas da Terra, uma grande cidade conforme foi assinalada no mapa antigo do mosteiro tibetano. A cidade se chamava Manoa. Guarde esse nome, Merope. Ainda vou lhe falar muito mais sobre ele.

Tainá dizia que, além das Américas, o império possuía colônias na África, na Ásia, na Europa. Teria sido um império mundial colonizador e sua gente e sua cultura se espalhavam por vários lugares do planeta. Essa hipótese de que houve uma civilização global bem antes da nossa vem sendo levantada atualmente por arqueólogos e antropólogos contemporâneos, diante das descobertas mais recentes que confirmam uma ligação entre povos distantes, durante muito tempo negada pela ciência oficial.

Pois é. Dizem que havia mais sabedoria nessas antiguidades. Muito se esqueceu na civilização atual, mas não se perdeu: a verdadeira história da Terra e seus tesouros de sabedoria estão guardados em recantos e retiros espalhados pelo mundo, que pouco a pouco vão sendo descobertos pela nossa atual humanidade. Devagarinho, um fantástico mapa das civilizações perdidas e seus tesouros escondidos vai sendo revelado por equipes de pesquisadores em todos os quadrantes do planeta.

Como você vê, amiga, temos muito que aprender sobre nós mesmos, e o pior é que as escolas contemporâneas estão nos fazendo desaprender. A história que se conta

é inventada e a ciência que se ensina é manipulada. O dom do autoconhecimento nos foi reprimido. E sem se conhecerem e à sua história real, os humanos terrestres se tornaram estranhos uns para os outros e se dividiram em muitas crenças conflituosas. O eu superior foi apequenado e o ego inferior, a persona criada e moldada pela sociedade, se avantajou. Sem a sabedoria do eu superior e a consciência de quem somos nós, os humanos passaram a procurar o conhecimento no próprio ego e se tornaram reféns das próprias emoções, escravos dos próprios desejos. Cada vez mais separados e estranhos entre si, os humanos terrestres deixaram de se entender.

A senda do autoconhecimento e a busca das nossas raízes comuns se tornaram um caminho individual. É cada um por si, e durante muito tempo essas descobertas eram guardadas em segredo. Agora, o pouquinho que cada um vai descobrindo de tantos fragmentos perdidos, procura passar para outros do jeito que dá, porque como eu já lhe disse, este é o tempo da revelação.

Entre as informações relevantes para os dias de hoje estão as verdades sobre as nossas origens. Gosto de ler e ouvir histórias sobre as raças que influenciaram o genoma humano, e gosto principalmente de contar histórias sobre os antigos povos que viveram por aqui antes dos colonizadores chegarem. Costumo evocar lembranças da raça vermelha que bebeu na fonte da sabedoria sagrada.

Você pode achar que sou apenas uma saudosista e vivo com a cabeça nos tempos passados, mas não é bem assim. A raça vermelha deixou muitas pistas e mensagens

para os tempos de agora. Uma das mensagens principais está no comportamento indígena, que traz a lembrança da sustentabilidade e da solidariedade. Como viver em paz com os deuses da natureza, semeando a vida para as gerações futuras. E como viver comunitariamente, elevando o bem maior do coletivo acima dos interesses individuais. As povoações indígenas eram comunidades solidárias e de ajuda mútua – uma riqueza de relacionamentos que a nossa civilização baseada no individualismo perdeu há muito tempo.

Eu sou uma mulher semente, Merope. Por onde passo vou largando sementinhas do bem viver, pois essa é a herança que recebi dos meus pais. Para ficar mais leve e mais ágil, adotei como modo de vida o nomadismo. Não costumo fazer grandes planos, mas apesar de ir muitas vezes sem saber onde chegar, vou confiante porque, como semente, levo comigo a continuação da vida.

Embora o meu caminhar seja livre, busco lugares onde o solo se mostra mais fértil para a minha semeadura. Procuro viver em lugares onde as pessoas estão se juntando para criar os canteiros do jardim do novo mundo – esse novo mundo que está brotando silenciosamente entre as ervas daninhas de uma civilização que se auto-destrói.

Nesses lugares-semente busco por excelência, o silêncio. Para ouvir o canto dos deuses e o murmúrio dos rios. Para que, inspirada pelo reino dos divinos, eu possa entoar minhas histórias. Canto mantras Guarani nas rodas de fogueira, conto o sonho Macro-Jê

nas varandas enluaradas, desperto o riso com piadas Aruak, pinto cores Marajoara e Krahô nas paredes e utensílios, navego a valentia Tupi nas corredeiras dos rios.

Nos lugares por onde ando me chamam de Índia. Gosto que me chamem assim, e para retribuir a gentileza eu me fantasio de mulher índia e da Índia também, porque esse é o mágico país onde os milagres acontecem. Carrego pouca bagagem. Algumas tangas, naturalmente, para colorir minhas vergonhas. Vários panos tribais ou orientais servem como saias, vestidos ou xales. Blusinhas brancas são básicas e vão com tudo. Sandálias rasteiras ajudam a caminhar ligeiro.

Num canto da mochila, viaja o mascote. Eu já lhe apresentei esse companheiro de viagem. É o Guaíba, o rio da minha infância. Ele é o meu talismã. No espelho mágico das suas águas é que eu aprendi a me conhecer e a conhecer a minha gente.

Aho, Merope, parece que o Guaíba gostou de ser lembrado. Ele sempre gosta. Um fio de água está escorrendo da mochila e fazendo uma pocinha no chão. Acho que ele quer se apresentar pra você. Talvez até já se conheçam de longe, porque os espelhos de água da Terra refletem as estrelas do céu.

Segura aí a freqüência, amiga, porque você vai canalizar agora um grande deva da natureza. Fala, meu rio.

7

HÁ QUE NAVEGAR

***Venho de muitos lugares ao norte deste Rio Grande que fica no Sul.
As águas que me formaram atravessaram
florestas de araucária, matas atlânticas e cordões lagunares.***

Nasci do encontro de quatro rios.

Aquele que contribui com a porção maior de minhas águas se chama Jacuí e começa na Serra Geral do Passo Fundo. Ele percorre 720 quilômetros até desaguar no delta que tem o seu nome. É aí que eu começo. No Delta do Jacuí. É aí que também começam as memórias e histórias dos meus ribeirinhos, essa gente vinda de muitos lugares que se alegrou com o meu porto e por aqui ancorou.

O respeito era uma prática fundamental entre meus primeiros ribeirinhos, a gente nativa que circulava em grandes famílias chamadas Tupi-Guarani, Charrua, Minuano. Essa gente mui formosa em sua alegria e nudez não deixava marcas em minhas margens, indo e vindo por entre os campos e as trilhas na mata.

Banhavam-se em minhas águas, bebiam delas, navegavam nelas e me deixavam intocado, essas gentes leves e limpas. Sabiam que a natureza é sagrada entre minhas fronteiras e limites. No extremo norte está meu berço, com seu delicado ecossistema, e no extremo sul fica o santuário onde eu me transformo em lagoa num cenário encantador.

Assim, permaneci virginal durante séculos e séculos no contato com meus primeiros ribeirinhos. E foram eles quem primeiro me nomearam.

Guaybé, me chamavam. Na língua atual, pode significar enseada.

Mas pode também significar uma imagem mais romântica, assim como seio das águas. Existem ainda, embora menos aceitas, outras significações para os doutos que pesquisam a minha etimologia, sendo uma delas a de lugar ruim de peixes. Sobre isso, nem quero perder tempo em falar. Que digam a verdade os muitos pescadores que já viveram de mim. Que o digam minhas piavas, traíras e grumatás.

Foi na barra do meu leito e na fartura de minhas águas que uma gente feita de muitos povos engatinhou e cresceu.

Mas um dia outros povos chegaram do além mar, trazendo usos e costumes diferentes. Usaram o meu curso para invadir as terras da gente mui amiga e maltrataram e prenderam e escravizaram. Vi procissões de feridos acorrentados passarem por mim a caminho dos trabalhos forçados nas terras mais ao norte,

e muitos faleceram de dor e cansaço no meio da sinistra caminhada.

Nem todos foram presos, escravizados ou mortos. Alguns permaneceram em suas terras, ainda que açoitados, atacados e violentados. Chegou um tempo em que a única forma de sobreviver era render-se ao comando de além mar e ajoelhar-se diante da cruz.

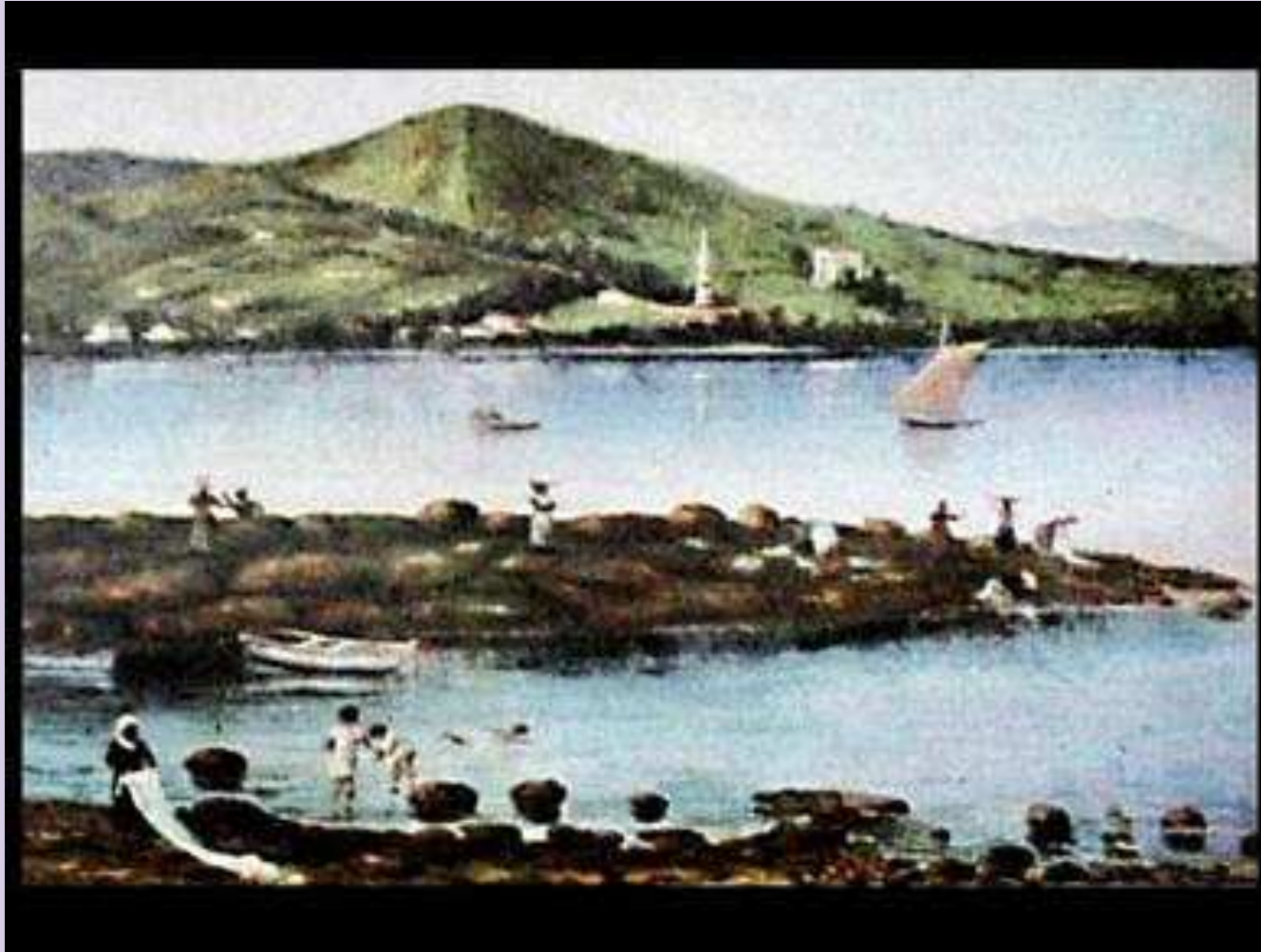
Então vi aquela gente expansiva e alegre que vivia se banhando em minhas águas e se dourando em minhas margens na inocência de sua magnífica nudez, fechar-se em roupas que escondiam seus belos corpos e travavam a liberdade dos movimentos.

E depois vi se transformarem os hábitos daquela gente que vivia andando solta por estas ilhas, convivendo em liberdade com os animais nas matas.

A nova gente que passava andava vestida e sisuda, conduzindo animais presos para serem vendidos nas feiras e mercados.

Mas nem todos que vieram do além mar eram tiranos cruéis. Ao descobrirem o meu arquipélago de ilhas, os 60 pares que aqui aportaram em 1753 se lembraram do arquipélago dos Açores de onde vieram. Saudando em mim sua terra mãe, nas minhas águas se banharam e nas minhas margens fizeram filhos. Na península que se abre para o lugar onde eu inicio, começou o povoado que era em sua origem um porto de casais. O porto cresceu e mais se alegrou, atraindo com sua animação outros pares de tantos outros lugares que também aqui aportaram.

E nestas margens plantaram casas e cultivaram filhos.



Esses povoamentos todos de tão diversas origens se transformaram em cidades. E no entorno de nós se criou uma região metropolitana com muitos municípios.

Somos hoje o mais populoso e desenvolvido núcleo urbano do Rio Grande do Sul. Somos responsáveis pela parcela maior do produto interno bruto do povo conhecido como gaúcho.

Por conta disso adoeci.

A maioria dessa gente que às minhas margens vive e da minha seiva sobrevive costuma me usar como a sua lata de lixo. Em alguns trechos estou tão sufocado que mal consigo respirar.

Sou alimento, sou renda, sou água vital.

Mas disso pouco se lembram meus atuais ribeirinhos ao falarem de mim. Para a maioria deles eu virei só paisagem. E, como se eu fosse uma natureza morta, tratam de jogar seus restos em mim.

Ao me verem doente, finalmente alguns de meus ribeirinhos acordaram para a sobrecarga que depositam em mim e trataram de me cuidar. Mas ainda são poucos.

Ultimamente, deram para me discutir. Gostaria muito que ao se recordarem de mim, tratassem de me perceber como a natureza viva que sou.

Mas que nada. O debate a meu respeito fica no papel das letras mortas.

E para melhor me usarem, mudaram a minha classificação geográfica, liberando para seu usufruto uma porção maior das minhas margens.



popa.com.br

Diante da controvérsia, só rio e sigo a minha correnteza além do barulho das margens. Pois digam o que disserem, eu rio e corro na direção do mar.

Dizem alguns que não sou mais um riante porque durmo com sedimentos lacustres em meu leito e me comporto à vista de todos como um lago. Dizem outros que, apesar disso, eu recebo rios como afluentes e filho de rio, riozinho é. De fato.

Vou seguindo na direção do mar como um bom rio.

E como um perfeito lago espelho as visões e ilusões a meu respeito.

O que os doutos não entendem é que eu sou único. Não adianta me compararem aos rios e lagos do mundo, porque sou como todos eles e não sou como nenhum.

Sou único em minha diversidade de origens, momentos e comportamentos.

Desconheço estereótipos. Sou rebelde pela própria natureza e as palavras e os conceitos são poucos para me significar.

É preciso ir além das palavras.

É preciso ir além dos pré-conceitos.

Não me chamem, não me nomeiem.

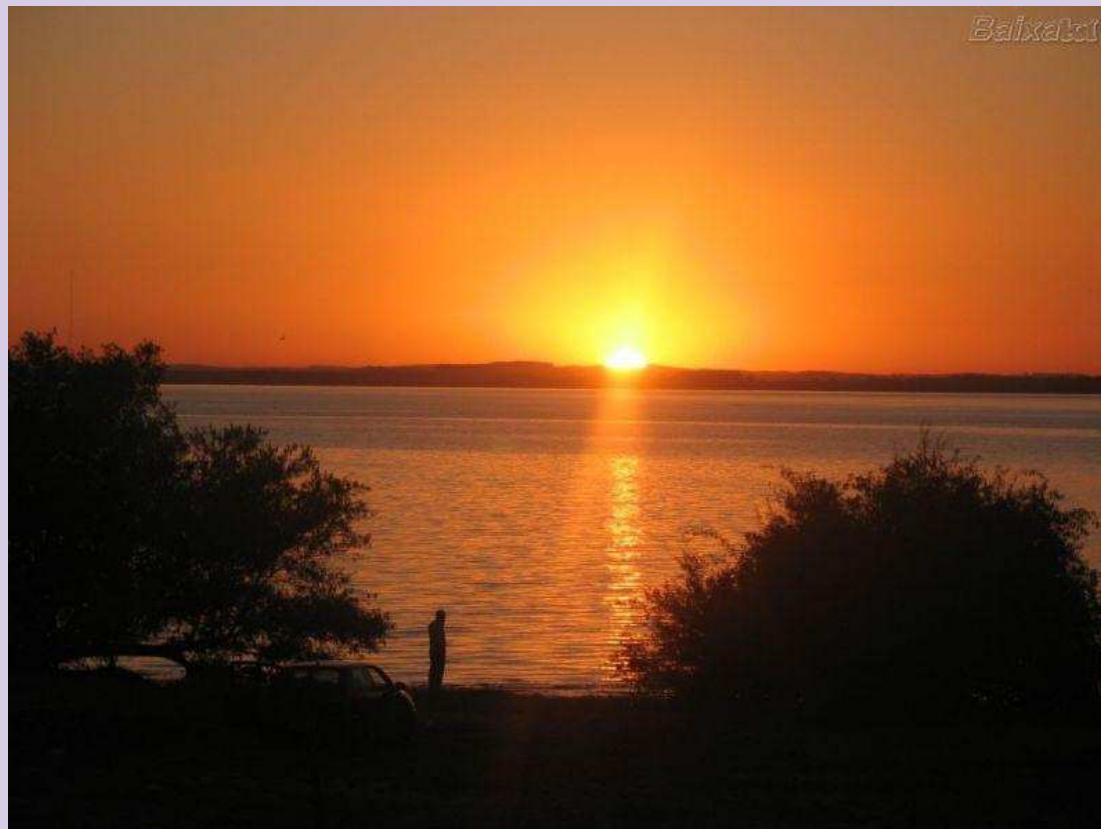
Não queiram me possuir.

Eu sou de todos e pertencço a ninguém.

Apenas venham comigo.

*Todos falam de mim, mas poucos conhecem
meus cantos e recantos, minhas belezas e riquezas.*

*Para me conhecer, há que se aventurar.
Há que me navegar e me amar.*



8

ACABANDO COM A GENTE

Querida Merope,

Em nossa última comunicação o Guaíba roubou a cena e lhe falou entre outras coisas, do extermínio das nossas gentes nativas. Eu bem que gostaria de poder acrescentar simplesmente que são lembranças do passado do Guaíba. Mas infelizmente não é assim. O extermínio continua acontecendo. Fazendeiros, grileiros, madeireiros e outros "tarefeiros", movidos pelo interesse de explorar as poucas terras que sobraram para os índios, travam uma guerra insana e interminável para expulsar delas os remanescentes nativos do Brasil. O genocídio continua. Na verdade, ele está mais ativo do que nunca, não atinge apenas a raça vermelha e não se restringe ao Brasil.

Existe atualmente um amplo genocídio acontecendo em todo o mundo, anunciado e denunciado pelos meios alternativos de comunicação. Pessoas que trabalharam para os governos, o sistema de saúde e os laboratórios farmacêuticos, estão se rebelando e

revelando uma trama fatal tecida pelas corporações psicopatas com a cumplicidade dos governos corruptos.

Querem acabar com a gente, Merope. Pelo que se ouve dizer, a proposta é um genocídio planetário. O pretexto é que simplesmente existe gente demais no mundo e os recursos são poucos para todos. Na verdade este é um planeta generoso e daria muito bem para abrigar e alimentar a nossa atual humanidade, desde que houvesse mais consciência e simplicidade no modo de viver, e menos cobiça e gula na maneira de se comportar. Para chegar nisso, o sistema econômico-financeiro teria que se transformar, alterando a estrutura de produção e consumo e a própria noção do desenvolvimento. Mas isso, a elite que governa o mundo e detém os privilégios do chamado progresso parece não querer que aconteça. Ela prefere acabar com a vida dos outros em vez de mudar a própria vida.

Existem alvos prioritários para o genocídio programado. Além da raça vermelha, também a raça negra está sendo alvo de um processo de extermínio, e o continente africano se tornou um enorme campo de provas onde vários conflitos e doenças estão sendo produzidos propositadamente.

Você pensa que, em algum lugar do mundo, adianta tomar remédios e vacinas para combater doenças? Eles criam efeitos colaterais que geram novas doenças. E a agricultura estimulada pelo sistema produz a fome. A propriedade das terras e das sementes se concentra cada vez mais nas mãos de alguns poucos empresários,

enquanto os verdadeiros agricultores se vêm despojados, desalojados e obrigados a padecer de fome nas periferias das cidades.

Uma das conseqüências desse desequilíbrio é que alguns povos ricos que podem pagar pelos alimentos estão inchando perigosamente com uma doença conhecida como obesidade, provocada pelo excesso de comida, enquanto alguns povos pobres que não podem pagar pelos alimentos estão secando perigosamente com uma doença chamada desnutrição, provocada pela falta de comida.

E as sementes que deveriam produzir a vida estão trazendo a morte.

Tempos atrás me chegou uma notícia que calou fundo no coração e doeu. Veio da Índia, a terra dos muitos milagres, e vou lhe contar porque pode servir para mostrar a você o quanto estamos vivendo na polaridade e como a luz e a sombra andam juntas nestes tempos fantásticos.

Enquanto crianças se iluminavam numa escola e ensinavam outros a se iluminarem, no mesmo país mais de um milhão de pessoas adultas se suicidavam. A cultura agrícola da Índia é uma das mais antigas do mundo mas suas tradições foram rompidas bruscamente e muitos camponeses não agüentaram mais a ruindade dos controladores do planeta. Acontece que as corporações fizeram grandes experimentos genéticos entre diferentes espécies vegetais e criaram uma semente híbrida que chamaram de transgênica, para ser plantada na terra. Ela não se reproduz como as sementes nativas

sadias e os agricultores são obrigados a pagar por novas sementes todos os anos. O pior é que, no caso de uma grande região da Índia, essas sementes transgênicas não pegaram nem uma vez – elas não frutificaram e os agricultores não tiveram nem colheita para pagar pelas novas sementes que são caras, vendidas pelas corporações que dominam o comércio mundial de insumos agrícolas. Como os bancos abriram financiamentos especiais para as sementes transgênicas e os governos desaconselharam a plantar as nativas, dizendo que as outras rendiam mais, toda uma população camponesa ficou endividada e com a terra estéril. Para piorar ainda mais, as terras com as casas onde moravam foram tomadas para pagamento das dívidas pelos mesmos bancos e corporações que enganaram os camponeses impondo uma agricultura suicida. O resultado é que os agricultores mui pacíficos da Índia, em lugar de se rebelarem, resolveram se matar junto com as sementes suicidas.

Acho muito simbólico o que está acontecendo atualmente com as sementes porque elas são o embrião da vida.

Imagina você que ao mesmo tempo em que desestimulam os agricultores a plantarem sementes nativas, as corporações estão seqüestrando enormes estoques delas, de todas as espécies das mais diferentes partes do planeta e vão guardando tudo bem refrigerado e conservado num gigantesco cofre-forte escavado numa geleira distante e isolada perto do Ártico, no pólo norte. Em vez de deixarem as sementes boas se espalharem no quentinho da Terra produzindo vida nos campos – as corporações

estão espalhando sementes da morte na Terra e congelando no fim do mundo as sementes da vida.

Parece ficção científica, Merope? Pois foi divulgado pelas agencias internacionais de notícias o lançamento da Arca de Sementes do Fim do Mundo, apelido pelo qual foi batizado pela mídia o Baú de Sementes Global de Svalbard. Svalbard é o nome de um conjunto de ilhas árticas pertencentes à Noruega.



E por falar em Noruega...pertinho de onde fica esse imenso cofre-forte cavado dentro de uma montanha gelada, está sendo construída uma grande e complexa rede subterrânea de abrigos para acolher pessoas escolhidas quando as coisas na superfície da Terra ficarem mais difíceis.

Alguns empregados do governo norueguês não estão agüentando a pressão interna e deram com a língua nos dentes – assim como empregados de outros governos, principalmente o estadunidense, não estão resistindo ao chamado da consciência e andam botando a boca no trombone: existem muitos abrigos subterrâneos sendo construídos em todo o mundo, principalmente nos países mais desenvolvidos do norte. Isso não está sendo divulgado pela mídia de massas porque os abrigos estão destinados às elites que detém o poder e o dinheiro.

O que será que eles acham que vai acontecer? Que a vida aqui na superfície vai se tornar impossível? E agora voltamos ao começo da nossa conversa, ou quase isso – porque dizem alguns povos nativos da Terra que essa história de abrir buracos para morar dentro foi ensinada pelos extraterrestres que - segundo as lendas – acabaram se tornando intraterrenos.

Alguns desses antigos subterrâneos da Terra, que existiam em lendas e mitos ou na intuição criativa dos escritores, estão sendo agora descobertos. Especula-se que de vez em quando, ao longo das civilizações que se sucedem, a vida na superfície da Terra fica meio conturbada, e o melhor negócio é dar um tempo no ventre generoso da Mãe.

Parece que um tempo desses está chegando e como nada acontece por acaso, os arqueólogos estão descobrindo e penetrando túneis e cavernas que vão dar em cidades debaixo da superfície da Terra.

Na Guatemala, onde viviam e sumiam os antigos Maia, foram descobertos recentemente uns 800 quilômetros de construções subterrâneas embaixo de pirâmides que ficaram séculos cobertas pelo mato. Tradições mitológicas do povo iraniano já diziam que seus ancestrais escaparam de um longo inverno de neve e gelo em cidades subterrâneas e no Egito, onde se disse que as pirâmides eram simplesmente câmaras mortuárias de faraós megalomaniacos, estão sendo descobertas muitas destinações ocultas delas – entre elas a porta de entrada para um fantástico mundo subterrâneo. Também recentemente foram descobertas mais de 30 cidades subterrâneas construídas há uns 11 mil anos atrás na Capadócia, a leste da Turquia, com capacidade para abrigar 20 mil habitantes.

Aqui no Brasil, onde os indígenas dizem existir cidades subterrâneas debaixo de pirâmides, os arqueólogos só agora estão descobrindo as famosas civilizações perdidas da Amazônia e ainda se restringem aos estudos de superfície. Mas os indígenas contam a mesma história que diversos pesquisadores já estão descobrindo em outros lugares: existem cidades subterrâneas na Amazônia construídas há mais de 10 mil anos que servem de abrigo contra catástrofes naturais e, após a colonização, foram utilizadas para proteger muitos indígenas dos brancos invasores.

Minha mãe me dizia que, de vez em quando, o mundo acaba. São os finais de ciclo, em que a Terra muda de pele para se renovar como as serpentes. Nessas mudanças, as gentes que moram em cima da pele da Terra sofrem muito, e por isso existem povos que costumam se abrigar dentro do seu corpo, porque lá é mais seguro. A Terra muda de pele, mas não muda de corpo. Ela já mudou de pele muitas vezes e muitos mundos já se acabaram sobre ela. Mas sempre começam outros mundos em seguida. Aquelas gentes que escaparam, começam tudo outra vez.

Para algumas pessoas pode parecer um pesadelo fatalista, começar tudo outra vez. Para outras, pode ser um sonho profético construir um novo mundo.

Mamãe contava a história de Raoni, um homem que fora buscar a sua visão em cima de um morro e ficou sozinho quando o mundo acabou, há muito tempo atrás. Quando a Terra parou de tremer e as águas que haviam inundado o vale onde sua família morava se acalmaram, Raoni desceu do morro e começou a andar. Mas ele não via mais as cores alegres do mundo e os sorrisos contentes das pessoas. Um dia, muito cansado do mundo que tinha acabado e sentindo muita saudade das cores e dos sorrisos, ele sentou-se na beira de um lago. Olhava para as águas paradas e pensava tristemente que vida era aquela num mundo que tinha acabado. Então, percebeu que as águas serenas do lago refletiam o céu azul e um sentimento de gratidão brotou dentro dele. Uma lágrima emocionada rolou no seu rosto, caiu nas águas paradas do lago e fez com que elas se mexessem e se abrissem como um sorriso. O sorriso convidou Raoni para

mergulhar no lago e o sorriso parecia ser tão inocente que ele achou que ali estava uma criança, alguma coisa tenra e pura, uma vida apenas começando. Raoni aceitou o convite para mergulhar e nadou dentro do lago azul. Logo percebeu que o lago não era azul, só parecia azul porque refletia o céu na superfície. Lá dentro do corpo do lago a cor era outra. Aliás – eram outras.

Lá dentro do corpo do lago havia diversas cores e vários sorrisos. Raoni conheceu o reino das sereias, que além de cantarem muito, sorriam muito também. Elas gostavam de sentar nas pedras do lago penteando seus longos cabelos e cantando canções de amor com uma voz tão maravilhosa que Raoni se apaixonou por elas e se casou com uma delas. O casal foi morar numa aconchegante caverna e teve lindos filhos. A vida se tornou tão movimentada que Raoni se esqueceu do mundo que tinha acabado.

Até que um dia ... as águas começaram a se mexer novamente na superfície do lago. Mas dessa vez, o motivo não era uma lágrima de gratidão. Elas se mexiam porque alguém gritava sobre elas.

Raoni vivia muito feliz no lago e pela primeira vez em muito tempo se assustou. Parecia que alguém chamava o seu nome. Sem pensar muito no que estava fazendo, nadou para a margem de onde tinha vindo um dia, quando descansava das suas andanças pelo mundo que tinha acabado. Na margem encontrou o seu irmão, que estava gritando e chamando por ele. O irmão disse que o estava procurando, até que encontrou suas roupas na beira do lago. Ele segurava as velhas roupas na mão e as

estendia para que Raoni as vestisse. Ele vestiu as velhas roupas e antes de ir embora com o irmão olhou para o lago. A noite era sem lua e as águas refletiam o negro céu.

- Estranho ...eu pensei que esse lago era azul e suas águas se abriam como um sorriso, disse Raoni.

O irmão de Raoni olhou também para o lago, e no lugar de sorrisos azuis viu sombras e mistérios.

- Quem sabe o que se esconde além do olhar? As visões acontecem do jeito que a gente olha para elas.

LINHAGEM DOS PROFETAS

Estrela amiga,

Em nossa última comunicação entramos num assunto delicado para mim e que me leva a muitas reflexões. Eu lhe contei sobre os subterrâneos físicos que já foram ou estão sendo ocupados por humanos terrestres encarnados na superfície do planeta. Mas existem outros abrigos no interior da Terra que não são exatamente físicos, estão numa dimensão invisível aos nossos olhos e são habitados por um outro tipo de seres – extraterrestres e intraterrenos. Esse outro mundo vem sendo estudado atentamente por aqueles que se dedicam à ufologia e à exopolítica, porque dizem estar na hora de fazermos contato com essas gentes e também porque é preciso avaliar cuidadosamente como se faz esse contato, porque alguns extras e intras trabalham pelo bem de todos e outros nem tanto.

Estive refletindo sobre meus sonhos e penso que a negação e a supressão do conhecimento sobre a presença extraterrestre na Terra faz parte de um jogo de poder. A perpetuação da ignorância sobre mundos e povos além da Terra reforça os sistemas de

opressão locais. Da mesma forma se produz o extermínio dos povos nativos que mantiveram o contato com a alma e viveram em harmonia com os reinos, pois eles trazem a lembrança da antiga sabedoria universal e do contato com os divinos.

O que importa saber é que não estamos sozinhos no universo e muito menos na Terra. E tudo o que fizermos na superfície repercutirá dentro dela.

Estamos jogando o destino do planeta em um cenário de guerra e destruição, em cima das cabeças, das casas e dos quintais de muitos outros além de nós que não são vassallos dos impérios da superfície terrestre. Estamos criando um confronto extra e intraplanetário porque os bombardeios atômicos e a poluição da biosfera estão perturbando gentes em outros planetas, nas dimensões suprafísicas da Terra e principalmente no seu interior. O que você faria se estivesse numa dessas situações, Merope? Muitas luzes que nem são estrelas como você estão piscando bastante no céu pra chamar nossa atenção, não é por coincidência que os chamados avistamentos de ovnis acontecem com tanta frequência ultimamente. Se a gente não prestar atenção e assumir a responsabilidade pelo que estamos criando com nossas vidinhas superficiais, a vida neste quadrante da galáxia vai ficar meio complicada para todos nós.

Eu tenho ouvido muita gente dizer que só vai mudar de vida depois que o sistema cair. O que as pessoas não estão entendendo é que se ficarem encostadas no sistema até o fim, vão cair junto com ele. Você sabe do que estou falando, porque já viu muitas

coisas acontecendo no céu da galáxia e o nosso não é o primeiro e nem o único planeta que ameaça destruir a si mesmo.

Muito bem. Eu quero lhe contar agora porque todo esse assunto é especialmente delicado para mim e me leva a muitas reflexões.

Já lhe disse que venho de uma família excêntrica. Não apenas porque meus pais foram criados como indígenas, mas porque meus antepassados do interior de São Paulo tinham o dom da profecia. Eu não sei se o dom da profecia se transmite de pai para filhos, o que sei é que vô Hermes vivia atormentado por essa idéia e pelo conflito entre o que considerava ser sua missão espiritual e os deveres materiais com a família. Em *Cartas para Estrela da Manhã*, vô Hermes procura conciliar um pouco esses deveres conflitantes, doando aos próprios familiares a herança do seu conhecimento sobre os mundos imateriais e a sabedoria secreta da humanidade. Esse conhecimento incluía as previsões sobre o tempo em que estamos vivendo agora. A linhagem dos profetas, conforme vô Hermes ensinou, vive para o Serviço ao Todo – mesmo que todos em volta vivam para o Serviço a Si. Os profetas anunciam o novo paradigma e ancoram o futuro para que ele possa se plasmar no presente. E o futuro da humanidade está no paradigma do Serviço ao Todo.

Não é muito fácil pertencer a uma família que pratica o Serviço ao Todo, quando a maioria das famílias pratica o Serviço a Si. Vô Hermes disse que após presenciar a tortura e o assassinato do próprio pai quando ele pregava o Serviço ao Todo, seus

sentidos ficaram totalmente fechados para o mundo espiritual e o contato com as estrelas. Mas, ao penetrar nos mistérios da Serra do Roncador, por obra do destino e não por vontade própria, o espírito adormecido de Hermes acordou. E vovô conseguiu expandir sua consciência para fazer contato com um mundo suprafísico - onde o passado, o presente e o futuro não existem como os conhecemos, onde o tempo dominante é o eterno agora.

A vivência na Serra do Roncador trouxe para vovô Hermes o conhecimento sobre o mundo da Terra Interior. Ele contou em *Cartas para Estrela da Manhã* que alguns povos mais evoluídos que os terrestres mantêm bases de observação e operação no planeta. Algumas dessas bases estariam no interior da Terra em dimensões que nem sempre podemos compreender com olhos físicos. Essas bases têm a missão de ancorar uma vibração mais elevada no planeta e contribuir para que a humanidade evolua, elas se tornaram necessárias porque a Terra sofreu a interferência indevida de forças involutivas que atrasaram o caminho natural da humanidade. Pouquíssimos seres encarnados podiam, ou podem ainda, adentrar os retiros intraterrenos, pois para isso é preciso que estejam preparados para receber e irradiar uma vibração mais sutil.

O desaparecimento de vovô Hermes sempre foi cercado de mistério e silêncio em nossa família, e após ler *Cartas para Estrela da Manhã*, eu intuí que vovô Hermes havia atendido ao chamado para viver na Terra Interior. Para mamãe, que nasceu e se criou aos pés da Serra do Roncador, a existência de seres conscientes vivendo na Terra Interior é uma

verdade indiscutível. A cosmologia Tupi-Guarani ensina que o Todo se desdobra em várias dimensões e mundos – e assim também se desdobram os seres criados, como a Terra e sua humanidade. Nem todas as dimensões e mundos são físicos ou concretos – o plano material é apenas um dos galhos da grande árvore da vida.

E tudo isso me dá um arrepio na espinha, Merope. Eu me pergunto se herdei um destino suprafísico de meus antepassados, e se está escrito em meu roteiro de vida que algum dia adentrarei a Terra Interior.

Não se trata simplesmente de entrar em sintonia com a vibração do interior da Terra e com tudo o que isso implica de preparação iniciática. Trata-se principalmente de assumir a linhagem dos profetas e de uma família SAT (Serviço Ao Todo) com tudo o que isso significa num momento em que ainda predomina o paradigma da família SAS (Serviço A Si). Trata-se de respeitar uma tradição e uma hierarquia, quando esses conceitos viraram de cabeça pra baixo e na civilização atual representam o oposto daquilo que eram. Nas culturas indígenas, a tradição herdada dos antepassados é fundamental e nos alinha com a lei maior do cosmos. Em nossa civilização moderna, as tradições mudam e se renovam ao sabor dos ventos e dos tempos, pois não existe mais o respeito à lei maior do cosmos. O humano terrestre tornou-se auto-centrado e obedece apenas à lei dos homens – quando obedece.

Por tudo isso e algo mais eu lhe digo que não é fácil pertencer a uma família SAT. A única coisa que posso lhe garantir no momento é que procuro dar o melhor de mim – muito embora às vezes eu manifeste o pior de nós.

Já lhe falei da dor que senti com a partida de Tainá. Pois é. Eu esperava que ela não fosse – por amor a mim, mais que por amor ao Todo. Porque Tainá, assim como seu irmão Tanguro, veio morar na sociedade dos brancos não para ficar aqui, mas para voltar e servir no lugar onde nasceu – aos pés da Serra do Roncador. Tanguro foi treinado pelos sertanistas que reconheceram as ameaças contra a cultura Xavante, para ser um porta-voz da sua gente, e defendê-la nas mediações e conflitos que fatalmente se seguiriam com a aproximação cada vez maior dos brancos. Tainá foi treinada por vô Hermes, que era amigo dos sertanistas que apadrinharam seu irmão Tanguro, para ser o contrário dele – não uma porta-voz, mas uma porta-silêncio. Sua missão não era circular entre as aldeias do vale, mas sim entre as cavernas da montanha – pois ela foi treinada para ser uma guardiã dos mistérios do retiro intraterreno dos grandes iniciados na Serra do Roncador.

Eu sempre soube que um dia, Tainá me deixaria para cumprir sua missão, assim como vô Hermes um dia deixou a família e desapareceu para cumprir sua missão sabe lá deus onde. Mas eu esperava sinceramente, no meu egoísmo filial, que Tainá desistisse dessa louca idéia – pois assim me parecia na época – e colocasse seu amor de mãe acima do compromisso com o Todo. Isso não aconteceu.

É bem verdade que eu não era mais uma criança quando Tainá partiu. É bem verdade que eu poderia ter ido com ela se assim o desejasse. Mas a idéia de morar em inóspitas cavernas numa montanha longínqua era insuportável para mim. Naquela época eu vivia intensamente a cultura e a sociedade dos brancos. Felizmente meus pais intuíram que, vivendo na sociedade dos brancos, eu poderia me distanciar muito dos verdadeiros valores da vida. E me deram um nome tal, para que eu não me esquecesse de onde vim e para onde vou.

Eu lhe disse que algumas pessoas me chamam de Índia. Embora eu até goste que me chamem assim, esse é apenas o meu apelido, o mesmo apelido que os conquistadores brancos deram à mulheres nativas quando aqui chegaram. Eles disseram na Europa que estavam navegando para as Índias e se perderam ou se confundiram no oceano e vieram dar aqui, mas isso não era realmente verdade, como tantas coisas que nos contaram da nossa história.

Seja como for, o meu nome de batismo remonta a uma tradição bem mais antiga do que essa dos europeus que dizem ter se enganado quando vieram dar aqui. O meu nome deriva de um lugar sagrado para os antigos deste país, tão sagrado que está assinalado no antigo mapa de um mosteiro tibetano. Um lugar que foi morada e templo dos primitivos mestres dos povos amazônicos e acabou se tornando uma grande lenda. Uma grande lenda que fascinou conquistadores, exploradores, pesquisadores e místicos do mundo inteiro.

Eu me chamo Manoa.

Muitas vezes eu fiz mamãe repetir a história de Manoa quando era pequena.

A história de Manoa começou há muitos milhares de anos, quando os antigos mestres chegaram voando com o vento leste em naves douradas e aterrissaram perto do Grande Rio – que na época era um grande mar interior. Construíram fortalezas e templos de pedra, criando ao redor deles cidades e vilas. Instruíram as tribos selvagens com seus sábios ensinamentos e fizeram leis para o povo. Em troca, os nativos lhes prestavam serviços os mais diversos – inclusive a mão de obra para as construções. Os mestres moravam em grandes templos construídos em montanhas com galerias que levavam a cidades subterrâneas, e uma delas se chamou Manoa.

A grande inundação devastou o Império dos Antigos Mestres, há mais de 10 mil anos. Só permaneceram íntegras as moradas subterrâneas. Antes de acontecer a destruição, os mestres foram embora, e só voltaram alguns milhares de anos depois, quando os servos escolhidos para servi-los e suas tribos aliadas já haviam esquecido os ensinamentos e retornado a um estado primitivo.

Um filho dos antigos mestres assumiu o comando do império devastado, restabeleceu a ordem entre as tribos e pôs todo mundo para trabalhar construindo e reconstruindo templos, fortalezas, palácios e casas. A antiga Manoa foi novamente habitada – ou nunca deixou de ser, e se formaram localidades de nome parecido como

Mano e Manu – o que talvez tenha confundido muito os conquistadores europeus quando aqui chegaram, fazendo-os procurar a lenda de Manoa em cantos diversos do mundo amazônico.

As fronteiras do antigo império abarcavam praticamente toda a bacia amazônica. A fronteira sul contornava o planalto central brasileiro e as planícies bolivianas. A oeste, o império descia as encostas dos Andes peruanos junto com a nascente do rio Amazonas, que se chamou naquela época Amaru-Mayu. Ao norte, se fechava nas serras de Parima e Paracaima, entre as fronteiras brasileira e venezuelana. A leste, navegava pelos afluentes do Amaru-Mayu até a sua foz. Nesse grande território, Manoa vem sendo procurada há séculos por conquistadores que a buscam como uma cidade perdida, exploradores que a vêem como uma grande lagoa, e místicos que a sonham como um templo ancestral.

Nessa altura da história, minha mãe fazia uma pausa e olhava para mim sorrindo. Então eu entrava na história e perguntava:

- Porque tanta gente procura Manoa? O que é que a Manoa tem?

Mamãe explicava então que a lenda de Manoa é muito rica e tem vários tesouros que atraem as pessoas de diferentes maneiras. O conquistador que procura a cidade perdida quer seus tesouros materiais em forma de ouro, prata e cerâmica. O explorador que a vislumbra como uma grande lagoa quer ver a si mesmo projetado nela, e marcar sua

passagem na Terra pela descoberta de tesouros arqueológicos. Já o místico que sonha um templo ancestral quer reviver mitos e ritos nos tesouros espirituais dos antigos mestres.

- Mamãe ... Manoa é tudo isso?

- Sim, filha. Manoa é tudo isso. E quando eu não estiver mais com você fisicamente, lembre-se que estarei em Manoa, velando pela minha Manoazinha.

O sinal de que estava chegando a hora de Tainá partir veio com a notícia do desaparecimento de tia Aurora. Pois este se tornou um terrível hábito de nossa família – desaparecer.

Tia Aurora era a irmã mais nova de mamãe. Nasceu na cuesta paulista como eu, indo também como eu morar na beira do Guaíba ainda pequena. Não sei para qual missão ela foi treinada. Eu era criança quando tia Aurora foi para o Planalto Central. Não chegou a conhecer o Roncador, como era sua intenção inicial. Fez escala em Brasília para conhecer a capital que estava sendo inaugurada e por lá ficou e casou. Teve dois filhos. E um dia, desapareceu. Tainá costumava se corresponder com ela e quando chegou a carta do marido informando que Aurora se fora, minha mãe ficou ensimesmada. Tornou-se mais silenciosa do que nunca e começou a se preparar para partir.

NOTÍCIAS DO GUAÍBA

Olá, Manoa

Como vai? Espero que possa receber a nossa mensagem, seja aonde for. Porque seja onde for que você esteja – estamos muito mais próximos do que imagina.

Agora mesmo, enquanto escrevo esta mensagem, olho para o seu rosto de criança travessa numa antiga foto. Você está brincando na beira do Guaíba com minha mãe, uma adolescente magricela naquele tempo. E como naquele tempo era diferente a paisagem! Eu me lembro com saudade das histórias que mamãe contava sobre o rio da sua infância. Ganhei dos atuais moradores da chácara na praia da Alegria essa foto amarelada que eles encontraram esquecida num armário, isso me comoveu muito, foi a primeira vez que vi uma imagem de minha mãe tão jovem.

Embora a paisagem seja diferente agora, a essência do rio é a mesma. E foi nela que eu mergulhei, desde que aqui cheguei. Contemplando o movimento das águas, vou

evocando cenas e visões dos tempos remotos, e assim faço um memorável contato com Aurora. Vou me entregando a essa tentação que os grandes rios me despertam – navegar até encontrar a mãe das águas.

Hoje o dia amanheceu santificado pelo brilho do sol e tratei de pegar este barco que sai do nascedouro do Guaíba e o percorre até chegar no lugar onde ele se transforma em lagoa e vai se engrandecer no mar.

Vamos seguindo sem pressa de nada, nessa ausência de ansiedade que o ritmo da correnteza nos traz. Acabamos de sair do delta onde se encontram e deságuam os rios que formam o Guaíba. Nosso barco está entrando numa intrincada rede de arroios, riachos e rios que se cruzam entre ilhas. Quantas belezas essas ilhas revelavam nas histórias que mamãe contava! Ainda me lembro os nomes de algumas delas, da nascente à foz: Mauá, Casa da Pólvora, Pintada, Chico Inglês, Pombas, Pavão, Marinheiros, Flores...

Na foto que eu ganhei vocês duas estão sorrindo e atrás está escrito: “Aurora e Manoa num dia de sol”. Fiquei contente de ver minha mãe sorrindo.

Agora estamos aqui, eu e meu irmão Juninho, navegando o rio onde a nossa mãe viveu os tempos felizes da infância. Onde você também viveu tempos felizes, Manoa. E onde também estamos vivendo um bom tempo agora. Eu ainda tenho meus momentos de nostalgia lembrando de Aurora, mas com Juninho nada passa. Ele era muito pequeno

quando ela se foi e não faltaram braços femininos para confortar meu pai e cuidar de seus filhos.

Sempre me perguntei para onde foi Aurora. Teria voltado para o Guaíba? Bem que perguntamos, mas nunca chegou notícia alguma da praia da Alegria. Como disse meu pai – após o desaparecimento de Aurora, Tainá desapareceu dentro de si mesma e nunca mais nos procurou.

Soubemos através de velhas cartas que nosso avô Hermes escreveu um livro que representa uma espécie de testamento espiritual. Viemos dar aqui em busca desse testamento, de sua mãe e de nossa mãe, ou quem sabe viemos em busca de nós mesmos.

E você, Manoa? Onde anda?

Preciso ir agora. O barco está ancorando numa ilha e o Juninho me chama para descer. Chego a alimentar a louca ilusão de que sinto o perfume de Aurora vindo dessas ilhas que margeiam o Guaíba.

Até mais,

seu primo Chico

11

LEI DA ESPADA

As notícias do Guaíba provocam novos sonhos.

O barco serpente chega finalmente perto das Ilhas Afortunadas. É o lugar combinado para esperar uma outra embarcação procedente de Kem, trazendo novos refugiados.

A névoa densa encobre o sol e a visão do horizonte. Um silêncio tenso percorre os remadores quando o capitão demonstra sua insegurança. Cabe ao mestre assumir o comando do barco.

Ele se posta atrás da cabeça da serpente e levanta os braços, murmurando palavras numa estranha língua. Como um maestro, conduz a embarcação com o movimento das mãos até que a névoa começa a ceder e a paisagem deslumbrante das Ilhas Afortunadas se faz enxergar no horizonte.

Seguem na direção de uma das ilhas, que se eleva acima do oceano como o cume de uma montanha. Todos a bordo estão ansiosos para conhecer essa terra dos bem

aventurados, onde conforme se diz, os ventos do mar namoram a brisa gentilmente, jamais se enfurecendo na forma de tempestades. As chuvas que nascem desse eterno namoro são preciosas dádivas que enriquecem as flores com a prata dos orvalhos matinais. A terra assim abençoada produz frutos em abundância, sem a necessidade sequer de cultivo. O clima se faz ameno e seus tranqüilos moradores não se preocupam em vestir roupas, apenas enfeitam os corpos com as jóias que a natureza dá.

Du.Ana e Ana.Is se prepararam lindamente para visitar as Ilhas Afortunadas.

O brilho dos cabelos de Du.Ana é realçado por fios de ouro que se entrelaçam com os cachos soltos e um belíssimo colar de lápis-lázuli contrasta com seu colo branco. Quem sabe inspirada pela floresta que se avista além da praia, Ana.Is se envolve numa pele de leopardo que lhe deixa à mostra as longas pernas e os elegantes braços enfeitados com muitas pulseiras. Na cabeça traz o diadema com a figura de uraeus – a serpente fêmea que queima os inimigos e dissipa as forças negativas.

- Não sabemos como os nativos podem reagir à presença de mulheres aqui, então é melhor que fiquem a bordo, adverte o capitão.

Ilu.An e alguns tripulantes desembarcam em busca de água doce e alimentos próximos à praia, com a missão de fazer o reconhecimento do lugar sem provocar seus habitantes. O capitão, o mestre e suas discípulas permanecem a bordo. Apesar da decepção, Ana.Is permanece impassível e apenas observa os homens que remam e

desembarcam na praia em uma canoa. Du.Ana , que sonhava em liberar o corpo caminhando pela praia dos bem aventurados, não esconde sua revolta.

- Aqui também, neste lugar tão ermo, somos discriminadas? As mulheres estão perdendo o poder e a liberdade por toda parte. Antigamente podiam circular livremente sob a proteção da deusa, como uma representação da doadora da vida. Mas agora, nossos movimentos são vigiados, reprimidos, controlados. O sentimento de amor à mãe universal e à sua natureza, da qual todos fazemos parte, está sendo pouco a pouco substituído no coração da humanidade pelo sentimento de temor aos deuses masculinos.

Enquanto fala, Du.Ana caminha para a tenda branca onde o mestre e o capitão concluem algumas observações sobre a rotina a bordo. Eles interrompem a conversação para ouvir seu protesto, que é pacientemente acolhido pelo mestre.

- Tu sabes o porquê disso, princesa de Babili. Faz parte do ciclo de trevas que começamos a viver. As tribos semi-nômades de caçadores e criadores de animais que estão vindo das montanhas frias do nordeste e das estepes áridas do sudeste não respeitam a deusa. E não consideram mais as mulheres como uma expressão terrena da mãe universal. Esses povos não praticam o culto à vida, eles vivem do culto à morte. Sua lei é a espada e suas divindades são ferozes. Está findando o tempo das belas e pacíficas comunidades onde se distribuía abundância e se compartilhava fraternidade. Estamos entrando num outro tempo onde a escassez é criada como forma de controle e a competição é estimulada como forma de sobrevivência. Chegará o tempo em que os

terrestres se esquecerão de que o amor e a fraternidade já reinaram sobre a Terra. Chegaremos a um tempo em que se acreditará que os homens sempre guerrearam e mataram outros seres para garantir sua sobrevivência.

- Talvez não esteja tão longe assim esse tempo, comenta o capitão. Tenho navegado por aí e observo que atualmente são poucos os lugares que se mantêm pacíficos e vivem no respeito às leis naturais, cultivando sociedades de parceria onde se pratica a liberdade, a igualdade e a fraternidade entre os seres. Um dos lugares onde ainda persiste esse tipo de sociedade é Creta. Estive lá recentemente e não ouvi falar em momento algum de guerras, conquistas ou dominação de uns sobre outros.

- Ah, como tenho saudade dos tempos felizes que vivi em Creta! Bendito o dia em que minha mãe me levou para aprender as artes e ofícios do sacerdócio nos templos ensolarados à beira do Mediterrâneo, relembra Du.Ana. Lá as pessoas vivem em eterno conluio com a natureza, criando vida e abundância em comunidades onde não há o superior e o inferior, o rico e o pobre. Realmente, capitão, lá não se pensa



Meissen about 1790: The Three Graces. Photo © Maicar Förlag - GML

em guerra e dominação, mas sim em paz e fraternidade. A preocupação predominante é cultivar os campos e produzir o necessário ao bem estar geral, para que todos possam elevar o espírito através das manifestações da cultura e das artes.

Ouvindo a conversa recostada na amurada do barco, Ana.Is pensa em Kem. Lá as mulheres ainda gozam de independência e respeito, e felizmente o grande deserto haverá de protegê-las por muito tempo ainda. As hordas guerreiras que estão invadindo comunidades pacíficas em tantos lugares impondo o seu reinado de terror já destruíram a bela e poderosa Akkad. Sem dúvida vão tomar conta de Shumer em parceria com Marduk, mas dificilmente se arriscarão a invadir Kem.

Mas não é por acaso que tantos exilados estão navegando para longe de Kem. Ana.Is reflete que, apesar do relativo isolamento de Kem, o espírito da conquista já se infiltra até mesmo no silêncio dos templos ao longo do Nilo. Foi-se o tempo em que o povo era livre e tinha acesso amplo aos bens, aos serviços e à cultura. Atualmente, o poder, a riqueza e o conhecimento se concentram cada vez mais nas mãos de poucos e se tornam instrumentos de dominação sobre a maioria.

Sim, o mestre tem razão. Foi corrompida a Irmandade criada para semear os ensinamentos e cultivar a sabedoria que conduz a uma existência equilibrada e feliz.

Ana.Is lembra os tempos tumultuados da infância, quando o pai e a mãe se desentenderam sobre a direção do governo e os destinos do povo. Ele era governador

em uma localidade próxima ao delta do Nilo e gozava da confiança dos sacerdotes de Amon-Rá, sediados no templo de Tebas. Sua mãe pertencia à casa real de Mênfis, da linhagem de Ptah. Era uma antiga família, do tempo em que o povo era governado pelos deuses e Ptah era o maior entre eles. Mas veio o tempo em que os filhos dos deuses assumiram o governo e Amon-Rá sucedeu a Ptah, em oposição a ele e ao irmão Thot. Por causa da fidelidade a Ptah e rivalidade com Amon-Rá, Thot se viu obrigado a deixar Kem. Assim como a mãe de Ana.Is se viu um dia compelida a deixar a casa onde vivia com o marido.

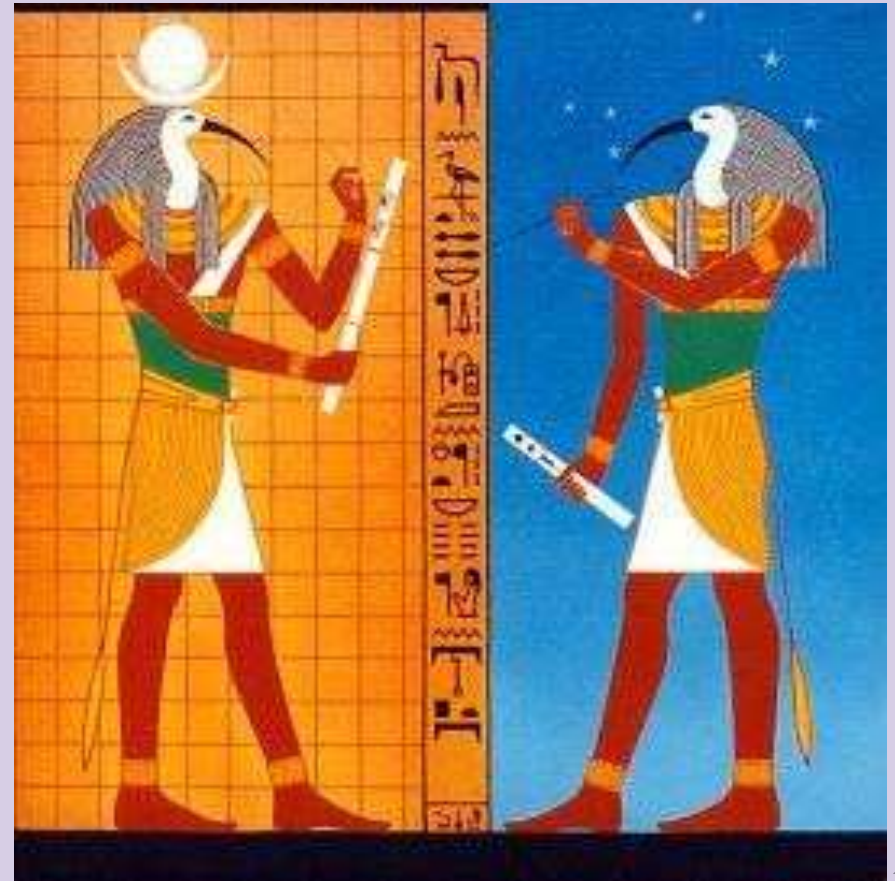
A dinâmica e decidida Nenuphar, mãe de Ana.Is, liderava uma confraria de mulheres que se uniam para cumprir os desígnios da deusa Hathor - a mítica vaca cósmica que oferece o seu leite para nutrir as estrelas e assinala caminhos no céu com turquesas, esmeraldas e malaquitas.

A confraria liderada por Nenuphar era alegre e positiva. Prestava auxílio às mulheres que se preparavam para dar à luz e se determinava a promover harmonia nos lares assim como paz nos corações. As devotas de Hathor costumavam passear de barco pelos pântanos onde crescem os papiros, fazendo vibrar suas hastes em homenagem à deusa que trabalha pela ressurreição e a recriação do mundo e usa o papiro como um de seus símbolos. Após passear pelos pântanos do Nilo, a mãe de Ana.Is e suas amigas tocavam música, cantavam e dançavam. Durante as celebrações elas bebiam vinho para nutrir o *ka*, abrir a intuição e revelar o que estava oculto.

Entre os objetos ritualísticos que Nenuphar considerava sagrados estavam uma coroa de ouro fundida por Ptah, o mestre das artes, e um relógio de água associado a Thot, o senhor do tempo. Quando as discussões domésticas tornaram inevitável a separação do casal, Nenuphar foi morar em Saqqara e iniciou-se nos ensinamentos de Thot.

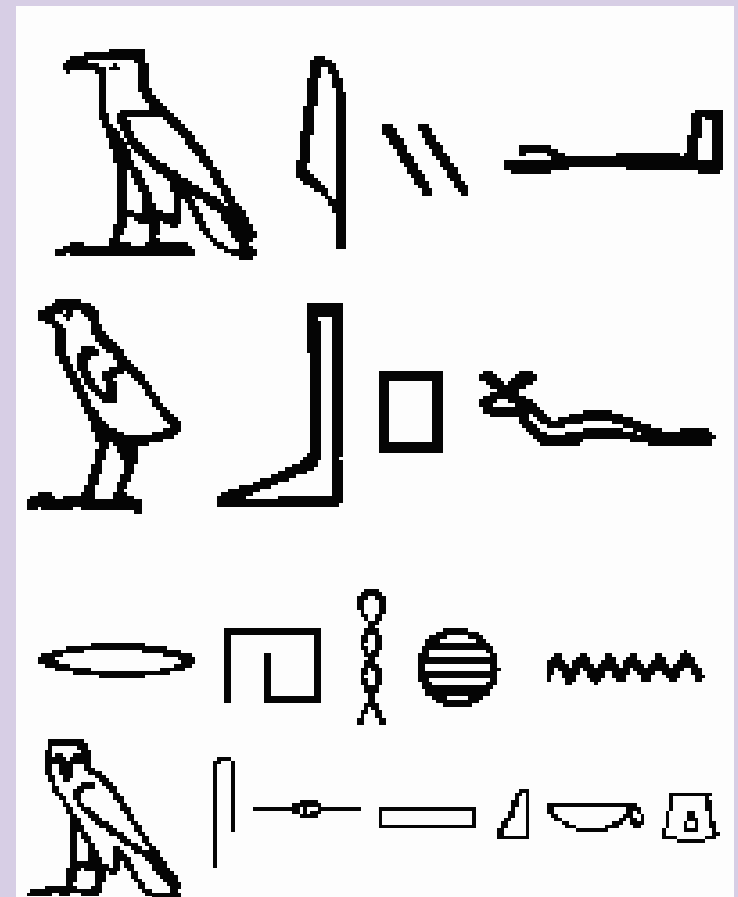
O papiro, que havia sido um símbolo sagrado para ela durante os anos em que foi devota de Hathor, tornou-se mais precioso ainda e passou a fazer parte do seu dia a dia.

O templo de Saqqara era grande produtor e consumidor de papel. Nenuphar gostava de acompanhar a confecção das lâminas na margem do rio. Cortava-se a longa haste dos papiros em vários pedaços e depois de retirada a casca verde, o caule era decomposto em finas lâminas, dispostas em camadas sobre uma tábua inclinada sobre as águas. O próprio Nilo ajudava a preparar o papel. Ao molhar as lâminas que se intercalavam em camadas horizontais e verticais, as águas do Nilo ativavam a goma natural do papiro, unindo as



duas camadas usadas para formar uma folha com ajuda de um martelo. As duas camadas de papiro – uma horizontal e outra vertical – eram comprimidas, batidas e polidas com pedra pome, até atingir a textura adequada para constituir uma boa folha de papel para a escrita. As folhas prontas eram coladas umas às outras, formando uma longa tira que se enrolava, presa nas extremidades por uma vareta de madeira ou marfim.

Os rolos de papiro manufaturados em Kem eram utilizados nos palácios, nos templos e nas grandes propriedades, chegando a ser uma das mercadorias mais comercializadas com outros povos. Mas certamente em nenhum outro lugar mais do que às margens do Nilo, o papiro era tão valorizado. O ofício de escrever se tornara uma das profissões mais respeitadas de Kem. A grande maioria da população não sabia ler ou escrever e os serviços de um escriba profissional eram muito requisitados. Não era fácil atingir esse posto. Muitos anos de estudo se faziam necessários até chegar lá. Alguns escribas começavam a ser treinados desde a infância para conseguirem compreender e manejar a sofisticada ciência dos hieróglifos.



Nenuphar amava os papiros e os hieróglifos – mas se considerava já avançada em idade para absorver os ensinamentos.

Ana.Is se tornou sua herdeira natural na paixão pelo papiro, e antes de completar 10 anos, já se iniciava na ciência dos hieróglifos e no conhecimento das escrituras rituais no templo de Saqqara.

Ana.Is jamais esquecerá o dia em que conheceu Saqqara. Era tempo de cheia, e o vale inundado parecia um caleidoscópio em tons de azul, emoldurado pelas areias douradas do deserto. No mar do Nilo navegavam singelos barcos de pesca. Nas suas margens brotavam majestosas palmeiras e imponentes pirâmides.

Enquanto Ana.Is contempla o movimento das ondas do mar e se envolve silenciosamente com as lembranças à beira do Nilo, Du.Ana recorda Creta em voz alta e a conversa na tenda branca prossegue animada.

- Em Creta eu vi prazer e deleite nas relações humanas, pois reina harmonia entre homem e mulher. Eu senti à flor da pele uma onipresente alegria de viver. A vida é sagrada em todas as suas manifestações e não se cultua a morte como vejo acontecer em Shumer e Kem. Em Creta há um elevado sentimento de amor à beleza e fé na criação que se expressam através da arte. Nem por isso o povo deixa de se aperfeiçoar tecnicamente e se desenvolver comercialmente, e as riquezas que geram se destina a melhorar a qualidade de vida da população toda, não apenas do seletos

grupo que se reúne em torno do poder. As ambições pessoais não predominam e não se vê o enaltecimento dos indivíduos criadores, mas sim das obras criadas.

- Um comportamento interessante que observei na ilha é como os nativos juntam a religião e a diversão, comenta o capitão sorrindo. Os rituais religiosos exaltam a vida e celebram a alegria. Sente-se a presença da mãe natureza em tudo, até mesmo nas construções urbanas, desenhadas de modo a oferecer o maior contato possível com ambientes ao ar livre. Ao contrário das cidades cercadas e fortificadas de Shumer, em Creta as vilas e as pessoas crescem à beira-mar livres e desprotegidas, numa clara demonstração de amor à paz e respeito à lei.

- Sem dúvida a vida livre e fraterna dos cretenses diminui a sua agressividade, concorda Du.Ana. Infelizmente, está se construindo na Mesopotâmia um tipo de sociedade onde amar é um pecado maior do que guerrear. As tribos nômades que estão invadindo as comunidades agrícolas sedentárias e solidárias parecem ser treinadas no ofício de matar, e seus hábitos são agressivos e nada amorosos. Como bem disse meu irmão, para que esses hábitos predominem é preciso que as mulheres sejam silenciadas e subjugadas, é preciso que o amor à deusa da vida seja vencido pelo temor ao deus da morte. Observa bem, irmão, quando falo em tribos treinadas para matar, ressalta Du.Ana, dirigindo-se ao mestre. Esse treinamento odioso não é algo que tenha se originado na mente humana, ao menos como a temos conhecido

até tempos recentes. Somos nós, as gentes que vieram de outros mundos e seus descendentes, que estamos degradando e pervertendo os hábitos terrestres. Tu sabes - e eu também - que nosso primo Ari.An treinou para a guerra as tribos de caçadores e pastores que vivem entre as montanhas do Cáucaso e os montes Zagros. Não foi uma invasão e uma dominação espontânea que as tribos armadas fizeram sobre as pacíficas aldeias agrícolas. Os caçadores e pastores que chegam do norte trazendo a lei da espada são agentes de um novo tipo de civilização, patriarcal e guerreira, que está se espalhando como erva daninha entre os povos da Terra.

Ana.Is desperta de suas recordações ao ouvir falar de Ari.An e aproxima-se do grupo.

- *Esse a quem te referes é o chamado Leão Alado? O deus que chega rugindo, trazendo o trovão e a tempestade?*

Du.Ana olha para o mestre e faz uma reverência, cedendo a ele a vez de responder à pergunta de Ana.Is.

O mestre explica que Ari.An é responsável pela iniciação militar daqueles que estão introduzindo à força uma nova ordem mundial. Esse neto de An controla as regiões a leste do rio Tigre e costuma visitar as tribos mais primitivas de seus domínios, seduzindo os homens com carros de combate, armas mortíferas, escudos e capacetes vistosos.

- *Por quê um filho do Céu estaria agindo assim?*

- Ari.An está iniciando uma nova linhagem e um novo modo de viver. Como tu sabes, os filhos do Céu não mais governam a Terra diretamente, eles se fazem representar agora por seus descendentes, embora continuem mantendo o controle por trás da cena. Para que a ordem e o controle sejam mantidos mesmo sem a presença física desses a quem o povo chama de deuses, está sendo implantada uma ideologia de conquista e dominação que conta com o apoio de sacerdotes e governantes. Assim busca-se assegurar o serviço incondicional dos terrestres humanos às castas que detém o poder - os sacerdotes e governantes, que serão os mantenedores dessa ideologia de conquista e dominação que está pouco a pouco substituindo as antigas culturas de paz e parceria que vigoravam na Terra.

Ana.Is permanece em silêncio por alguns momentos, mas logo não se contém e desabafa sua revolta:

- Como temos sido estúpidos! Em nossa desmedida admiração por aqueles a quem julgamos mais elevados e sábios, nos curvamos e nos jogamos aos seus pés em obediência servil! Ah, se os terrestres usassem o seu potencial de devoção para amar a própria humanidade em vez de adorar os deuses que sugam sua energia em proveito próprio... que maravilhoso planeta não seria a Terra!

- Será um dia, flor do Nilo. Haverá um dia em que os humanos reconhecerão deus dentro de si e do seu próximo. Mas antes que isso aconteça, muito sangue e muitas

lágrimas serão derramados para saciar a fome daqueles que se alimentam do sofrimento humano.

Uma jovem que trabalha na cozinha, encarregada de fazer o pão e a cerveja, solicita a atenção do capitão.

O mestre aproveita o silêncio que se segue à saída do capitão para fechar os olhos e repousar. Mas o silêncio se faz frágil diante do poder de oratória de Du.Ana.

Desta vez, o tom de Du.Ana não é imperioso como costuma ser. Ela sonda o silêncio com timidez, falando baixinho, como se temesse as próprias palavras.

- Esta noite... me ouviram gritar esta noite?

O tom é baixo, mas a vibração é tensa.

Sem abrir os olhos, o mestre responde, também num tom mais baixo e suave do que se usava na polêmica conversa anterior.

- Não ouvi teus gritos com meus sentidos físicos. Mas senti a pulsação da tua dor. Vi teus olhos assustados e sombrios ao te levatares pela manhã e soube então que tivestes uma visão. Se quiseres aliviar o peso da tua dor...fala, Du.Ana. Abre o teu coração.

- Sonhei com Shumer em um futuro distante. Reconheci os zigurates, os templos piramidais e os dois rios que formam o nosso Crescente Fértil. Estranhei a vestimenta das mulheres. Andavam de preto, cobertas da cabeça aos pés, cobrindo o rosto com um véu que apenas deixava os olhos à mostra. E que olhos! Havia muito sofrimento neles. O país estava em guerra e se via devastação por toda parte. Os inimigos faziam um bloqueio cerrado e nem mesmo as crianças podiam receber os alimentos e os remédios que precisavam para se curar. As armas usadas eram terríveis e o poder de sua radiação atingia até os fetos nas barrigas de suas mães, fazendo nascerem seres disformes.

Os governos que guerreavam justificavam seus atos sórdidos dizendo que os filhos de Shumer escondiam armas poderosas. Como essas armas não foram encontradas, a população comentava que a guerra na verdade visava à obtenção de um líquido negro que nesse futuro distante valia como ouro, e que desafortunadamente parecia sobrar em Shumer e faltar nos países



agressores. Mas havia ainda quem reconhecesse motivos menos visíveis e óbvios para a guerra. Como se, num plano sutil, ela acontecesse em continuação às antigas guerras entre os deuses. Essa que sonhei seria como uma batalha final pelo domínio da Terra e dos portais estelares que existem em Shumer. Os invasores daqueles tempos vindouros procuravam ao mesmo tempo destruir a memória de Shumer e a consciência nativa da Terra, reservando para si o acesso aos portões estelares.

Ao som das palavras de Du.Ana, o semblante quase sempre neutro de Ana.Is demonstra aflição.

- Mestre... eles conseguirão vencer a guerra? A Terra será dominada pelas forças da destruição?

- Sim e não. As forças da obscuridade dominarão a Terra por um longo período, mas não vencerão a batalha final. E para isso estamos aqui, nos colocando ao largo e saindo da mira afiada da espada de Marduk-Rá. Precisamos lutar desde já e desde sempre o bom combate, para garantir à Terra a manutenção dos focos de luz.

Assim falando, o mestre olha firme para cada uma das duas discípulas, e diz contar com elas para as tarefas que se apresentam na terra nova onde vão viver.

Antes que ele diga algo mais sobre essas tarefas, o capitão retorna, com um recado da cozinheira. Os marinheiros que desceram em terra para abastecer o barco estão retornando à praia com cestos cheios de frutos. Haverá comida em quantidade e

diversidade suficiente para servir um banquete. Querendo colaborar com o prazer dos nobres viajantes, a moça que trabalha na cozinha se propõe a dançar para eles. Diz ter aprendido a dançar nos vários banquetes que ajudou a servir na casa de um nobre em Mênfis, onde se contratava os melhores músicos e dançarinos da região para agradar aos convidados.

- Certamente sentiremos grande prazer em ver nossa bela cozinheira dançar, responde o mestre. Mas creio que a sua performance merece ser orientada por boa música. Já tivemos momentos memoráveis com o alaúde que veio de Kem. E agora... poderíamos ser presenteados com as divinas cordas de Shumer?

O mestre sorri e olha para Du.Ana.

- Sim, irmão. Transmutarei meus presságios e pressentimentos na doce melodia da harpa.

- Ótimo! Proponho que descansemos agora, e nos preparemos para o banquete. As conversas que tivemos estão me trazendo reflexões que desejo compartilhar no final do dia, durante os momentos meditativos do por de sol. Tudo é aprendido neste planeta laboratório. Vamos ver as lições que podemos tirar de nossas observações e comentários.

Quando os viajantes retornam à tenda branca, a cozinheira que se ofertou como dançarina os recebe nua, com o corpo brilhando de azeite de gergelim e apenas uma

gargantilha de prata ajustada ao pescoço. Ela lava as mãos de cada um com água perfumada e o capitão lhes coloca uma guirlanda de flores no pescoço. O banquete é servido com boas novas. Ilu.An diz que viram os nativos de longe, mas não parecem agressivos. Com o consentimento e a companhia do mestre, as mulheres poderão descer no dia seguinte e passear pela ilha. A vegetação é extraordinária, conta Ilu.An. Como exemplo vivo, a mesa está repleta de frutos exóticos e suculentos.

O ponto alto da celebração é a manifestação da arte. A dançarina surpreende pela agilidade e leveza. Seu corpo nu brilha dourado com o efeito do azeite ao sol. Ela meneia os quadris, se dobra e se retesa como um arco, salta sobre as mãos, sai pulando e começa a dançar novamente.

Após a dança, Du.Ana toca as cordas íntimas de cada um com o som de sua harpa e declama um poema para o deus das águas. Ele habita um palácio nas águas profundas e reina sobre os mares e os rios subterrâneos que percorrem os amplos salões das cavernas esculpidas na rocha das montanhas. Quando vem para a superfície da Terra, o deus das águas modela o contorno das praias e drena a água dos mananciais para irrigar povoados e plantações.

Quando o sol está descendo do céu para entrar no mar e descansar como o deus das águas faz todos os dias após cumprir suas tarefas na superfície da Terra, os viajantes silenciam e se interiorizam. É tempo de ouvir o mestre. Além das sacerdotisas, também Ilu.An e o capitão esperam por suas palavras.

O mestre observa a grande montanha que se ergue na ilha. O sol se deita lentamente sobre ela e o céu explode em raios vermelhos, violetas e alaranjados, como se as labaredas de um vulcão estivessem sendo lançadas para o alto e se espalhando em volta.

Olhando o espetáculo à sua frente, o mestre lembra:

- Lembro-me de ti há muito tempo, quando o vermelho do teu céu não era um simples reflexo do sol, mas labaredas reais que se projetavam do teu interior raivoso. Tu explodiste brava e lindamente, derramando tua lava ardente pelas encostas e os campos, abrindo caminho com fogo enquanto as águas enlouquecidas tomavam conta do teu corpo. Onde outrora havia uma cordilheira formidável, hoje se vê um arquipélago de ilhas.

Ele volta-se para seus companheiros de viagem:

- Esse arquipélago que guarda abaixo de suas ilhas uma cordilheira com três mil metros de terras submersas, tem sido um farol e um porto amigo para muitos navegantes. Também será para nós um porto amigo e uma plataforma de lançamento das mensagens estelares. Há muitos anos, destas ilhas que eram uma terra contínua e grande a perder de vista na superfície, saíram mensageiros para várias partes do mundo. Levaram seus conhecimentos e sua sabedoria de viver para nutrir outros povos em outras terras. Aqueles que permaneceram fiéis à luz acreditaram na mensagem das

estrelas e souberam que os vulcões iam cuspir fogo e as águas enlouquecidas pelas explosões tomariam conta de tudo. Durante anos se prepararam e ao longo deles carregaram suas embarcações, navegando pelo mar de Atl.An em diferentes direções.

Desde que as águas se acalmaram, estes cumes montanhosos que se mostraram à superfície formando um mágico arquipélago para nós, têm sido destino e repouso para quantos desejam descer às galerias do Tuat e se renovar para mais uma jornada sobre a superfície da Terra.

Aportados aqui, teremos o tempo e o ambiente necessários para nos reabastecer e planejar a jornada oceano afora, enquanto aguardamos um outro barco com filhos de Shumer e de Kem, que navegarão conosco rumo às terras de Amaru. As correntes marítimas das Ilhas Afortunadas nos ajudarão a chegar lá onde vivem povos da raça vermelha que ainda preservam o prístino vínculo com a grande mãe universal. Vamos nos introduzir entre eles de forma a transmitir o conhecimento para sua evolução ao mesmo tempo em que procuramos protegê-los de nós mesmos e da nossa civilização. As terras que deixamos no Oriente serão conquistadas pela cobiça dos filhos das estrelas. Marduk-Rá está se aliando aos guerreiros ários, e essa linhagem reinará sobre os povos através de reis e rainhas.

As tribos da raça vermelha que vivem no ocidente, nesta rota do sol poente, não serão dominadas tão cedo pela tirania de Marduk-Rá e seus bárbaros brancos. Há um bom tempo para viver e trabalhar pelo equilíbrio do planeta, preservando o ritmo

cósmico. Os líderes políticos e religiosos do Oriente estão criando um grande desequilíbrio que vai gerar a longo prazo distorções profundas no processo civilizatório dos povos da Terra. A discriminação contra as mulheres sobre a qual comentamos hoje é uma desgraça para toda a humanidade. Em sua ignorância, nossos líderes afrontam um dos princípios básicos da grande lei universal. O Princípio do Gênero está em tudo. Tudo tem o seu princípio feminino e o seu princípio masculino. O gênero se manifesta em todos os planos. No plano físico, ele tem o poder da geração. No plano mental, o da regeneração. E no plano espiritual, o poder da criação.

- Mestre, todas as coisas e todas as pessoas contêm em si os dois elementos do Princípio do Gênero?

- Sim, Ilu.An. Todas as coisas masculinas contêm o elemento feminino e todas as coisas femininas contêm o elemento masculino. Detenham-se para analisar os processos de criação, geração e regeneração. Vejam como o gênero está presente nesses processos fundamentais da vida. Em tudo e por tudo, é preciso que os dois elementos do gênero se reconheçam e se complementem. Mas agora, o que vemos acontecer? O Princípio do Gênero sendo afrontado e distorcido. O masculino quer se sobrepor ao feminino, diminuí-lo para se engrandecer. Isso não é bom para ninguém. É como se uma metade da humanidade quisesse oprimir, reduzir, enfraquecer a outra metade da humanidade. Isso terá reflexos danosos em todos os setores da ação humana. A ação humana está sendo condenada a uma espécie de aleijão.

- Nas sociedades de parceria onde a mãe era cultuada como deusa, não havia predileção pela filha ou o filho, lembra Du.Ana. Mulheres e homens manifestavam suas qualidades femininas e masculinas em maior ou menor grau, porém com ampla liberdade e autenticidade. Agora os homens estão se tornando uma caricatura do elemento masculino e obrigando suas consortes a se tornarem também caricaturas do elemento feminino.

- Os guerreiros ários desprezam a vida, porém o deus dos descendentes de Sem é particularmente cruel com a criação, observa Ilu.An. A tribo dos descendentes de Sem gosta de celebrar seus cultos ao ar livre, mas seu novo deus, que chamam de Jeová, acha que estão errados, quer tirá-los da natureza e encerrá-los em espaços fechados. Um estranho deus, esse. A deusa sempre andou livremente por florestas e campos, vales e montanhas, mares e rios.

- Um dos problemas com Jeová é que ele se esqueceu de que é apenas uma manifestação da divindade – como todos somos, aliás, comenta o mestre. Ele pensa que é o deus supremo, o criador de tudo, e nisso reside a sua terrível blasfêmia, o seu trágico equívoco. Pobre humanidade! Ainda terá muitos problemas com esse deus, que está se expandindo e conquistando várias gentes. Ele estimula o referencial de um povo nômade, que se move continuamente sem fixar um ambiente e busca seu centro de poder no próprio grupo. Esse deus que leva seus adoradores a negarem a natureza separou-se da criação e traz consigo o estigma da conquista – seu povo é aquele que

chega de fora, é o invasor que chega para tomar a vida onde ela está, e não para dar a vida ou compartilhá-la com quem estava antes no lugar conquistado. Um dos problemas de um deus limitado como esse é que, ao eleger um só povo, ele deserda os outros. Só os seus merecem compaixão, e isso cria todo tipo de desatino.

- Como por exemplo, acabar a ferro e fogo com o poder feminino e o culto à natureza. O reinado livre da deusa e a sua personificação da natureza é própria dos povos sedentários que cultivam a terra, amando e pertencendo ao lugar onde vivem e às gentes com as quais convivem.

- Sim. Esse sentimento de pertencimento ao habitat e colaboração entre as gentes está sendo desprezado.

Infelizmente, o ritmo do mundo está entrando em descompasso. Mais um princípio da lei do universo é violado. O Princípio do Ritmo afirma que tudo tem fluxo e refluxo. Assim como as marés. Tudo que sobe também desce e toda ação tem sua reação. O ritmo é a compensação para as oscilações da vida manifestada, nele se fundamenta a criação universal e a humanidade terrestre se insere nos grandes ritmos universais. A vida se manifesta por meio de ritmos e o nosso cotidiano é uma expressão de vários ritmos combinados.

Quando estamos vibrando nas esferas mais altas, o ritmo é rápido e acompanha a evolução do ritmo cósmico. Porém, quando entramos em sintonia com as dimensões

mais densas, a nossa pulsação diminui, o ritmo se torna lento e pesado e não mais acompanha a evolução do ritmo cósmico. É num ritmo desses que a humanidade terrestre está começando a pulsar. Lento e denso. Um tipo de ritmo que manifesta estruturas rígidas e leva as pessoas a se cristalizarem e deixarem de fluir com a evolução e a transformação natural do universo no qual vivemos.

12

TECNOMAGIA

Estrela Amiga,

Cortar a lenha, acender o fogo e respirar – lenta e pausadamente. Esse é um conselho zen que tomei como axioma para me equilibrar nestes tempos desequilibrados. O ritmo de pulsação da Terra está mudando e o da humanidade também.

O bicho está pegando e a gente pega estranhos bichos no ar. Dizem que a superfície da Terra está coberta por densa camada de eletromagnetismo gerado pelos satélites de comunicação, as torres de telefonia móvel, os sistemas wi-fi de acesso à internet e todo o aparato eletroeletrônico que veio tomando conta da superfície do planeta nos últimos 20 anos.

Isso tudo mexe muito com a gente, mais profundamente do que parecia à primeira vista, quando até ficamos orgulhosos de entrar na chamada era da informação. E isso tudo não mexe apenas com as gentes, mas também com os seres vivos de outros

reinos do planeta. Em todo o mundo está se observando que as plantas adoecem quando expostas a esse tipo de radiação da nova tecnologia da comunicação, assim como os humanos mais sensíveis e mais expostos estão adoecendo. Já existem grupos de moradores reivindicando um espaço aéreo mais limpo e menos poluído em suas comunidades.

É muito interessante ver que essa gigantesca malha, essa malha global de interferência eletromagnética, está sendo implantada neste mesmo período em que a Terra e todo o nosso sistema solar entram num espaço de plasma luminoso, rumo ao alinhamento planetário com o centro da galáxia. Essa é uma viagem cósmica que, por si, altera todo o eletromagnetismo dos planetas e mexe com os seres que vivem neles num nível profundo, numa densidade celular. É o momento anunciado de expandir a consciência para acompanhar o planeta em sua evolução.

Pois os donos do mundo inventaram justo este momento para implantar uma capa global e densa de eletromagnetismo e radiação induzidos. Além de receberem toda essa radiação na cara, as pessoas ainda ficam presas na rede e se distraem e se saturam o tempo inteiro com as informações – a maioria fúteis e inúteis – transmitidas pelos sistemas de comunicação. Dizem observadores desses sistemas que mais de 90% das informações que circulam nos meios de comunicação é descartável, isto é, não serve para melhorar a sua vida e nem a minha. Mas muitas dessas informações descartáveis servem para ao menos supostamente melhorar a vida dos donos do mundo que

mandam suas mensagens subliminares de como as pessoas devem se comportar, o que pensar e quanto consumir.

O controle mental subliminar é uma das mais eficazes armas que os donos do mundo usam para manter as populações submissas, ao mesmo tempo em que apregoam cinicamente as virtudes do mundo livre e democrático.

O fato é que estamos todos expostos inadvertidamente a uma tecnologia que estressa a natureza e as pessoas, além de sufocar nossos poderes mágico-criativos e limitar a nossa expansão de consciência. A tecnologia das formas eletrônicas de entretenimento é uma espécie de magia que nos tira do aqui e agora e portanto limita a nossa capacidade de criar uma realidade própria. Certamente é mais difícil controlar as pessoas quando elas desenvolvem a sua própria visão de mundo e assumem seus poderes xamanísticos.

A coisa tá ficando séria, Merope, e posso lhe dizer que, aparentemente, não tem muito jeito a não ser voltar para o colo da mãe natureza e começar um novo ciclo. A poluição visual, auditiva, energética, emocional e mental que devasta as cidades está difícil de agüentar. Quem quer permanecer são e focar sua atenção naquilo que é realmente importante como a construção de um novo mundo e uma nova cultura, está tratando de encontrar ou criar as chamadas ilhas de sustentabilidade que andam se espalhando pelo planeta. São locais onde as pessoas se juntam para assumir o seu próprio destino sem depender dos governos e das corporações, se organizando de

acordo com leis próprias de convivência comunitária e gestão ambiental. Não é nada fácil sustentar essa postura, porque os tentáculos do sistema estão sempre invadindo esses locais e impondo a sua força de dominação.

Pois é, Merope. Às vezes fico um pouquinho preocupada com nossos contatos porque desabafo sobre coisas terríveis que estão acontecendo aqui na Terra. O que será que vocês vão pensar de nós aí nas Plêiades? Eu resolvi lhe passar algumas explicações para, quem sabe, livrar um pouco a nossa barra.

Muito já se questionou aqui na Terra sobre a índole da nossa humanidade. Para alguns filósofos, nascemos bons e puros, mas a sociedade tal como está constituída, nos corrompe e nos perverte. Para outros, a ruindade faz parte do ser e somos maus pela nossa própria natureza. Existe um povo oriundo das antigas escolas de mistérios do Oriente que tem uma teoria bastante singular para esse enigma – a desumanidade da nossa humanidade. O que essa gente do Oriente ensina se parece com os ensinamentos de uma linhagem de xamãs do Ocidente.

Acho que já lhe contei que meu avô Hermes nos alertava em seus escritos para estarmos atentas à descoberta de documentos e fragmentos de civilizações antigas, que nos trariam revelações de verdades ocultas que transformariam totalmente a versão moderna da história da humanidade. No final do seu livro testamento vô Hermes nos deixa uma pista e uma tarefa – descobrir os segredos gnósticos.

Em 1947, foi anunciada a descoberta de antigos manuscritos de cristãos primitivos, conhecidos como gnósticos, numa localidade chamada Nag Hammadi, no Egito - a antiga Kem dos refugiados dos meus sonhos. Esses manuscritos estavam guardados em potes e foram desenterrados da areia por um camponês. Demorou mais de 20 anos para que os estudiosos os decifrassem e compreendessem e, naturalmente, vô Hermes não estava mais entre nós. Tainá, que nunca se interessou muito pelo cristianismo, me passou a tarefa de estudar esses manuscritos traduzidos de línguas antigas, que foram chamados de Evangelhos Gnósticos ou Apócrifos. Calculou-se sua antiguidade em 1500 anos e revelam textos que foram suprimidos da Bíblia cristã. Em verdade, esses evangelhos diferem bastante, em questões centrais, do que é ensinado nos evangelhos oficiais da Igreja Católica Romana.

Uma das principais diferenças reside no ensinamento dos cristãos gnósticos de que deus é a consciência criativa original do universo e vive na sua própria criação, devendo ser buscado dentro de cada um de nós. Apreciar a deus equivale a expressar qualidade de vida relacionada com o autoconhecimento, por meio de observação consciente e não pela fé cega. Mas, para o atual evangelho católico, deus é uma entidade separada da humanidade, fica distante dela em um ponto qualquer do Universo e só pode ser buscado através da fé cega e da obediência ao dogma religioso.

Outros ensinamentos básicos contidos nos antigos evangelhos encontrados em Nag Hammadi e que foram suprimidos da Bíblia dizem respeito à reencarnação e à

imortalidade da alma, à exaltação do feminino com o reconhecimento da mulher como força ativa na sociedade e à influência das forças extraterrestres na humanidade da Terra.

Os evangelhos censurados contam sobre a mais que milenar batalha travada entre os Aeons ou Elohins, mensageiros de deus manifestados por extraterrestres éticos e benevolentes no contato com a Terra, e os Arcontes ou Nefelim, anjos caídos criados pela consciência única mas rebelados contra ela através do livre arbítrio que os levou a escolher o caminho do Serviço a Si, em lugar de trilhar o caminho do Serviço ao Todo . Os Arcontes atuam na conquista dos povos para servir a seus interesses com a conivência das elites locais, seduzidas por promessas materialistas. O resultado dessa coalizão tem sido a escravidão mental das humanidades planetárias e a destruição do seu ambiente pela exploração indiscriminada dos recursos.

Ainda que com outras palavras, os antigos xamãs da América Central diziam algo semelhante: para eles, a mente humana foi infiltrada por uma inteligência alienígena, um predador que veio das profundezas do cosmos e tomou conta das nossas vidas, tornando-nos prisioneiros de uma realidade por ele implantada em nossas mentes como uma espécie de vírus ideológico. O predador teria nos dado a sua mente, que se tornou a nossa mente. Esses parasitas psíquicos teriam penetrado o sistema solar antes mesmo que a humanidade terrestre se desenvolvesse, dizem xamãs do Ocidente e gnósticos do Oriente.

A batalha elementar que a nossa humanidade vem travando desde o seu nascedouro com apoio dos Aeons contra a sedução dos Arcontes e de sua força involutiva, era um tema central dos evangelhos que foram suprimidos da Bíblia manipulada pelos legisladores católicos. Pois justamente diziam esses evangelhos que a opressão espiritual, econômica e política da humanidade terrestre tem sido a obra conjunta desses aliens demoníacos e seus administradores terrestres. Os Arcontes não teriam exatamente o poder de criar a ruindade nos humanos – mas sim a capacidade de amplificar e usar de forma predatória as tendências negativas manifestadas pelos humanos terrestres no desenvolvimento do livre arbítrio. Como rebeldes contra a lei maior do Cosmos, eles teriam a faculdade de induzir a humanidade a se tornar também fora da lei.

Os primitivos cristãos gnósticos denunciavam em seus manuscritos, entre outras muitas revelações, a farsa que estava sendo montada há 1 600 anos em torno do grande evento que fora a encarnação do Cristo na Terra em um homem chamado Jesus. Para os gnósticos e primitivos cristãos, Jesus era um mensageiro dos Aeons ou Elohins, seres de luz que vivem no centro da galáxia. Assim como outros mensageiros da luz que encarnaram a consciência crística na Terra, ele ensinava que somos todos filhos e filhas da mesma fonte universal e portanto deveríamos nos tratar com amor e harmonia, pois essa é a essência da divindade à qual pertencemos e que se manifesta na mãe natureza. Ocorre que os poderosos da época, alguns anos após a morte de Jesus, trataram de torcer as suas palavras e transformá-lo no filho único de um deus que não se manifesta

através da mãe natureza e não é feito de amor e harmonia. Pois disseram esses poderosos de outrora que Jesus era filho de Jeová – um deus severo, vingativo e cruel, que para os cristãos gnósticos não é um Aeon ou Elohim como Jesus, mas sim um Arconte ou Nefelim. Com essa manobra, os poderosos estariam armando uma cilada sinistra para a humanidade, pois davam passos largos para estender e fortalecer uma grande agenda de dominação e controle social através de um dogma religioso manipulado e imposto por meio da perseguição e da conquista.

De lá para cá parece até que a ruindade no mundo aumentou – ou, pelo menos, não diminuiu. Pois bem. Era o que os gnósticos previam: a turma do Jeová inventou um dogma religioso salvacionista e punitivo, que favoreceu a perda de poder da humanidade em seu caminho de autoconhecimento e na prática da responsabilidade social. O poder foi retirado das pessoas e das comunidades e colocado nas mãos de um deus distante e punitivo, representado na Terra pelas elites opressoras. Para merecer o reino do deus e salvar a própria alma, é preciso obedecer sem questionar. Bloqueou-se assim, o caminho verdadeiro da auto-libertação que podemos atingir desenvolvendo nosso potencial inato, a nossa divina inteligência. A crença tomou o lugar do conhecimento e a fé cega apagou a iluminação.

Desde então, as principais correntes religiosas da humanidade – cristianismo, judaísmo e islamismo – assim como a ciência oficial, vêm sendo usadas para trabalhar contra as diferentes dimensões da consciência humana e o desenvolvimento humano

vital. A ciência e a religião, que antes eram juntas, foram separadas e fragmentadas, distanciando-se da verdadeira fonte do conhecimento e deixando a humanidade se transformar em brinquedo das forças manipuladoras.

Eu não sei como vocês aí nas Plêiades entendem essa energia que chamamos deus, uma palavra tão desgastada pelas religiões. Seja como for, essa energia está na essência de tudo o que vive e como nada se perde e tudo se cria, se recria e se transforma – dizemos que deus é imortal. Pois acabamos esquecendo que deus também está em nós e somos também imortais. Vivemos com medo de morrer e por conta desse medo nos defendemos o tempo inteiro de ataques imaginários e nos tornamos agressivos com a gente mesmo e com todos os outros seres da natureza. Nos tornamos agressivos até mesmo com os seres de outras naturezas.

Você sabia, Merope, que alguns líderes da Terra mantêm mísseis apontados para o céu, dispostos a disparar contra supostos invasores alienígenas?

Veja você como o universo é cíclico e nos devolve as ações que praticamos. Porque esse enorme, esse terrível medo que nos faz temer tudo e todos e nos torna tão agressivos – esse medo foi implantado em nós há muito tempo atrás pelos colonizadores que vieram do espaço e nos manipularam com ideologias, religiões e tecnologias.

A semente do medo está na mentira e na separação. Levaram tão longe essa idéia tonta de que deus mora lá longe no céu que um dia a humanidade não foi mais capaz de

ver deuses na Terra, ficou olhando pra cima e procurando lá longe. De criadores nos tornamos criados. Agora, estamos sempre servindo aos deuses lá no céu e seus representantes aqui na Terra. Não é mole não, Merope. Mas dizem aqueles que estudam o movimento dos astros no céu, que os tempos são chegados para mudar essa situação. As estruturas que sustentam esta civilização estão desabando, como se pode ver a todo instante. Os governos não dão mais conta do recado, assim como as instituições sociais. Os jogos de espelho entre as pessoas atingem a sua polaridade máxima, e ninguém se agüenta mais. O barulho criado por todos ensurdece cada um. Nesse ambiente de caos e loucura é que está acontecendo a grande transformação. Os planetas deste sistema solar navegam num oceano de plasma luminoso e se alinham no céu com o centro da nossa galáxia. A energia anda tão intensa que muitos de nós nem conseguem dormir direito com o excesso de eletromagnetismo. Ele está no ar, ele está em nós.

E aí, Merope? Como é que anda a energia por aí?



Fui procurar o seu nome na net e fiquei emocionada. Muitas pessoas aqui na Terra estão sintonizando e focando potentes telescópios na sua luz. Você está protagonizando um grande espetáculo no céu. Dizem que uma nebulosa de poeira cósmica se aproximou das Plêiades e "colou" em você – isto é, se colocou bem na sua frente. Essa história começou há uns cem mil anos mais ou menos, o que nem é tanto assim no tempo cósmico - sem querer desmerecer o seu trabalho, porque desde então você vem iluminando essa nuvem e transformando o seu pó em energia limpa e radiante. Pelo que eu entendi, você é uma das estrelas escolhidas para dissolver a separação e integrar a consciência dos bilhões de pontos de luz das nebulosas errantes à nossa galáxia.

Parabéns.

Eu me sinto orgulhosa
de ser sua amiga.



Descobri também que você vem sendo cantada em forma de poesia e seduzida em romances e também representada em palcos ao longo da história das artes. Muitos poetas, românticos e revolucionários já se apaixonaram pela sua lenda.

Pois você foi o grande amor de uma constelação das mais brilhantes nesta galáxia. Nada menos do que o poderoso Órion se fantasiou de caçador em nossos mitos e se pôs a perseguir você e suas irmãs quando todas eram ninfas e dançavam leves, lindas e livres nos bosques da Terra.



Órion desejava especialmente você, Merope. Mas você era apaixonada por Sísifo – um reles mortal. Como podia o poderoso Órion perdoar tamanha ofensa?

O caso provocou um grande remelexo.

Para salvar você e suas irmãs da fúria de Órion, seu pai, o gigante Atlas, colocou o mundo sobre os ombros e pediu ao senhor dos deuses que transformasse suas filhas em pombas para que pudessem voar da Terra para o céu. Mas vocês eram tão lindas que o senhor dos deuses não quis que saíssem voando por aí. E transformou vocês em estrelas para que todas as noites ele pudesse vê-las no céu.



As histórias que contam a seu respeito revelam que você está bem mais próxima da Terra do que eu imaginava. E com essa história de ser mortal – tornou-se uma mítica fatalidade. Pois desde o início dos tempos conhecidos você está entre nós. Alguns até identificam seu nome com o da grande mãe. Aquela que melhor sabe lidar com o nascimento, a morte e o renascimento. Você não é pouca coisa, Merope.

Aliás, nenhum de nós é. Cada um de nós representa um pedacinho do Todo e a minha pequena parte nesse holograma reflete o todo que se vive nesta Terra. Espero que você esteja curtindo os meus sonhos. Quando a gente se reporta a um tempo passado ou sonhado o relato fica entre o real e a fantasia. As coisas nunca são exatamente as mesmas – mas será que algum dia foram? Porque tudo está mudando sempre conforme você sabe. Em verdade, tudo são fábulas que vivemos e sempre podemos criar uma história fabulosa para nós.

Já é tarde, Merope. Estou cansada de olhar para o céu e você também deve estar cansada de brilhar aí em cima. Para que a gente possa relaxar e dormir um pouco antes da aurora raiar, vou contar uma história. daquelas gostosas, do tempo da infância, que a minha mãe contava pra me fazer dormir.

Em meu quarto na praia da Alegria havia um quadro antigo do Guaíba. Uma noite em que eu estava sem sono, Tainá me contou que esse quadro havia sido pintado por

um homem apaixonado. Ele o dera de presente para a mulher amada, dizendo que desejava muito levá-la ali, no lugar do quadro. O apaixonado descreveu suas visões ao pintar o quadro, de como os dois mergulhavam nas águas cristalinas do rio e se tocavam dentro dele, e depois emergiam para a superfície e se deitavam nas areias brancas e brilhantes da praia, entre carícias e suspiros.

A mulher sentia desejo e medo de satisfazer o sonho do homem apaixonado. Durante o dia ela se esforçava para não pensar nele. Durante a noite sonhava com ele e acordava louca de vontade. Olhando para o quadro do rio pendurado na parede do seu quarto, ela se mexia inquieta na cama, gemia e chorava.

Numa noite de lua cheia, a mulher saiu afogueada do quarto, querendo fugir da imagem do rio, e se deparou com a rede da varanda, onde o homem costumava se balançar todo satisfeito quando ia visitá-la. Suspirando de saudade do sorriso dele, a mulher se deitou na rede e amou violentamente a si mesma, uivando para a lua. No dia seguinte acordou exausta e nua com os primeiros raios de sol iluminando a varanda.

Assustada com seu descontrole, a mulher pegou um pincel com tinta branca e cobriu as águas azuis do rio, tão amorosamente retratadas pelo pintor apaixonado. Quando o homem chegou para visitar sua amada, viu que o rio do seu amor não existia mais. Desencantado, o homem entrou na mata que margeava o rio desaparecido e desapareceu dentro do quadro.

13

PODERES CÉLTICOS

Olá, Manoa

O sol está escorregando lentamente no céu para abraçar o Guaíba e se despedir do dia. Eu também abraço estas águas do lugar onde o rio desaparece se transformando em lagoa e procuro compreender os mistérios que elas possam me revelar. O primeiro mistério revelado a mim pelo Guaíba é que somos seres mutantes. Guaíba é rio, lago e lagoa. E como todos os rios, lagos e lagoas, este corpo de água na Terra é um espelho do céu. Olhando para este espelho onde minha mãe se mirou, vou mergulhando nas águas primordiais desta gente, deste lugar, deste mundo.

Muitas gentes do mundo inteiro já vieram dar aqui, e uma delas nomeou o povo do lugar. Os gaúchos se orgulham do seu nome mas talvez poucos saibam de onde ele vem. Se soubessem se orgulhariam mais ainda, porque a história de suas origens é repleta de encantamento. Um morador desta Vila de Itapuã onde eu e meu irmão

Juninho nos hospedamos por uns dias, contou que o nome dos gaúchos vem dos guanches que andaram por aqui tempos atrás. Diz esse morador que os guanches eram uma antiga tribo que viveu nas Ilhas Canárias até ser exterminada pelos espanhóis. Esses guanches eram grandes, tinham a pele branca, os cabelos vermelhos e os olhos azuis. Eles construía pirâmides escalonadas como os egípcios e os maias, e também transformavam seus mortos em múmias.

Achei a história interessante e fui buscar maiores referências na internet. A procedência dos guanches é um tanto polêmica: para alguns historiadores eles pertencem ao povo berbere do norte da África, para outros são um ramo celta do oeste da Europa. Já as lendas nativas das Ilhas Canárias contam que os guanches descendem dos Tuatha de Dan.An, uma família que reinou entre os irlandeses na antiguidade e teria vivido também nas Ilhas Canárias no tempo em que elas eram conhecidas como Ilhas Afortunadas.

A lenda diz que os Tuatha de Dan.An chegaram na Irlanda voando nas asas do vento leste. Com eles trouxeram sua magia e criaram logo de cara três dias e três noites de escuridão, combatendo e vencendo os líderes nativos entre as trevas. Aterrisaram com seus barcos nas montanhas e nelas penetraram e nelas construíram galerias que levam a moradas subterrâneas. Reinaram sobre as montanhas e os vales e quando um conquistador chegava para guerrear e tomar seu lugar, eles podiam desaparecer dentro da terra e reaparecer em outro lugar.

Entre os talentos mágicos dos Tuatha de Dan.An, estava a capacidade de manipular os elementos e criar ilusões de ótica. Dizem as lendas que, diante da iminência de uma batalha com um povo invasor, os Tuatha fizeram fogo e manejaram a fumaça de forma a envolver a ilha com nuvens em forma de animais, assustando e afugentando os invasores. Há quem diga também, que eles possuíam instrumentos capazes de abrir portais estelares e conhecimento suficiente para atingir a iluminação.

O fato é que a Escola de Mistérios que os Tuatha de Dan.An fundaram na Irlanda era tão antiga quanto as escolas estabelecidas no Egito e na Suméria. A escola irlandesa funcionava dentro da montanha de Tara e recentemente a entrada da enorme construção que lhes servia de sede foi encontrada por arqueólogos no topo da montanha.



Colina de Tara na Irlanda



Porque lhe conto e mostro tudo isso, Manoa?

Porque eu acho que tudo isso tem a ver, de alguma maneira que eu ainda não compreendo, com a nossa história maior. Talvez você saiba mais do que eu.

Desde que voltei da Serra do Roncador, passei a pesquisar sobre os vários mundos e gentes que existem na Terra e foram ocultados de nós – os humanos que vivem na superfície do planeta. Compreendi que assim como aqui na superfície existem raças e nações, na Terra Interior também existem raças e nações.

Olhando o espelho deste Guaíba camaleão que já refletiu tantas cenas familiares para minha mãe e para você, eu reflito sobre o mistério das origens da nossa humanidade.

Abraço do Chico

14

CRIADORES DE MITOS

***O dia ainda não clareou quando a canoa de junco
deixa o barco serpente em direção à praia.***

Ilu.An rema, como na noite em que fizeram o caminho inverso, da praia para o barco. As sacerdotisas de Kem e Shumer sentam-se em silêncio na canoa, refletindo em suas vestes brancas o luar tardio da madrugada. De pé na canoa, com os cabelos prateados flutuando na sombra da noite e os braços abertos estendidos em direção à praia, o mestre murmura preces e mantras na linguagem dos antigos. Ele acalma as ondas para que a canoa siga tranqüila sobre as águas e saúda os corações que batem ocultos nas matas e montanhas além das praias.

Antes mesmo que a canoa aporte nas areias, escutam uma incrível melodia vindo da ilha. Milhares de pássaros cantam anunciando o dia e a brisa fresca do amanhecer toca as folhas das árvores como se fossem as cordas de um alaúde colossal.

Os viajantes caminham pela praia gozando o prazer de movimentar as pernas que o barco aprisionava. Du.Ana aspira profundamente o aroma perfumado das flores que se abrem para o novo dia, sorri e dança. A sensação de uma nova vida começando percorre seu corpo, anunciando que daí em diante nada mais será como antes. A luz da manhã clareia as sombras, a lua empalide e o céu se transforma numa vibrante fogueira.

- Saudemos o sol com fogo e meditação, diz o mestre. Deixemos que ele ilumine o nosso dia e guie os nossos passos nestas Ilhas Afortunadas.

O grupo termina de juntar a madeira seca da praia para fazer a fogueira, quando um novo som vem se juntar ao coro dos pássaros.

- Os Tambores dos Tuatha de Dan.An nos saúdam. Aguardemos as boas vindas.

Enquanto se aquecem na fogueira e contemplam o transbordamento da luz solar sobre as águas, os viajantes bebem as palavras do mestre e se embebem das suas recordações sobre uma outra fogueira acesa há muito tempo atrás.

- Enquanto carregávamos os barcos para deixar estas Ilhas Afortunadas que já foram um dia parte de uma grande nação, fizemos uma fogueira na praia para nos aquecer e iluminar. Antes de partir nos demos as mãos e rezamos pedindo a proteção dos antepassados para a terrível travessia que íamos enfrentar e as incertezas da missão que nos cabia desempenhar. Levávamos conosco o conhecimento e a sabedoria de Atl.An para compartilhar com outros povos. E como símbolo das chamas que

devíamos disseminar onde quer que fossemos, escolhemos cada um de nós uma brasa da nossa última fogueira nas terras de Atl.An e com elas fizemos o nosso braseiro sagrado. O barco enfrentou duras provas ao navegar o mar aberto. O clima já prenunciava as grandes transformações que o planeta estava sofrendo. As ondas altas e revoltas quase nos fizeram naufragar mas conseguimos manter o braseiro aceso com o calor de nossos corpos e o alento da nossa respiração, desafiando as chuvas, os ventos, as tempestades. Para nós, aquela chama viva representava o fogo espiritual do povo de Atl.An e alegramos nossos corações quando afinal chegamos no grande delta do rio e navegamos Nilo acima. Ao aportarmos em terra firme, agradecemos por trazer a chama da ascensão conosco. Na primeira noite na nova terra nos juntamos em torno do braseiro e avivamos o fogo para nos aquecer.

O mestre silencia e após alguns minutos uma voz desconhecida fala atrás dele.

-Bem vindo seja, filho de An.ki Ptah. Vejo que tu também, como eu, numerosas vezes vem trilhando o caminho subterrâneo que conduz à luz. Assim como os antepassados que viveram eons renovando-se e renascendo nas galerias do Tuat, onde o rio da vida flui eternamente, também nós ascendemos da escuridão à luz para renovar nossas energias e renascer em nosso pleno poder.

As atenções se voltam para a mulher que fala. Ela é soberba. A tanga de pele que cobre uma ínfima parte de seu corpo grande e forte revela formas perfeitas. São chamas ardentes e longas os seus cabelos e os olhos são dois pedaços de céu. A pele é alva

como as nuvens de um dia ensolarado e as mãos enfeitadas com anéis finamente trabalhados em ouro e turmalinas descansam sobre a juba de um formidável leão.

O rosto branco de Du.Ana se tingiu levemente de vermelho. Ela sentiu o mesmo ardor de anos atrás, quando essa formosa mulher a beijou, com os lábios molhados de vinho, durante uma festa em homenagem à deusa Ceres. Estavam então em Creta, onde o amor e a sensualidade vibram à flor da pele, e as guerreiras que viviam reclusas em uma comunidade de mulheres na Capadócia, às margens do rio Termodonte, vieram para a festa e se divertiam largamente. A jovem Du.Ana se deixara impressionar por uma delas, a lendária parenta que nasceu nas montanhas do Cáucaso e delas desceu para liderar a tribo de mulheres guerreiras. O seu fascínio não passou despercebido por Dan. Ana, que se divertiu em beijá-la e passar a mão em seus seios. Viram-se mais uma vez em Creta sem se tocarem ou falarem, quando Dan. Ana lhe sorriu de longe, já a caminho do porto, onde embarcou para encontrar os irmãos que estavam lutando pelo domínio das ilhas do Atlântico Norte.

E ali estavam agora, frente à frente.

- Prazer em revê-la, Du.Ana. Vejo que desabrochou plenamente em ti a mulher que se anunciava em teu corpo de menina.

Du.Ana agradece o cumprimento inclinando levemente a cabeça, numa tentativa de disfarçar o rubor.

Dan.Ana convida o grupo para fazer a primeira refeição do dia com ela. Logo após se deliciarem bebendo cerveja fresca e comendo frutas, pão e queijo ao ar livre, a anfitriã e os convidados se dirigem para a montanha. Depois de percorrerem uma estreita e sinuosa trilha, entram no interior da montanha por um portal de pedra. Descem uma longa escadaria até chegarem numa enorme caverna subterrânea. Na entrada da caverna passa um rio. Os viajantes se lavam e se refrescam, substituindo as roupas quentes que vestiram na madrugada fria por túnicas leves que encontram penduradas numa parede de pedra às margens do rio.

As paredes e o teto da caverna são decorados com mosaicos e pinturas. Grandes murais mostram paisagens fantásticas. Embora não se vejam janelas filtrando a luz exterior, o lugar é muito luminoso. O piso é feito de material vitrificado e transparente sobre um extenso tapete de flores secas, iluminado internamente por focos de luz. Pisa-se em flores luminosas o tempo todo. Um grande braseiro aceso no centro do salão exala o refrescante perfume de madeiras aromáticas e os exilados do Oriente sentam-se em torno dele com Dan.Ana. Após alguns minutos de concentração, a voz do mestre retumba nas paredes da caverna.

- Está instaurada neste local e neste momento uma assembléia da Irmandade da Serpente no exílio. Continuaremos a seguir os preceitos que fundamentam a Irmandade, sem reconhecer porém a liderança daqueles que a estão usando no caminho do Serviço a Si.

O sol flamejante da gênese masculina se tornará o signo dominante nos tempos vindouros e o ímpeto expansionista e guerreiro submeterá a Grande Mãe, sufocando a voz de seus sacerdotes e sacerdotisas. Trazemos a herança genética do Povo da Serpente conosco e seremos demonizados, pois a Serpente se tornará o símbolo do Mal na face da Terra. É tempo de nos recolhermos ao ventre da Grande Mãe para nos protegermos e protegê-la da insensatez que reinará em sua superfície pelos guerreiros cúpidos que a violarão sem cessar.

Vamos ancorar nossa energia em um lugar onde a exuberância da Grande Mãe é tão forte que a sua representação humana continuará a andar soberana pelas matas e a navegar livremente pelos rio. Nesse lugar, a Grande Mãe continuará a ser amada e reverenciada. Mesmo quando todos os reinos do mundo restarem com suas matas devastadas e suas águas contaminadas, as florestas e os rios dessa porção da Grande Mãe continuarão íntegros, a pulsar sua energia vital para toda a humanidade.

O mestre faz uma pausa e passeia o olhar em cada um dos presentes antes de continuar.

- Para mim começa um novo tempo de repouso e restauração. Todos os que aqui estão são meus discípulos e parentes e a vocês deixo o legado da minha maestria e do meu conhecimento. Daqui partirão cada um com uma missão para cultivar as sementes da sabedoria junto aos povos de várias origens que vivem no outro lado do mundo.

Cada uma das pessoas sentadas na roda estremece em seu íntimo com as palavras finais do mestre. Du.Ana é a primeira a denunciar as dúvidas que surgem na mente de cada elo da roda.

- Devemos entender pelas suas palavras que não seguirás conosco para as terras de Amaru?

- Assim é. Minha lenda repousa agora no Tuat. Encerro uma grande jornada nas terras do Oriente e como filho de Atl-An que sou é tempo de me recolher à casa materna nas profundezas da Terra para emergir com uma nova disposição em um novo tempo.

Venho me apresentando em diversas realidades como mestre e criador. Entre os mitos por mim criados estão codificados os processos de criação. Cada mito encerra várias lições para que as almas possam aprender e tecer seus próprios fios na grande trama cósmica. Cada um de vocês criará um mito sobre nós. Pois em verdade, tudo é mito e o mito é tudo.

Confio meus ensinamentos aos discípulos para que, seja qual for o caminho trilhado, possam tecer os fios que ajudarão outros a criarem suas próprias tramas. Muitos se lembrarão e citarão os ensinamentos que deixei em pergaminhos, tábuas, pedras, muros e paredes e principalmente nos corações daqueles que me ouviram e me amaram. Os ensinamentos são chaves do saber e memórias genéticas que passarão de alma para alma através de gerações até que se completem os ciclos. No tempo devido

os discípulos encarnarão como mestres dos seus contemporâneos para recordar e acordar. Eu os ajudarei e os guiarei.

O mestre silencia e por um momento fecha os olhos. Ao reabri-los, olha para cada um dos presentes e recomeça a falar pausadamente.

- Cada um de vocês será um desdobramento de mim entre os povos do Ocidente para executar a missão que nos cabe como herdeiros da união entre o Céu e a Terra. Temos em comum nas nossas origens o casamento entre um filho do Céu e uma filha da Terra. Fomos criados para que diminuíssem as guerras entre o povo que veio de outro mundo e os nativos deste planeta. Trazemos dentro de nós o sopro da paz e precisamos transformar cada sopro nosso em uma grande ventania.

– Mestre...disseste no barco que as guerras vão continuar?

- Sim. A Nova Ordem Mundial que emana de Babilí impõe a conquista e a dominação. Após terem vencido o seu histórico rival de muitos milhares de anos, conseguindo expulsar os descendentes dos antigos nativos da Terra para as suas profundezas, os descendentes dos filhos do Céu se fraturam em suas próprias guerras internas, usando a humanidade que criaram na superfície do planeta para morrer por eles. Os deuses não mais caminharão entre os homens. Muitos já se foram, e os que restaram estão se tornando invisíveis. Os descendentes dos filhos do Céu ocuparão o lugar dos deuses na Terra e se preocuparão em manter a sua linhagem e o poder das

suas famílias. Mas em verdade, o Céu já não lhes pertence e não há mais para onde ir. Todos estamos, de uma forma ou de outra, ligados aos sonhos e pesadelos que criamos no planeta, e nele deveremos encarnar e reencarnar até que se complete o ciclo. Nas camadas ocultas da Terra Interior e nas dimensões suprafísicas do planeta serão jogados os dados que decidem os destinos dos humanos terrestres, sem que estes saibam que estão sendo usados como peças de um jogo muitas vezes cruel. A verdadeira história da Terra lhes será omitida. Desconectados de sua origem, enganados por aqueles que deveriam guiá-los, os terrestres da superfície viverão como marionetes manipuladas por forças invisíveis que não saberão controlar.

Mas nem tudo está perdido. As terras para onde vão agora formam um imenso continente e os guerreiros ários que estarão à frente das conquistas não se ocuparão tão cedo dessas terras ocidentais. Ainda há muita conquista para eles nas terras do lado oriental do mar de Atl-An.

- Levaremos o conhecimento para as tribos de Amaru que sobreviveram à grande inundação?

- Sim. Esses povos guardarão o segredo da Terra Interior e reconhecerão os seus moradores como ancestrais divinos e irmãos maiores. Preservaremos entre eles o convívio íntimo com a natureza para que a respeitem como a Grande Mãe de todos nós que aqui vivemos. Dentro de cada um de nós, gravada em nossas células e nossas cosmovisões, está a consciência de sermos filhos de uma mesma mãe. Sabemos que o

princípio feminino do universo é fundamental e manifesta a essência das tradições espirituais da humanidade. As mulheres são uma manifestação terrena do sagrado mistério da criação, mas como sabemos também, os deuses da raça branca que desceram das montanhas do leste não respeitam o sagrado mistério da criação e suas manifestações terrenas. Eles elegeram o metal duro e frio para forjar sua cultura e rasgarão a pele da Grande Mãe para extrair dela as suas entranhas e com elas criar mundos controlados pela tecnologia e afastados da natureza.

Mostraremos o contrário às nossas tribos aliadas de Amaru. Ensinares que o ouro e a prata são emanações divinas do Sol e da Lua, e só devem ser usados para a evolução e a consagração da união entre o Céu e a Terra. Mostraremos como usar os recursos da Terra sabiamente, sem exauri-la. Utilizaremos o conhecimento que desenvolvemos para que as povoações sejam um espelho da vida aberta ao cosmos. Firmaremos a consciência de que as matas são santuários naturais e os mananciais de água representam divindades que correm o mundo oferecendo alegrias e criando alimentos para todos. Em tudo e por tudo, destacaremos a presença da essência criadora.

As famílias não deverão ter o preconceito de se misturar com outras famílias para que sejam diluídas as diferenças que separam tribos irmãs. Entre elas, o amor será livre. Ao contrário de nossos parentes que se preocupam em preservar a linhagem dos filhos do Céu com uniões sacramentadas pelo sangue para assim reforçar o seu poder, eu lhes

digo: amem e façam filhos com quem desejarem. Sois príncipe e princesas com alta qualidade genética. Aqueles que não optarem pelo celibato sejam generosos e doem sua genética para a humanidade. Somente quando todos entenderem que somos uma grande família interplanetária e as riquezas de cores e matizes fazem parte do nosso tesouro comum, é que poderemos alcançar uma paz duradoura.

Vamos nos interiorizar agora e absorver o significado das palavras que foram ditas. Talvez seja esta a última vez em que nos encontramos nesta vida. Voltaremos a nos encontrar em outros tempos e espero não me decepcionar. Cuidem-se para não se deixarem envolver pelos muitos caminhos tortuosos e corruptos que se abrirão para os adeptos da Irmandade. Jamais traiam seus verdadeiros propósitos - mesmo que isso lhes custe a vida. Precisamos nos manter íntegros para que possamos trabalhar juntos através dos tempos. Antes que possamos conversar sobre a missão que cada um irá executar nas terras de Amaru, vamos fechar os olhos e serenar a mente para que cada um encontre dentro de si as dúvidas que possam atormentar e as certezas que possam aliviar para serem compartilhadas em grupo.

Enquanto os discípulos olham para dentro de si, o mestre aviva o fogo com as plantas aromáticas que repousam aos pés do braseiro. Um delicioso perfume se espalha pelo salão, relaxando os músculos tensos.

A primeira a se pronunciar após a meditação é Ana.Is.

- Levaremos o aroma da paz para um império em guerra. As notícias que chegam dos barcos que fazem a travessia do mar de Atl.An contam que também no Ocidente a guerra predomina. Mon.An governa as terras de Amaru com mãos de ferro, e para manter o controle sobre as muitas tribos aliadas, estimula a rivalidade e a conquista entre elas. Como poderemos manter o aroma da paz e transformar nosso sopro numa ventania em semelhante situação?

- O Império do Ocidente não é apenas um. Assim como no Oriente, os poderes sobre as regiões mudam de mãos ao sabor do tempo e das gerações. Sabemos que o príncipe Wira.Cocha rebelou-se contra a autoridade de Mon.An e foi punido com o exílio na ilha do grande lago Titi.Kaka, onde repousam as ruínas de Tiw.Ana.Ku. Enquanto Mon.An concentra seu maior esforço na recuperação das cidades do antigo império ao longo do rio Amaru.Mayu, Wira.Cocha emerge do lago Titi.Kaka e reafirma o poder de Tiw.Ana.Ku para juntar vários povos em torno de si e fundar um novo reino. Mon.An e Wira.Cocha firmaram um pacto de não agressão. Wira.Cocha manterá as fronteiras do novo reino entre a costa oeste e a grande cordilheira, não interferindo nos domínios de Mon.An, que abarcam toda a imensa floresta à leste da cordilheira e no entorno expandido de Amaru.Mayu.

Não vamos nos submeter nem a um, nem a outro. Vamos ancorar a nossa energia no lugar em forma de monastérios, com retiros independentes. Trabalharemos na superfície, mas nosso centro de referência e convívio serão os retiros subterrâneos.

Existem vários deles espalhadas pelas terras de Amaru, ligados por uma rede de túneis oculta abaixo da superfície. Escolheremos os lugares que nos parecerem mais estratégicos e junto a eles criaremos nossas bases de operação.

As terras de Amaru guardam, desde tempos remotos, registros trazidos das terras submersas, contendo cada um deles uma parte da história da humanidade. Alguns desses registros foram gravados em discos de ouro alquímico e se encontram guardados nos retiros subterrâneos. Faz parte de nossa missão no Ocidente, contribuir para a preservação desses conhecimentos àqueles que merecem recebê-los quando os tempos forem chegados, sem descuidar da tarefa mais elementar para todos: o apoio aos povos nativos para que perseverem na prática dos preceitos da sabedoria universal.

Nem todas as tribos querem submeter-se ao poder dos Impérios. Existe toda uma nação que está partindo em grande peregrinação para encontrar uma terra sem mal, que acreditam ser como a morada dos antepassados divinos. A grande Nação Tupy está deixando as matas fechadas entre as encostas orientais da cordilheira, o Planalto Central e o Grande Rio para se aventurar através da sua malha de afluentes. O povo Tupy é formado por grandes navegadores e sábios sacerdotes, herdeiros dos ensinamentos que as gentes da raça vermelha trouxeram das terras submersas. Quando essas gentes chegaram nas terras de Amaru e plantaram a linhagem Tupy, já encontraram outras gentes que viviam em tribos nômades de coletores. Esses antigos nativos receberam dos chegantes o nome de Tapuya. E por serem todos, Tupy e Tapuya, povos que usam

tronco, caule, folhas e frutos de altas árvores que crescem às margens dos cursos de água onde constroem habitações leves e provisórias, houveram por nomear sua terra comum de Pindorama, que significa no linguajar deles, Terra das Palmeiras.

Vamos acompanhar as tribos em sua peregrinação ao redor e através do continente, pois serão elas futuras guardiãs das tradições estelares e do respeito à natureza quando o planeta estiver dominado pela tecnologia guerreira dos deuses da raça branca. Vamos abrir o mapa das terras de Amaru e nele focalizaremos especialmente essa Pindorama selvagem das tribos nuas e simples, porém não menos sábias. Escolheremos as galerias subterrâneas onde vamos apoiar as nossas bases e traçaremos as linhas gerais do trabalho que nos cabe realizar na superfície.

15

TAL PAI...TAL FILHA

Olá, Manoa

O Guaíba me traz a sensação de navegar num outro tempo. Quando a gente se envolve profundamente com a natureza de um lugar, tem-se a impressão de quase desaparecer deste mundo. A gente fica à beira de penetrar num outro mundo, quem sabe esse onde vivem os elementais da natureza, mas a gente acaba não entrando nessa porque tem medo de se perder lá e não voltar mais pra cá.

Mesmo ficando aqui, esse Guaíba nos traz histórias de outros mundos.

Neste fim de semana conhecemos o dono de um veleiro que aportou em Itapuã. Conversa vai, conversa vem, ficamos sabendo que ele conheceu nosso avô Hermes e obteve através dele algumas informações fantásticas. Esse homem respeitava muito nosso avô pela sua erudição e disse que, quando ele finalmente encontrou a sua Estrela da Manhã e a trouxe para casa, algo surpreendente se passou: pai e filha se entenderam como se houvessem sempre vivido juntos. Porque os estudos herméticos dele

combinavam muito bem com a formação indígena dela. E ambos compartilhavam o conhecimento sobre raças e civilizações que nos antecederam e foram exiladas da face do planeta, sendo também suprimidas da história da humanidade. No chamado mundo civilizado, esse conhecimento ficou restrito às sociedades secretas que transmitiam para seus adeptos os ensinamentos da antiga tradição dos povos. No chamado mundo selvagem dos nossos ameríndios, esses conhecimentos eram preservados de geração em geração e se tornaram um segredo após a colonização, porque a civilização criada pelos brancos adormeceu a consciência e não sabe mais lidar com essas realidades que existem na Terra Interior e nos seus planos suprafísicos.

O velejador disse ainda que, conforme aprendeu nas conversas com vô Hermes, quando os tempos fossem chegados e o planeta anunciasse o encerramento do ciclo desta civilização a fim de evoluir para uma nova dimensão de realidade, muitas almas das raças e civilizações exiladas da Terra encarnariam para despertar a consciência adormecida e por isso mesmo, apesar do genocídio praticado contra a raça vermelha, estão nascendo muitas crianças atualmente nas aldeias indígenas e reservas.

Pois é, Manoa. Você deve ter coisas interessantes para nos contar também, mas nunca responde às minhas mensagens. Onde está você?

O Juninho acha que já navegamos bastante por aqui, e poderíamos passar para uma outra etapa da nossa missão de resgate, conhecendo o lugar onde nossa mãe e nosso avô Hermes nasceram. Onde você também nasceu, Manoa. A antiga fazenda Três Pedras na cuesta paulista. Sabemos que esse nome tem a ver com as montanhas que apresentam ao longe uma formação parecida com um Gigante Adormecido. Os montes chamados Três Pedras seriam os pés do gigante e num deles estaria oculto o Templo da Serpente, um lugar de culto escavado na rocha ou instalado dentro de uma caverna já existente – isso não é muito claro para nós. Os usuários desse templo teriam sido, segundo as lendas locais, sacerdotes e sacerdotisas que vieram da Suméria, o atual Iraque.

A curiosidade do Juninho me contagiou. Na próxima semana estaremos lá, aos pés do Gigante Adormecido.

Apareça por lá também, Manoa.

Abraço do Chico



16

IKAMIABAS e AMAZONAS

Estrela Amiga,

As notícias vindas do Guaíba e os sonhos que elas provocam acordam em mim os ecos da consciência adormecida. Eu me conecto com a infância e as histórias que Tainá contava.

Em seus primórdios, antes de se fixarem perto da Serra do Roncador, os Xavante foram um povo nômade, formado por coletores e caçadores. Ao longo de suas andanças pelas terras de Pindorama, os Xavante foram muitas vezes renomeados e reuniram muitas histórias de tribos diversas para contar em suas rodas de fogueira. Nas aldeias Xavante, as ocas são construídas em círculo, com uma abertura para o rio. No centro fica o pátio onde se realizam as atividades comunais e se promovem as rodas de narração de sonhos e contação de histórias.

Uma das histórias contadas nas rodas das aldeias que mais fascinava Tainá era a epopéia das guerreiras Ikamiabas. As mulheres precisam contar essa história, dizia Tainá, para recordar e acordar o poder feminino que ficou esquecido na sombra do passado.

Dizem os antigos que havia um reino próspero ao norte do rio Amaru. Mayu – o nome indígena do rio Amazonas, e sua gente habitava os vales entre as montanhas onde agora é a fronteira entre Brasil e Venezuela. O cume mais alto era chamado de Ikamiaba, e assim se nomeou a gente do lugar em tempos pretéritos. Essa gente navegava pelos rios Yamundá e Oximirim (que hoje se chama Trombetas), chegando até a foz do Amaru. Mayu para fazer comércio com as tribos populosas que ali viviam. Quando os invasores brancos começaram a chegar em hordas agressivas pela foz do Amaru. Mayu, subjugando e submetendo as tribos, pilhando e incendiando as aldeias, escravizando os homens e violentando as mulheres, o conselho de Ikamiaba decidiu recuar em seu território para não confrontar tamanha ameaça. Foi então que algo inusitado aconteceu: um grande panelaço como nunca antes se ouvira nessas matas e montanhas. As mulheres de Ikamiaba bateram em suas panelas e as jogaram no chão, empunhando as armas dos homens que preferiam recuar e chamando-os para o combate.

As mulheres de Ikamiaba lideraram a resistência contra os invasores brancos e sustentaram vários anos de batalhas. Navegavam canoas e disparavam flechas com os

guerreiros do reino nos afluentes ao norte do Amaru. Mayu, fechavam acessos com pedras e incendiavam os barcos na foz onde os estrangeiros costumavam aportar. Muitas vidas se perderam nas batalhas até que se pudesse viver em relativa paz no território que hoje se chama Roraima, ao longo dos vales entre as serras de Parima e Paracaima. Quando isso aconteceu, a vida nas comunidades locais estava transformada. As mulheres haviam assumido o comando e já não se submetiam mais aos homens. O casamento deixou de existir formalmente e os casais só permaneciam juntos durante a concepção e a gravidez. As mulheres preferiam viver nas montanhas e delas desciam durante a lua cheia, quando celebravam rituais de fertilidade num lago perto do rio Yamundá. O lago se chamava Jacyuara – o Espelho da Lua. Nesse espelho as mulheres de Ikamiaba se banhavam, se enfeitavam e faziam amor com os namorados. Eles eram presenteados com pedras verdes que as Ikamiaba recolhiam nos rios da região. Essas pedras possuíam formato pastoso quando eram retiradas dos rios em noites de boa lua, e as mulheres as moldavam antes de endurecer com formas de animais de poder, principalmente rãs e felinos. Conhecidas como muiraqitãs, as pedras moldadas pelas Ikamiabas conquistaram fama de talismã capaz de trazer boa saúde ao portador.

Com o tempo e o domínio cada vez maior dos brancos na região amazônica, as mulheres de Ikamiaba foram às últimas conseqüências para não se entregarem ao inimigo: destruíram as próprias aldeias com tudo o que havia nelas, abandonaram os territórios de superfície e adentraram as galerias subterrâneas escavadas há muito tempo pelos antigos mestres nas montanhas.

A resistência de Ikamiaba e o grito de sua valentia se fez ouvir ao longo do leito de Amaru.Mayu e nos seus afluentes do lado de cá e de lá. A rebelião das mulheres ainda é lembrada e encenada por várias tribos em cerimônias rituais. No Alto Xingu, uma vez por ano, algumas aldeias promovem o ritual do Yarikumã. Nesse dia as mulheres assumem o poder nas aldeias, tocam os instrumentos de sopro, tomam decisões, cantam e dançam, enquanto os homens as substituem nas tarefas domésticas. À noite, elas vestem máscaras ritualísticas e fazem amor com os homens.

Esse exercício do poder feminino não evoca apenas a memória recente das guerreiras Ikamiabas. Traz também a lembrança profunda dos tempos em que, assim como em outras partes do mundo, também no antigo império de Amaru a deusa andava livre e soberana pelas matas. Eram as mulheres que tocavam os instrumentos de sopro e vestiam as máscaras ritualísticas. Dizem as lendas que o poder feminino foi desafiado quando um dia desceu do céu Jurupari, o filho do sol. Ele perseguiu uma das mulheres que tocava paxiúba e vestia máscara, deitando-a na pedra para possuí-la e aos seus instrumentos de poder. Desde então, os filhos do sol assumiram o comando no mundo e criaram a Casa dos Homens e a Festa dos Homens, onde as mulheres não podem se meter. Elas também não podem mais tocar a paxiúba e vestir as máscaras.

Entre as mulheres assim submetidas do mundo amazônico, as Ikamiaba se tornaram uma lembrança viva e recente dos tempos remotos em que a deusa reinava no mundo de Amaru.Mayu. Essas mulheres que subverteram a ordem social imposta pelos filhos

do sol marcaram definitivamente a sua história ao serem identificadas pelos invasores europeus com as Amazonas, famosas guerreiras que faziam parte de uma comunidade feminina na distante Capadócia. Provavelmente, devem ter existido em várias partes do mundo comunidades ou monastérios de mulheres que não desejavam se submeter às arbitrariedades dos deuses masculinos e preservavam entre si o culto à deusa. Embora negado pela sociedade contemporânea, esse culto ressoa tão forte na memória humana que a partir das batalhas entre os invasores e as mulheres de Ikamiaba o rio Amaru. Mayu ganhou um novo nome, e ficou conhecido como o rio das Amazonas. Toda a sua bacia hidrográfica se tornou Amazônia, ou terra das Amazonas - numa colossal homenagem ao poder feminino. Na verdade, mesmo que os colonizadores europeus não soubessem, o grande rio já era uma homenagem ao poder feminino, pois o significado do antigo nome Amaru. Mayu é **Grande Mãe Serpente**.

17

NAS TERRAS DE AMARU

***Dan.Ana traz um grande mapa e o fixa na janela do salão.
Então oferece uma vara de bambu ao mestre e todos se aproximam para
ver o mapa e assimilar os roteiros que ele vai traçar.***

- Comecemos pela origem dos povos que vamos conhecer e conviver. O coração de Pindorama. Ali, no chão firme de um planalto com formações rochosas que remontam há mais de dois bilhões de anos, vieram habitar em tempos pretéritos os peregrinos cósmicos que se dispuseram a trazer para a Terra a manifestação de uma consciência elevada. O lugar se tornou desde então um porto que recebe visitantes de vários mundos e dimensões. Ali se guardam recordações de muitas vidas passadas ao longo da história da humanidade terrestre, e pela sua própria herança, o lugar se transformou em um laboratório de sementes estelares e um nascedouro de povos. Com o passar do tempo, as entidades elevadas que trouxeram a manifestação da consciência se

recolheram para uma dimensão mais sutil, e o planalto se tornou palco das sagas dos povos criados.

Foi ali que desembarcaram há muitos milhares de anos os fundadores do Império de Amaru, e ali plantaram a linhagem dos antigos Tupy. A partir dessa linhagem várias tribos se formaram e se dispersaram por todo o continente. Nesse planalto primordial se estabeleceu o reino de Manoa, e nos subterrâneos de sua cidade – templo, ficava o retiro e a morada dos fundadores. Guarda este nome, princesa de Babili, pois ele será teu código na missão que te caberá executar: Manoa.

Tu vens da Terra entre Rios, e tua nova jornada também se fará numa terra entre rios. Faça dos novos rios da tua vida o mais vibrante poema a ser continuamente declamado. Os nomes são melodiosos. Entoa baixinho quando fores dormir: Xingu.....Kuluene... Waue...

Trazes em teu coração a lembrança amarga da destruição e da morte. Pois tua tarefa alquímica será transformar esta dor em amor, manifestando a criação e a vida. Tu plantarás no teu coração e no coração da humanidade a semente de uma nova raça, formada pelo encontro e a união de todas as raças.

As palavras do mestre foram acolhidas por Du.Ana com o brilho de lágrimas dançando nos olhos, porém desta vez a emotiva poetisa não mais celebrava a tristeza e sim a alegria de viver.

- Grata pelo roteiro que traçastes para mim, irmão e mestre. Eu não saberia fazê-lo melhor.

O mestre cumprimenta Du.Ana com um inclinar da cabeça. Apontando o bambu para a porção leste do mapa, onde se estende a cordilheira dos Andes, ele se dirige para Ana.Is.

- Tu vens da beira de um grande rio, que dizem ser o maior do mundo. Pois se o Nilo é o maior em seu longo percurso ao longo das Terras Escuras, existe um outro rio que a ele se equipara e até o ultrapassa no volume majestoso das águas. Amaru-Mayu é o seu nome. Essa grande mãe serpente faz o seu traçado sinuoso desde a grande cordilheira a leste até desaguar no mar de Atl.An. Tua morada será próxima à nascente, um lugar que se tornará a testemunha de grandes criações dos povos. Paititi é o código da tua missão, e nesse reino tu encontrarás os aliados do povo serpente que contarão as histórias que te cabe registrar. Seja a escriba, Ana.Is, e seja também a sacerdotisa, para que possas registrar, celebrar e guardar para as gerações vindouras a saga e a glória das tribos épicas que vivem no entorno generoso de Amaru-Mayu.

O reino do Paititi se insere num importante ponto de confluência onde principiam os domínios de Mon.An e onde Wira.Cocha começa a gestar seu império. Ao retiro do Paititi está destinado um grande serviço, pois ali será a nova morada dos mestres do Darma, quando essa região do planeta anunciar a aurora de uma nova humanidade.

Ana.Is recebe sua tarefa em silêncio e dirige um cumprimento ritual ao mestre. Os vibrantes olhos negros lançam as chamas do fogo que tempera seu caráter e molda seu rosto de esfinge.

O mestre aponta o bambu para a região norte do mapa e olha para Dan.Ana.

- Salve, formosa anfitriã. Tu herdaste a índole guerreira de teu pai e o conhecimento mágico de tua mãe. És tão famosa na margem leste do mar mediterrâneo pela tua valentia, quanto és respeitada pela tua magia nas ilhas do mar de Atl.An. Usarás teu poder de liderança para reunir em torno de ti uma tribo de mulheres guerreiras e magas que habitarão as cavernas de uma cadeia de montanhas. O nome do monte mais alto será também o nome do teu reino: Ikamiaba é o código da tua missão.

Tu criarás um monastério feminino e manterás alta a vibração do poder feminino nessa região, contra as tendências patriarcais que fatalmente virão do leste pela foz do grande rio. As mulheres da tribo serão treinadas para guerrear quando necessário em sua autodefesa e na defesa das gentes que navegam pelo Amaru-Mayu. Que a tua tribo de sacerdotisas guerreiras seja um farol que ajude o navegante do grande rio a chegar em bom termo na foz e se deslumbrar com o mar.

Quando o mestre termina de falar, Dan.Ana abre o rosto num largo sorriso de agradecimento. Ele então circula o olhar pelas três mulheres e lhes fala:

- Vocês estarão aparentemente sozinhas e isoladas, cada qual em sua missão, mas isso não é exatamente verdadeiro. Pois todos os três reinos – Manoa, Paititi e Ikamiaba, estão unidos por uma galeria de túneis subterrâneos. Vocês poderão se comunicar mais seguramente através dessa galeria, sem que seja preciso atravessar os territórios de superfície, onde podem sempre existir guerreiros hostis, ou quem sabe apaixonados, o que pode vir a dar no mesmo. Cuidem-se, pois os ventos que sopram do Leste trazem o aroma rude da supremacia masculina. Escolham cuidadosamente entre os refugiados de Kem e de Shumer que estarão chegando em breve pelo mar, aqueles melhor habilitados para ajudá-las e protegê-las em suas missões.

Enquanto o mestre fala com as discípulas, Ilu.An revela no rosto ainda imberbe um quê de interrogação. Ele pensara que trabalharia junto com as mulheres a quem já se havia afeiçoado, mas parece que fora deixado de fora do grupo.

O mestre percebe sua aflição e lhe sorri.

- Fostes deixado por último porque és o mais jovem do grupo, e a espera te ensina a domar a impetuosidade. Tu te criaste nos campos verdes do nosso Crescente Fértil e nunca te coube habitar os recintos fechados dos templos de superfície ou adentrar os subterrâneos da Terra como as mulheres aqui presentes. Pois para ti está reservada uma missão a céu aberto. Tu abrirás novas estradas e aperfeiçoarás aquelas já existentes no interior do continente, ajudando os povos a descortinarem novos caminhos e se interligarem em mútuas trocas. Os conhecimentos que adquiriste nos cuidados

com o plantio e a colheita serão transmitidos às gentes que encontrares. Peabirú é o código de tua missão, e através dessa grande rede de estradas continentais, tu semearás o saber do povo Tupy e apoiarás o encontro das duas grandes tribos que partem em peregrinação por caminhos distintos. Esse encontro final das tribos no caminho do Peabiru se dará nas matas de Ybytucatu, após ambos os ramos do tronco Tupy terem se espalhado e deitado suas raízes ao longo do contorno de Pindorama e mais além, ao sul do continente.

Quanto a mim...como eu já lhes disse, fico para o necessário repouso nas galerias do Tuat, de onde irei emergir novamente com outros nomes e novas tarefas como instrutor da humanidade. Também estarei executando uma missão em tempos não muito distantes nas terras de Amaru. Quando ouvirem falar em Kukulkan - a Serpente Emplumada, saberão que cheguei no Ocidente.

O mestre se cala e abre os braços para abençoar e abraçar os discípulos.

18

TIRANDO OS VÉUS

Estrela amiga,

Vou lhe contar agora sobre o que se esconde nas matas de Ybytucatu. Esse é o meu mistério mais profundo e me acostumei a nunca falar sobre ele.

Nos mesmos montes místicos onde se diz estar o Templo da Serpente, fica a caverna onde meu bisavô Tónico morava. Muitas expedições já foram feitas nesses montes e montanhas que formam o corpo do Gigante Adormecido. Foram encontrados vários indícios da gente culta e civilizada que andou por ali bem antes da invasão européia. Alguns desses indícios ficaram gravados em pedras na antiga linguagem dos sumérios.

As expedições buscam indícios na superfície das montanhas e ninguém se aventurou realmente a entrar dentro delas e percorrer a galeria subterrânea que leva à caverna onde fica a biblioteca dos antigos. A entrada fica na superfície mas está muito bem escondida por pedras e galhos na mata densa. Ninguém sabe como o bisavô Tónico

encontrou a entrada, ele nunca comentou com ninguém e nem deixou nada escrito sobre isso.

O fato é que depois de endoidar e abandonar a família para viver nas montanhas da cuesta, o bisavô Tónico seqüestrou o próprio filho na casa da fazenda. Vô Hermes adentrou a caverna com o pai e se tornou também um guardião dos mistérios. Na época ele nem entendia muito bem o que significava isso, pois era ainda um menino. E era ainda um menino quando o pai deixou a caverna para pregar o advento de uma nova era de paz e cooperação para a humanidade. O bisavô Tónico se tornou conhecido e seguido como profeta, fundando uma comunidade messiânica nas terras desocupadas de uma grande fazenda. A ocupação não agradou aos proprietários locais, o bisavô Tónico foi assassinado e vô Hermes ficou tão transtornado que passou muito tempo sem retornar à caverna. Só depois de marchar durante dois anos pelo Brasil afora com um líder messiânico como Luis Carlos Prestes é que vô Hermes compreendeu a essência do profeta. E só depois das experiências vividas na Serra do Roncador é que ele acessou o espírito da caverna.

Ao retornar para a fazenda da família aos pés do Gigante Adormecido, vô Hermes passou a freqüentar a caverna. Mas a partir da dolorosa e traumática experiência com o pai, ele foi extremamente discreto e nunca chegou a romper relações com a sociedade e com a família. Vô Hermes se tornou um médico bastante respeitado na região e não

carecia de recursos materiais como seu pai, apesar de ser também um espírito desprendido. Ele pôde melhorar as instalações da caverna e ampliar o seu tesouro.

A caverna é dividida em dois ambientes por um rio subterrâneo. O primeiro ambiente é a moradia do guardião e além do rio se abre o salão do museu e da biblioteca, com seu fantástico tesouro de sabedoria. No centro do salão repousa uma ampla mesa de estudos e ao seu redor se espalham diversas urnas exibindo desenhos, pinturas, gravuras, esculturas e artefatos raros. Nas paredes ao longo da margem do rio se erguem estantes com livros, papiros, tábuas de argila, mapas, apostilas e cadernos. As estantes são iluminadas por tochas pregadas nas paredes e as próprias paredes são uma extensão do museu-biblioteca, trazendo inscrições em línguas estranhas e símbolos exóticos.

Com o desaparecimento de vô Hermes no mais profundo da montanha, minha mãe se tornou a guardiã da caverna. Antes dele desaparecer, ainda durante a minha gestação, Tainá passou um tempo lá. Vô Hermes sabia que as gentes de formação indígena são guardiãs dos mistérios pela sua própria natureza. Eu mesma nunca estive lá e não soube da caverna até pouco antes de Tainá ir embora. Só então ela revelou o segredo e me entregou um mapa do lugar com a localização da entrada oculta. Quando deixei a chácara na beira do Guaíba e passei a perambular por aí como uma contadora de histórias, a caverna se tornou a minha única referência de um lar. Embora eu nunca

tenha ido lá fisicamente, guardo viva na memória a descrição que Tainá me fez dela e às vezes me transporto para lá em pensamento.

Sinto que o tempo de seguir o mapa e descobrir a entrada oculta está chegando. Na verdade, os tempos são mais que chegados e os mistérios guardados ao longo dos tempos devem ser revelados. Vou seguir caminho para revelar a palavra dos antigos por que esse novo mundo de paz e cooperação que a gente tanto quer começou a ser sonhado há muitos e muitos anos atrás.

O caminho nunca foi fácil.

Nessa eterna busca de um mundo melhor a gente acaba vivendo à margem do mundo em que vivemos. Vamos corrigindo nosso rumo conforme as visões e as miragens se apresentam e geralmente elas não se encaixam na realidade criada por esta civilização. Como são tantas as andanças e as mudanças a gente vai largando muitas coisas pelo caminho e vai sendo largada também. Vamos nos despossuindo das coisas materiais e como a sociedade moderna só enxerga a matéria, a gente sente que está desaparecendo do mundo.

Esse é um momento muito importante na vida de um buscador da verdade. Porque surge um certo temor desse desconhecido no qual sentimos estar submergindo. A reação mais instantânea é nos agarrarmos a qualquer tábua que o sistema civilizatório nos ofereça para que possamos nos manter à tona no mundo conhecido. Mas essa é

também a etapa do caminho em que estamos prontos para ser o mundo que desejamos. Quando perdemos o pé no velho mundo é que podemos realmente incorporar o novo e ser aquilo que acreditamos. Em lugar de nos agarrarmos a ilusórias tábuas de salvação, cabe-nos assumir a nossa morte no atual sistema civilizatório e renascer de um outro jeito.

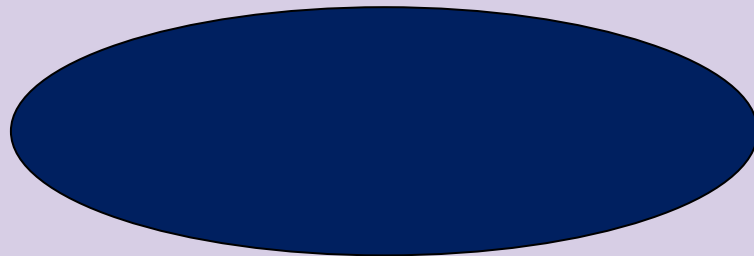
Para o ativista por um mundo melhor, esse pode ser um momento de grande angústia. Se alguém não é mais visto e ouvido – como fazer para melhorar o mundo? Então a gente se dá conta que numa certa etapa do caminho não basta mais simplesmente fazer – é preciso fundamentalmente ser. A cada passo do caminho precisamos ser e irradiar a paz e a fraternidade que sonhamos, não importa o que estejamos fazendo.

E quando a gente se dá conta disso, os milagres começam a acontecer.

Acredite se quiser, Merope, mas o maior dos milagres – o anunciado, o esperado há milênios, está acontecendo. Os povos da Terra estão despertando! É lindo de ver. Em todo o mundo as gentes se levantam exigindo dignidade e cidadania para os filhos da Terra.

Olhe para nós, Merope! Veja como nossas cabeças se alteiam e nossos olhos brilham!

Eu meu despeço agora, amiga. Tenho que seguir caminho e assumir o meu papel, seja ele qual for, na grande revolução que se alastra como fogo na Terra. É tempo de manifestar mais do que nunca o nosso eterno sonho que é sempre a construção de um mundo melhor onde quer que ele comece.



BIBLIOGRAFIA

Corpus Hermeticum

Hermes Trismegisto , Instituto Michael

Dioses del Éden

William Bradley, www.bibliotecapleyades.net

O cálice e a Espada – Nossa história, nosso futuro

Riane Eisler, Editora Imago

O complexo Dart Vader

Augusto de Franco, Editora Ágora

Os grandes iniciados, volume 3, Hermes

Edouard Schuré, Editora Martin Claret

Tábua de Esmeraldas

Hermes Trismegisto

The children of MU e The lost continent of MU
James Churchward

Web sites pesquisados (entre outros)

- www.bibliotecapleyades.net
- www.angelfire.com
- emummundodistante.blogspot.com



Anjee Cristina

criação editorial

Anjee Cristina trabalha com
jornalismo e literatura.

Desenvolve publicações
culturais, ecológicas e literárias.

Participa de projetos com
organizações sócio-ambientais.

Tem formação acadêmica em
Jornalismo e
Desenho Industrial.

(14) 8108 0303

anjecristina@gmail.com

livro revista jornal relatório folheto



ATIVIDADES JORNALÍSTICAS (1978- 2010)

São Paulo (1978 - 1992)

REPORTAGEM E REDAÇÃO

O GLOBO (sucursal paulista)
editoria nacional

FOLHA DE S. PAULO
editoria nacional

O ESTADO DE S. PAULO
editoria de economia e negócios

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO

OFICINA DE TEXTO
agência de comunicação

JORNAL DO MAR
periódico de náutica e meio ambiente

ECOPRESS
agência de notícias ambientais

Planalto Central (1992 - 2010) Brasília e Chapada dos Veadeiros

FOLHA DO MEIO AMBIENTE
jornal

GUIA LOTUS
revista

FLOR DA CHAPADA
jornal

GUIA DA CHAPADA DOS VEADEIROS
revista

BELAS PALAVRAS
editora

Além desses veículos e organizações com os quais manteve contratos fixos de trabalho, Anjee Cristina atuou como redatora, revisora e editora free-lancer para diversos outros veículos.

PRODUÇÃO LITERÁRIA (1979-2011)



(livros de reportagem e ficção)

Os exilados - reportagem (Alfa e Omega, São Paulo)

O mar em pedaços - romance (Oficina de Texto, São Paulo)

Marangatu, o rio amoroso - romance (Belas Palavras, Chapada dos Veadeiros)

Filhos da Lua e do Sol - romance (LGE, Brasília)

Caminhos do Planalto Central - roteiro ecoturístico e cultural
(Belas Palavras, Chapada dos Veadeiros)

Caminho do Paraíso - roteiro ecoturístico e cultural
(Belas Palavras & Oca Brasil, Chapada dos Veadeiros)

Nossa América Rebelde - romance (Belas Palavras, Chapada dos Veadeiros)

Estrela Amiga - romance (inédito)

Histórias de rio e mar - contos (inédito)

ATIVIDADES SÓCIOAMBIENTAIS (1988-2010)

SECRETARIA ESTADUAL
DO MEIO AMBIENTE (SP)
assessoria de comunicação

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA
participação na implantação

ASSOCIAÇÃO EM DEFESA DA JURÉIA
participação como conselheira

ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA ALTO PARAÍSO
participação na implantação de ecovila

INSTITUTO LUA DE
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
assessoria de comunicação

WWF-BRASIL / PROJETO VEADEIROS
assessoria de comunicação

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E
TURISMO DE ALTO PARAÍSO
assessoria de comunicação

GRUPO DE APOIO AO MEIO AMBIENTE
edição de informativos

OCA BRASIL
edição de informativos

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL
cobertura jornalística e
assessoria de imprensa

EXPERIÊNCIAS PLÁSTICAS E VISUAIS (1977-2011)

Óleo e acrílico sobre tela

Guache e nanquim
sobre papel

Criação de moda feminina

Artesanato com
fibras vegetais

Design gráfico

